NA PÁGINA CENTRAL: «WAGNER ENGRAVATADO PARA TURISTAS EM CALÇÕES»

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 1969 N.º 16 758 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

UM GRANDE EXCLUSIVO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

NESSE DIA A LUA ERA UM LUGAR ALEGRE

— afirma o astronauta Michael Collins, no seu artigo, após a primeira viagem que levou o homem ao nosso satélite.

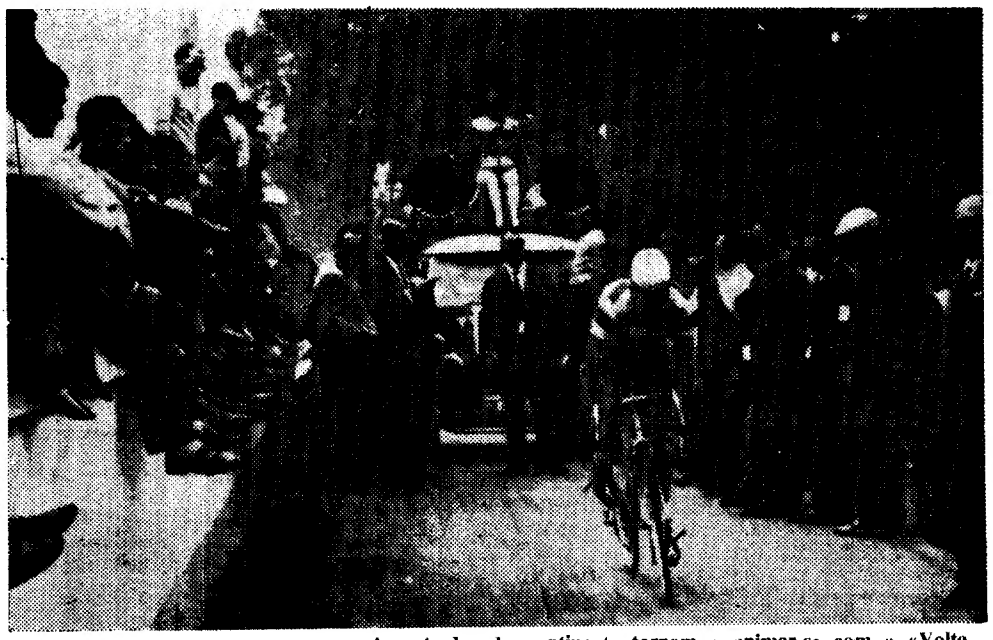
PUBLICAREMOS NA PRÓXIMA SEMANA

(SIMULTÂNEAMENTE COM OS MAIORES JORNAIS DO MUNDO)

AS DESCRIÇÕES DA CONQUISTA DA LUA FEITAS PELOS PRÓPRIOS LUNAUTAS

A VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

GRAÇA (do Tavira) —1.º em Azurara



As estradas do continente tornam a animar-se com a «Volta a Portugal em bicicleta» Esta manhã, ao longo do percurso entre Guardeiras e Azurara, esteve densa multidão a admirar o esforço e o brio dos ciclistas. Eis a partida do sportinguista Vítor Rocha, um dos valores mais jovens e prometedores da competição. (Telefoto)

AZURARA, 15 — (Pelo telefone) — Começou muito mal esta Volta a Portugal. Já tinhamos focado a improvisação de que parece rodear-se a importante prova ciclista. Hoje, porém, o caso transcende as marcas da vulgaridade.

Indicada inicialmente como devendo cumprir-se entre Padrão da Légua e Azurara a segunda etapa desta Volta a Portugal, soube-se ontem que o percurso fora alterado: seria entre Guardeiras e Vila do Conde na distancia aproximada de 14 quilómetros. Tudo parecia firmemente estabelecido: esta manhã, contudo, uma hora antes do início da tirada, soube-se que (afinal) já não era nada assim. E, após muitas conversações, decidiu-se (a Federação) a fazer a etapa no percurso entre Guardeiras e Azurara...

Os ciclistas começaram a partir ás 9 horas: percur-

(Continua na 17.ª página)

Fernando Mendes (Benfica) é o novo «camisola amarela»

REFORÇOS INGLESES PARA O ULSTER

LONDRES, 15 — (A.N.I.) — Vão ser enviados para a Irlanda do Norte, esta tarde, mais seiscentos soldados britânicos — anunciou esta manhã o Ministério britânico da Defesa.

O contingente vai ocupar o lugar das forças que foram destacadas para Londonderry e, se necessário, entrará em acção para manter a ordem nas ruas.

«As tropas entraram de prevenção esta manhã, em resultado de um pedido apresentado pelo general comandante militar da Irlanda do Norte, que pretende preencher o vazio provocado pela partida do primeiro batalhão do regimento do Príncipe de Gales para Londonderry» — afirma-se no comunicado do Ministério da Defesa.

A unidade que vai partir para a Irlanda do Norte é o terceiro batalhão do terceiro regimento de Infantaria, aquartelado em Plymouth.

NOVA NOITE SANGRENTA

BELFAST, 15 — (F. P.) — A Irlanda do Norte conheceu uma nova noite sangrenta.

Os tumultos mais violentos registaram-se em Belfast a capital da província autónoma, onde as desordens entre católicos e protestantes, que a Polícia em vão tenta separar se transformaram rápidamente numa autêntica «guerra de rua».

Depois de fechados os

(Continua na 9.ª página)

UM CONFLITO RELIGIOSO, ou melhor, um conflito social e uma luta nacional, a agitação do Ulster está á beira da sua própria transformação numa guerra civil. Enquanto se combate nas ruas das principais cidades, o Governo do Eire (Republica da Irlanda) enviou tropas para a fronteira com a sua irmã integrada no Reino Unido. NA FOTOGRAFIA: uma barricada nas ruas do bairro católico de Bogside, em Londonderry

Qual o principal problema da sociedade portuguesa?

MELO E CASTRO e MÁRIO SOARES

respondem hoje em «Mesa-Redonda

HOJE 28 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

DE ONTEM PARA HOJE

INCÊNDIOS EM SINTRA

Dois violentos incêndios puseram, ontem á tarde, em sobressalto três freguesias do concelho de Sintra e mobilizaram as corporações dos bombeiros voluntários de todo o concelho e ainda do Estoril e de Barcarena. O primeiro manifestou-se entre o Algueirão e as Mercês, a pouco mais de cem metros da estação do caminho-de-ferro da primeira destas localidades, num terreno baldio. Mas as chamas, tocadas pelo vento, passaram para a Tapada das Mercês, atingiram proporções grandes e só a fluência dos bombeiros (cerca de 150) impediram que aquela Tapada, famosa pelas romarias do Espírito Santo e das Mercês, fosse destruída. Mesmo assim, os prejuízos, só em lenha, ascendem a 30 contos. Pouco depois, outro incêndio deflagrou na mesma região, na mata de Rio de Mouro. Ocupados na Tapada das Mercês, os bombeiros não puderam acorrer com brevidade, pelo que as chamas atingiram a Quinta dos Lóios, no Cacém, onde arderam algumas dezenas de oliveiras. A recordação do incêndio na serra de Sintra, em Setembro de 1966, esteve mais uma vez presente em toda a região.

A MULHER E A FACA

Ao fim da tarde de ontem, na Praça do Bocage, em Setúbal, muita gente parou alarmada, ao dar pelo aparecimento de um indivíduo com o braço esquerdo a sangrar abundantemente. O ferido, que saíra de uma residência das redondezas, assinalou a sua passagem (com sangue) no Largo Dr. Francisco Sobral e tomou, depois, a direcção da Avenida Todi, mas as forças faltaram-lhe em frente do Governo Civil, onde caiu, de onde um guarda da P. S. P. o conduziu ao Hospital de S. Bernardo.

Pouco depois, apareceu naquela Polícia a sr.ª D. Maria Francisca Gonçalves de 39 anos, residente na Rua Serpa Pinto, 18-2.º, esq.º a apresentar queixa contra António de Oliveira, de 25 anos o qual, segundo a queixosa, teria tentado violentá-la, tendo ela puxado de uma faca com que lhe vibrou dois golpes no braço esquerdo. O respectivo processo será enviado a tribunal.

ELECTROCUTADO

Quando procedia a trabalhos de ligação eléctrica, na freguesia de Várzea, concelho de Vila Meã (Douro) foi electrocutado o electricista Alfredo Ribeiro da Silva, tendo o cadáver sido transportado pelos bombeiros locais para a terra da sua naturalidade, em Mancelos (Amarante). Outro electricista, José Matos Cerqueira, ficou muito ferido e recolheu ao hospital de Amarante.

PALÁCIO DE S. BENTO

O prof. Marcello Caetano trabalhou ontem com o ministro das Comunicações, brigadeiro Fernando de Oliveira, e recebeu ainda, no Palácio de S. Bento, o governador civil do distrito de Coimbra, eng.º Horácio de Moura.

A «MÃE PORTUGUESA DO ANO» DO BRASIL

Eleita «Mãe Portuguesa do Ano» do Brasil, numa iniciativa do semanário «O Mundo Português», a sr.ª D. Maria Helena dos Santos Ribeiro encontra-se agora em Portugal e foi ontem recebida em audiência, pelo Presidente do Conselho. Acompanharam-na seu marido e o sr. Carlos de Barros Queirós, delegado daquele semanário em Portugal. O prof. dr. Marcello Caetano felicitou a «Mãe Portuguesa do Ano» pelos méritos que a levaram á conquista do título.

Vai ser proíbida a venda de azeite misturado com óleos vegetais

A venda de azeite lotado com outros óleos vegetais vai ser proibida — e os armazenistas deixarão de poder preparar e vender o produto aos retalhistas a partir de 15 de Setembro e os retalhistas ao consumidor a partir de 30 daquele mês. Para tanto, vai ser enviado para o «Diário do Governo» o correspondente diploma da proibição.

Os regimes de comercialização do azeite e dos outros óleos alimentares que anualmente têm vindo a ser estabelecidos através de sucessivas portarias orientaram-se por três preocupações fundamentais:

1.ª Assegurar á lavoura o escoamento do azeite a preços tão compensadores quanto o permita a preferência do consumidor em face da solicitação de outros óleos de menor custo de produção;

2.ª Garantir a qualidade e genuidade dos produtos apresentados á venda;

3.ª Assegurar a regularidade do abastecimento publico vam-se muitas das vantagens ao consumidor a possibilidade de manifestar as suas preferências.

A conciliação destes objectivos não se tem mostrado fácil, na medida em que para assegurar á lavoura preços compensadores pelo azeite, em face da elevação dos custos da respectiva produção, se corre o risco de distanciar sobremaneira o preço deste relativamente aos demais óleos com o inconveniente de deslocar o consumo em favor destes ultimos.

Na presente estrutura de preços do azeite e dos demais óleos vegetais, goraram-se muitas das vantagens do «azeite lotado» que lhe foram atribuídas, pois se, na realidade, permitiu o escoamento a preços relativamente mais compensadores para a lavoura de azeites que, de outro modo, teriam de ser refinados, com os consequentes encargos e quebras, tornou-se, porém, um factor impeditivo do escoamento de azeites de melhor qualidade.

A par das dificuldades que nas presentes circunstâncias se verificaram de exigir uma rigorosa observância das condições impostas á mistura, a prática impossibilidade em que os serviços de fiscalização se têm visto de detectar no lotado corrente certas adições praticadas á margem da lei e determinarem, com um mínimo de precisão, a quantidade de azeite nele contido, impuseram a reconsideração da forma como se está procedendo á comercialização do azeite e dos demais óleos alimentares no País. Assim, estima-se que no final do presente ano oleícola que, acentua-se, foi de contra-safra, existam na posse da Junta Nacional do Azeite, do comércio e da lavoura (nesta para além das suas reservas para auto-abastecimento) 20 a 25 milhões de litros de azeite, ou seja, o correspondente a quase metade da produção da campanha.

Sem pretender neste momento assumir posições que se apresentem como definitivas — as quais, em matéria de comercialização, são sempre precárias em face da alteração das circunstâncias — no intuito de facilitar o escoamento do azeite da ultima campanha, ganhar um melhor conhecimento das reacções de mercado em face de uma política de comercialização de óleos, estremes e criar condições propícias a um mais fácil escoamento do azeite da próxima colheita, tomam-se desde já as seguintes providências:

1. — Eliminação do lotado corrente a partir do início da próxima campanha.

2. — Apoio á exportação de azeite, nomeadamente para os mercados tradicionais, através da concessão de benefícios cujo estudo se encontra em curso.

3. — Aumento da capacidade de armazenagem da Junta com vista a facilitar a intervenção do Organismo junto da lavoura, na próxima campanha.

Rectificado o edital da caça das rolas da Comissão Venatória Regional do Centro

A Comissão Venatória Regional do Centro faz público que, em conformidade com o solicitado pelas respectivas Comissões Venatórias Concelhias e de harmonia com o despacho ministerial de 11 do corrente, é rectificado o edital passa a ser a seguinte: blicado com data de 17 de Julho findo, na parte que se refere aos concelhos de Cantanhede, Carregal do Sal, Montemor-o-Velho e Ovar.

Assim, a caça áquela espécie é também permitida nos sítios de Vale de Abelhas, Linhos, incluindo os Golfes e desde Caraboi até Vale de Vale Panela, na freguesia de Ançã, do concelho de Cantanhede e numa faixa de cerca de 100 metros em redor das Feiras de Carvalhais e Carregal do Sal e do apeadeiro de Papísios, do concelho de Carregal do Sal.

No concelho de Montemor-o-Velho — a caça ás rolas pode também ser praticada em todos os terrenos atravessados e inundados pelo rio Mondego, seus afluentes e valas, compreendidos na área deste concelho.

No concelho de Ovar, a redacção constante do citado edital da caça das rolas, pu-

Na freguesia de Ovar — numa faixa limitada a sul, pelo limite norte do perímetro florestal do Torrão do Lameiro; a norte, pela distância de 50 metros das matas nacionais; a nascente, pela estrada Carregal-S. Jacinto, não podendo os caçadores colocar-se a menos de 200 metros do eixo da mesma estrada e a poente, pelo mar; na freguesia de Válega — no sítio do Cabedelo, na zona delimitada a norte, pelo rio de Cabedelo; a sul, pelo caminho do Pinheirinho a ribeira do Mourão; a nascente, pelo caminho dos Marinhões, e a poente, pelo juncal. No sítio denominado Calhaus; no espaço delimitado a norte, pelo rio Negro; a sul, pela estrada de Poças do Gonde; a nascente, pela estrada nacional n.º 109, e a poente, pelo caminho-de-ferro, não podendo os caçadores colocar-se a menos de 100 metros do eixo das referidas estradas.

Declara-se, para os devidos efeitos, que o teor do referido edital de 17 de Julho último, não sofreu qualquer outra alteração.

O Teatro de Branca-Flor vai ao Festival Internacional de Spa, na Bélgica

O Teatro de Branca-Flor vai actuar na Bélgica, a convite das entidades promotoras do Festival Internacional de Marionetes que ali decorre na cidade de Spa, desde 8 até 23 do corrente.

Nesta importante jornada de marionetismo — organizada pelo Theatre des Coeurs de Bois, de Bruxelas, em colaboração com o Theatre National de Belgique e patrocinado pelo Ministério da Cultura, pela Direcção dos Assuntos Culturais da Província de Liège e pela cidade de Spa — estão representados, entre outros países, a França, a Holanda, a Itália, a Polónia, Portugal e, naturalmente, a própria Bélgica, que apresenta cinco das suas companhias de teatro de marionetas.

A Fundação Gulbenkian, num espírito de perfeita compreensão do valor da apresentação do Teatro de Branca-Flor em Spa, subsidia inteiramente a viagem, ao mesmo tempo que o organismo oficial belga patrocinador do Festival subsidia a estadia naquela cidade.

De acordo com a responsabilidade da sua exibição no Festival de Spa, e não esquecendo que pela primeira vez no nosso País um agrupamento teatral desta natureza toma parte numa competição além fronteiras, os componentes do T. B. F. trabalharam de dia e de noite, durante mais de dois meses, para ser levado á Bélgica um novo repertório convenientemente ensaiado e á altura das circunstâncias. Repertório composto por 3 peças, assinadas pela directora do teatro, a escritora Lília da Fonseca.

Essas peças, criteriosamente estudadas no sentido de se substituir, em grande parte, a expressão verbal por mímica, pretendem traduzir o espírito do povo português, como é o caso flagrante de «Festa na Aldeia», escrita e encenada especialmente para o Festival.

Integrados no elenco vão jovens do Centro Social do Beato que, instruídos por Lília da Fonseca, se encontram, aptos, depois de quase dois anos de tirocínio intenso, a serem apresentados numa competição internacional desta categoria. Facto que representa um grande triunfo para a directora do Teatro de Branca-Flor e é compensador do seu aturado esforço no ensino desses jovens.

UM LUSO-AMERICANO REITOR DO LICEU DE NEW BEDFORD

Prof. Paul Rodrigues

Foi designado reitor do Liceu de New Bedford, no Massachusetts (E. U.), o professor luso-americano Paul Rodrigues, que exercia as funções de director do Keith Junior High School. A decisão foi tomada pela Junta Escolar de New Bedford, que, em sessão especial, escolheu entre dezasseis candidatos o prof. Paul Rodrigues, cuja nomeação fora sugerida pelo superintendente escolar dr. James R. Hayden. A votação foi unanime, segundo o nosso prezado colega «Diário de Notícias», daquela cidade norte-americana.

O prof. Paul Rodrigues, que substitui na reitoria daquele liceu outro luso-americano, o prof. John F. Garcia, que faleceu em Abril passado, concluiu o curso de ciências pedagógicas no Bridgewater State Teachers College e tirou o seu «masters degree» na Universidade Brown, em 1955. Conta 48 anos, foi professor de Matemática no Liceu de New Bedford de 1953 a 1961, antes de ser nomeado director do Keith Junior High School, e no Normandin Junior High School, de 1950 a 1953. Preleccionou, também, no programa de educação de adultos, cabendo-lhe a direcção do programa nocturno da Escola Donaghy; foi ainda curador do S. M. I. I. e do antigo Instituto de Tecnologia de New Bedford, e fez parte da Comissão pró-Community College de New Bedford.

CORRIDA DE GALA À ANTIGA PORTUGUESA NAS FESTAS DE ALCOCHETE

ALCOCHETE, 15 — Integrada nas Festas do Barrete Verde e das Salinas, realiza-se depois de amanhã. às 18 horas, nesta vila a anunciada corrida de gala à antiga portuguesa que tem o patrocínio da Câmara Municipal e constitui um dos números comemorativos do 5.º Centenário do Nascimento de D. Manuel I.

Serão lidados seis toiros da ganadaria do Conde de Azarujinha pelos cavaleiros dr. Varela Cid, D. Francisco Azarujinha e Frederico Cunha. As pegas estarão a cargo dos Forcados Amadores do Aposento do Barrete Verde de Alcochete e da Tertúlia Tauromáquica do Montijo. Participam ainda os bandarilheiros Hélder de Araújo, Francisco Pliru, Alvaro Catoja, Abel Cascão, Joaquim Silva e Amâncio Grilo.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

A nossa rede de distribuição de energia eléctrica requer frequentes trabalhos de ampliação e conservação, perante o constante aumento de consumidores. Assim, no próximo Domingo, teremos de interromper a corrente para trabalhos indispensáveis, nos seguintes Sector e Zona, apenas durante as horas indicadas:

6.º Sector — **Concelho de Lisboa** — Rua da Prata de 240 a 288; Rua da Assunção de 50 a 64. Das 8 ás 12 horas.

1.ª Zona — **Concelho de Cascais — Estoril** — Avenida dos Bombeiros Voluntários, Rua do Porto e Rua da Beira Litoral. Das 8 ás 15 horas.

3.º CICLO
EXAMES DE 2.ª ÉPOCA
LABORATÓRIOS
Telef. 831416 (ao Chile)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

OKINAWA, SENTINELA DO PACÍFICO (conclusão)

A táctica do claro-escuro

NAHA (Okinawa), Agosto — A partida de Okinawa joga-se a três: os americanos, tanto militares como civis, que tentam impor o seu conceito das exigências militares asiáticas; um escasso milhão de insulares, que não querem submeter-se a essa estratégia; finalmente, o Japão, soberano (teòricamente). Pela primeira vez, há que escolher: dar a preferência ao aliado ou aos compatriotas.

O país encontra-se dividido quanto a esta questão. Mas seria demasiado simples estabelecer uma linha de demarcação coincidente com a que separa o governo da oposição parlamentar. Se é certo que comunistas, socialistas e membros do Komito (partido budista) perfilham, na verdade, as teses dos insulares, a verdade é que não é possivel dizer que a maioria governamental alinha com o ponto de vista americano. Tóquio está nitidamente a caminhar para soluções de compromisso que não deixarão plenamente satisfeita nenhuma das partes.

O Japão, antiga potência militarista, agora constitucional e efectivamente pacífica, vai receber, dentro de três ou quatro anos, um arquipélago com as melhores instalações militares da região e um temível potencial nuclear. É certo que estas bases não lhe ficarão a pertencer, mas ficará associado ao

por Alain Bouc

seu funcionamento, terá uma palavra a dizer sobre a sua utilização. Pode esperar uma transferência progressiva das responsabilidades. O seu futuro militar, o estilo da sua política externa, o seu modo de intervenção na Asia, a verdadeira natureza do regime, em suma, jogam-se, em larga medida, no território de Okinawa.

A maioria liberal democrática não tem unidade de vistas. Há, no seu seio, «pombas» que vão a Pequim assinar acordos comerciais acompanhados de declarações condenando a política «reaccionária» do Governo japonês, e até o revisionismo soviético.

Mas há também o clã dos «duros», militaristas, confessos ou não, cujos interesses são talentosamente defendidos no Parlamento por Nobusuke Kishi, antigo primeiro-ministro, irmão do actual chefe do Governo. Não se poderá dizer que Sato perfilhe inteiramente, na forma e no fundo, as posições do antigo ministro do Governo Toyo. O equilíbrio político no seio do partido conservador não o permite, aliás.

Okinawa é a ultima «chance» da extrema-direita, que pode buscar apoio no crescente sentimento da jovem geração, a qual entende não estar o Japão no lugar internacional que lhe compete, e dever erguer a sua potência política e militar ao nível da sua potência económica (o que subentende um Japão dotado de armas atómicas).

O Governo mantém-se numa prudência exemplar, esforçando-se por nunca dar o flanco aos ataques. Diz simplesmente, com o presidente dos E. U. A., que «as bases militares das ilhas Ryukyu continuam a desempenhar um papel vital para garantir a segurança do Japão e das outras nações livres do Extremo Oriente. Aprovação da política de Washington e nada mais.

Uma constituição para não-violentos

As bases americanas no Japão estão sujeitas a sérias limitações. O artigo IX da Constituição, considerado por Toyubee uma das grandes conquistas jurídicas da humanidade, declara nomeadamente: «O povo japonês renuncia á guerra como direito soberano da nação, ou á ameaça ou ao uso da força como meio de dirimir conflitos internacionais. Não manterá nunca forças terrestres, navais e aéreas ou outro potencial de guerra». Em obediência a este artigo os Governos conformaram-se sempre com os «três princípios não nucleares»: não fabricar, não possuir, não introduzir armamento nuclear no seu país.

Portanto: que fazer das bases nucleares de Okinawa, quando o arquipélago for restituído ao país? Sato, em meados de Março, foi extremamente claro a este respeito: «As bases de Okinawa não podem ser tratadas de modo diferente das outras que se situam no Japão, uma vez as ilhas restituídas ao país». Acrescentou que ia negociar com os E. U. A. na seguinte base: «Não existência de armas nucleares e estatuto idêntico ao do Japão».

O anterior embaixador dos E. U. A. no Japão, Alexis Johnson, actualmente assistente do secretário de Estado para os Assuntos Asiáticos, declarava, a 26 de Março, perante o Congresso:

«Penso que é muito importante e essencial ter em vista uma gama tão larga quanto possível das diferentes coisas que podemos levar a cabo, tanto no domínio nuclear como no das armas clássicas e não nucleares. Sob este ponto de vista, entendo que a nossa situação no Japão, a situação das nossas bases em Okinawa, é muito importante e essencial.»

Tomadas á letra, as duas declarações revelariam a existência de pontos de vista diametralmente opostos, entre Tóquio e Washington. Mas ninguém pode pensar a sério numa oposição fundamental de dois governos, numa questão tão importante. É que as claras formulações de Sato sobre a recusa das armas nucleares perderam o seu sentido real, por uma série de comentários simultaneos, que lhes reduzem, singularmente, o alcance.

Ao afirmar que pretende um estatuto igual para as bases de Okinawa e para as do Japão, o primeiro-ministro sugere uma transformação sensivel do estatuto das bases da metrópole. A oposição assegura (numa fórmula incisiva, mas evidentemente excessiva) que o que ele propõe não é fazer descer o potencial das Ryukyu ao nível do da metrópole, mas tornar extensivo a todo o Japão o presente estatuto de Okinawa. O certo é, em todo o caso, que nestes ultimos tempos se têm introduzido sensíveis limitações aos três princípios não nucleares.

A 30 de Janeiro, Sato fez notar que estes três princípios só tiveram sentido no passado, em virtude de o «escudo» nuclear americano se desdobrar a partir de Okinawa. A 4 de Fevereiro prossegue, afirmando que, se a constituição japonesa proíbe a construção e a posse de armas nucleares, não impede que essas armas se façam vir do exterior, por conta de uma potência estrangeira. No

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

dia seguinte, especifica que as armas nucleares das Ryukyu não levantarão nenhum problema constitucional, após a restituição, pois estão situadas em bases americanas e não nacionais.

Indo mais longe, o director do secretariado legislativo, no seio do Gabinete, declarava que a posse das armas nucleares não tinha nada de contrário ao famoso artigo 9.º, desde que elas fossem utilizadas apenas para a defesa nacional e não para a agressão. Depois de ter torneado assim as limitações constitucionais, o Governo dá a entender que as restrições do tratado de segurança poderão, elas também, ser suavizadas.

Em 1960, quando se procedeu á revisão do tratado de segurança, ficou entendido entre Kishi e Herter que o Japão seria automáticamente consultado acerca de modificações importantes no papel das tropas

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

A GRANDE PONTE

QUANTAS PESSOAS TERÃO PASSADO semanas a deitar contas à vida à espera deste dia de hoje? Quantas pessoas, quantas famílias terão hoje deixado Lisboa para se lançar na bela aventura dos três dias da ambicionada «grande ponte» de sexta, sábado e domingo? Os escoadouros de gente sabe-se já como são nestes dias. Mas são aos centos, talvez aos milhares, com certeza aos muitos centos os veículos que em certos pontos se podem contar em cada hora, carregados de gente e do que podem, à procura de, à procura de, à procura de não chega talvez cada um ao certo a saber o quê.

Com o feriado de hoje, moveram-se empenhos, fizeram-se deligências, houve reuniões, requerimentos, pedidos, autorizações, avisos para que o sábado de amanhã valesse para ligar o hoje ao depois de amanhã, para somar os três dias de desafogo e liberdade, três dias sem gravata, três dias do empregado sem ver o patrão, três dias de patrão sem ver o empregado, três dias sem contas, três dias sem aborrecimentos. (Isto quer dizer apenas que sem os aborrecimentos habituais, mas de coração aberto para defrontar os outros que viessem...)

Singular e curiosíssimo fenómeno este da ansiedade colectiva de não estar mas de ir, de ninguém querer o que tem para desejar não sabe o quê, de procurar o que não sabe como é nem onde está, qualquer coisa que não seja o que é todos os dias, nem é o descanso, mas ainda que seja uma fadiga de sabor diferente. Isto é assim, inegàvelmente é, nem valendo a pena fazer votos ou dar conselhos para que seja de outra maneira. É um fenómeno colectivo, generalizado, em todas as classes sociais e em todos os países da nossa civilização.

O que vale a pena tentar, porventura, é a análise e a interpretação das condições gerais da vida em que o fenómeno se gera, o que é, afinal, a nossa civilização, qual o seu destino, que é que ela nos dá de cómodos e de tranquilidade, de segurança hoje e de segurança amanhã, o pão dos filhos e da velhice, a escola certa e o médico certo, certa a posse ou a fruição do abrigo para o calor ou para o frio, mesmo que seja, pior ainda, o frio insanável da velhice, que deve ser uma espécie de desespero.

Mas pensa-se realmente no dia de amanhã? Mesmo que não se pense, parece que se sente como um mistério ao mesmo tempo atraente e inquietante, onde está, como será? Ninguém o vê nem o pressente, donde talvez esta desesperada voragem do hoje, seja como for, quanto mais melhor, o hoje todo, que nos absorva e nos deixe absorvê-lo com todo o seu travo amargo, talvez valendo como aperitivo, o aperitivo da esperança para o que se julga ser o apetitoso manjar do futuro.

A grande ponte é isso, afinal. É o sábado que liga um dia livre a outro dia livre, livre não se sabe para quê, mas para se poder dizer que é, o ontem e o amanhã, o tédio e o alento, o desespero e a esperança, o passado e o futuro. Como é? Como será? Como se deseja que venha a ser? Como cada um puder colhê-lo ou como cada um for tentado a dar uma ajuda para o forjar? Estas são as interrogações que cada um transporta consigo, mesmo quando não dá por elas. Mas serão as dúvidas assim tão leves que não se dê pelo seu peso?

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS NOMES INSÓLITOS DA CIDADE

Lisboa, e digo Lisboa porque é ela a minha cidade, a que melhor conheço portanto, tem alguns nomes na verdade insólitos que fazem sorrir e dão que pensar. Claro que isso acontece — deve acontecer, é normal — em todas as outras cidades e vilas deste mundo, mas, como já disse, é de Lisboa que se trata.

Para começar vamos à Estufa Fria, ali ao Parque Eduardo VII. Diz o Cândido de Figueiredo de toda a minha confiança que a estufa é uma galeria envidraçada em que a temperatura se eleva artificialmente, para cultura de plantas exóticas. O Torrinha diz mais ou menos o mesmo: «Estufa é uma galeria envidraçada em que se aquece artificialmente a atmosfera». Procuremos ainda no Larousse. E também este se refere á uma «construção total ou parcialmente envidraçada, destinada a abrigar do frio certos vegetais, fornecendo-lhes uma temperatura artificial». Porquê então Estufa Fria?

por
MARIA JUDITE DE CARVALHO

O estrangeiro sorri e com razão — nós também sorriríamos no lugar dele — quando ouve falar no Palácio das Necessidades e sobretudo no cemitério dos Prazeres. O que nos salva é que de tanto ouvirmos esses nomes eles perderam totalmente o significado primitivo. É que, francamente, necessidades num palácio real? Prazeres num cemitério?

Outro nome que pode deixar perplexo quem o ouça pela primeira vez e desconheça a existência do velho convento, ali, onde hoje há um tribunal, é esse de Boa Hora. Boa Hora onde tanta gente tem passado das piores horas das suas vidas...

Há decerto muito mais nomes insólitos nesta Lisboa. De momento, porém, não me ocorre mais nenhum.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Caminhos de Ferro Portugueses

CARRUAGENS DIRECTAS DE VIANA DO CASTELO, BRAGA, CASTELO BRANCO E FARO COM DESTINO A HENDAIA PARA O TRANSPORTE DE TRABALHADORES DE REGRESSO DE FÉRIAS DE VERÃO

Comunica-nos a C. P. que para transporte, em 2.ª classe, de trabalhadores portugueses de regresso de férias de Verão, põe em circulação carruagens directas com destino a Hendaia, ás terças e sextas-feiras, no período de 12 de Agosto a 19 de Setembro, com partida de Viana do Castelo ás 7-42, Braga ás 9-15 e Castelo Branco ás 11-30 e ás quintas-feiras, de 14 de Agosto a 18 de Setembro, com partida de Faro, ás 23-04.

OKINAWA, sentinela do Pacífico

(Continuação da pág. anterior)

americanas no país, bem como no seu equipamento. O mesmo aconteceria no caso de operações de combate dirigidas a partir do Japão. O significado atribuído a esta consulta prévia era então claro. Segundo o ministro dos Negócios Estrangeiros nessa altura Fujiyama, «a expressão utilizou-se para permitir que se diga redondamente **não**». Tal foi até há pouco a doutrina constante do Governo. O Japão não se deixava arrastar para uma guerra pelos E. U. A.

Uma consulta embaraçosa

O primeiro-ministro japonês, reafirmando que o princípio da consulta era mais válido que nunca, indicou recentemente: «são consultas e há casos em que poderá dizer-se **sim** e outros, **não**».

Para sermos verdadeiros, há quem duvide do respeito do Governo pelo princípio da consulta prévia. Os E. U. A. não a aceitam, se todas as bases lhe forem submetidas e se deixarem de ter pelo menos nas Ryukyu, uma liberdade de manobra total. O «sim» japonês podia ser concedido de modo quase automático, intervindo assim a consulta «prévia» **a posteriori**, em casos de urgência. Ou então, diz-se nas fileiras socialistas, os E. U. A. que não podem fazer repousar a sua estratégia sobre uma cooperação japonesa, susceptível de diminuir com as mudanças de Governo, hão-de querer concluir um acordo secreto sobre Okinawa, que vinculará o Japão com mais segurança. O mais importante é permitir que os submarinos equipados com «Polaris» penetrem nos portos, e isso pode arranjar-se discretamente.

Na realidade, a posição americana ainda não foi fixada. A exposição, acima evocada, do subsecretário da Defesa, Alexis Johnson, dá a entender que os E. U. A. poderiam não se contentar com a liberdade de acção dos «Polaris», e desejariam conservar os foguetões «Mace» como força de dissuasão intermédia. Mas o antigo embaixador parece subestimar excessivamente a oposição ás bases, quando a imputa unicamente á «esquerda extremista». A oposição da grande maioria dos insulares levará os E. U. A. a fazerem importantes concessões, as quais podem, de facto, significar uma mudança de estratégia.

O Governo japonês não costuma especificar as suas posição antes da Casa Branca. Pressionado por perguntas e mais perguntas, deixou entrever um Japão muito mais fácilmente acessível que antes ás unidades americanas, incluindo domínios como operações de combate e com engenhos nucleares. Em troca, reclamaria uma redução do potencial de Okinawa em tempos normais. Esta atitude recente de Tóquio deve ser aproximada do desejoj constantemente reafirmado de assumir mais sériamente o encargo da defesa nacional japonesa, o que corresponde ás aspirações de Washington. Mas Sato tem que manter a coesão da sua maioria. Portanto, convém-lhe fazer concessões que o defendam dos ataques de uma oposição sempre á espreita de um erro para explorar. Ora é sabido que o ano de 1969 é um período decisivo para os adversários do tratado de segurança com os E. U. A., um período em que eles têm de dar tudo por tudo. Isso levará o Governo a renunciar ao menos importante para manter o principal.

Os comerciantes ou os militares

No seio do próprio partido conservador, sabe-se bem que o Japão tem melhor por onde escolher do que limitar-se a ser o brilhante n.º 2 dos E. U. A. Os meios financeiros e comerciais, cuja opinião é largamente seguida no partido liberal democrata, sentem-se agora suficientemente fortes para favorecerem uma política de penetração económica na Ásia, que não ficasse a dever nada á protecção dos foguetões e dos «B-52». Vêem quanto lhes custam as suas más relações com Pequim. A inevitável normalização das relações com um regime, que parece agora bem instalado, não deve ser retardada por muito tempo. Ora, para Pequim, Okinawa é uma base de agressão e de provocação deliberadas. A redução do seu potencial seria uma das primeiras etapas no caminho da coexistência pacífica entre os dois países, e na intensificação do comércio. Mas esta tendência, embora vá ganhando cada vez mais terreno, tem de lutar contra hábitos adquiridos.

Inversamente, a outra escola, na esteira de Kishi, vê bem que uma Okinawa desmantelada e uma Formosa comunista farão dos chineses os senhores de um mar indispensável á economia japonesa. Os partidários desta escola estão já fortemente tentados a intervir para assegurar o funcionamento regular do tráfego no Estreito de Malaca, do qual depende grande parte dos abastecimentos japoneses. Com mais forte razão, entendem eles que é indispensável manter o «statu quo» no Mar da China. Sato não é, evidentemente, insensível a tal ponto de vista. Mas sabe também que ele levaria ao fim rápido do seu Governo.

Os anos de 1969 e de 1970 são, em princípio, os ultimos do Governo Sato. Os ultimos também em que o estado japonês se colocará deliberadamente sob total tutela militar dos E. U. A. As relações com a China são tão más quanto possível. No entanto, já se sente o Governo ligeiramente hesitante na sua linha e defendendo-a como que a contra gosto. O regresso de Okinawa ao seio do Japão, previsto para 1972, mas que será preparado muito antes, marcará, mais do que a renovação do tratado de segurança, uma nova era da vida política japonesa, a era de após-Sato.

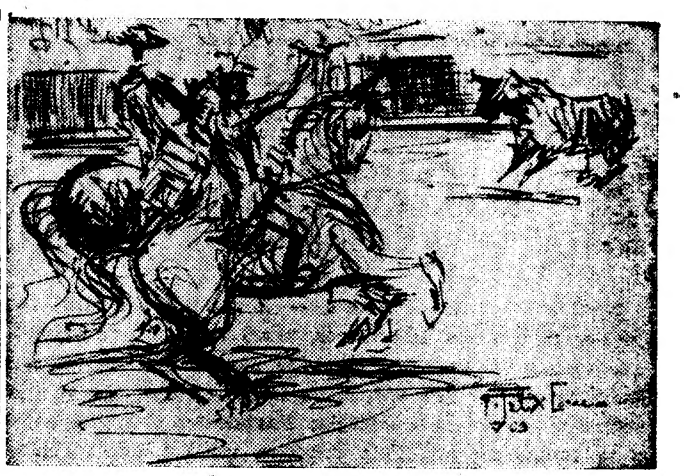
Será também, provávelmente, a do «após-Vietnam», que verá o Japão a intervir com o seu peso próprio nos assuntos da Ásia, e o partido dos comerciantes a dirimir os seus diferendos com o grupo parlamentar, no seio da maioria.

A época, finalmente, em que, no plano interno, os novos compatriotas de Okinawa, com a sua experiência quotidiana do Exército, a sua avançada politização vão fazer valer todo o peso da sua vitória de fresco, essa vitória pela qual obrigaram, por efeito do seu simples patriotismo, o Pentágono e o Governo de Tóquio a novos arranjos militares de alcance mundial.

«Corrida de Touros»

Saiu mais um numero do Guia Tauromáquico «Corrida de Touros» este, referente ao mês de Agosto e que insere, além da explicação e o desenrolar da corrida, os calendários taurinos da temporada, figuras da festa, a secção «Como fotografar na corrida», etc.

Com textos em quatro idiomas, ilustrado com boas fotografias e com aspecto gráfico bastante agradável este guia da festa brava justifica bem o interesse que a «afición» nacional e estrangeira lhe está a dispensar mensalmente.



A duo sem conjunção

TAUROMAQUIA

Este mês de Agosto

Este mês de Agosto é de gosto para touros, desde Vila Real de Santo António a Viana do Castelo, com volta por Setúbal, onde até uma norte-americana surgiu cavaleira, e de mérito, que bem a vimos na R. T. P.

Ontem, no Campo Pequeno, com regular entrada, lidaram-se touros dos herdeiros de Pinto Barreiros, que não desmereceram da casta, não grandes, porque nunca o foram, mas com tipo e presença.

O dr. Varela Cid lidou muito bem o primeiro, cravando boas farpas compridas e curtas com muitos aplausos e volta á arena com Evaristo Cutileiro, do Grupo de Évora, que se despediu, despindo a jaqueta. E Alfredo Conde foi também aplaudido no seu, um touro pegajoso, dando volta á arena com António Maltez.

No 3.º, foi José Júlio muito aplaudido com a capa e as bandarilhas, ao quarteio e ao «quiebro», e mais com a muleta, ao som da música, e entre calorosas ovações, terminando por agarrar as hastes após belos passes e dando volta á arena com ida ao centro e flores.

Adiantou-se o intervalo para dar tempo á chegada de «Paquirri», e os dois cavaleiros abriram a segunda parte, num duo de pouca conjunção, e deram volta á arena com Patinhas, cabo dos de Évora.

Entretanto, chegou «Paquirri», que, sem mudar de roupa, vinha em avião de Gijon, onde toureou á tarde. Foi acolhido com palmas, e recebeu o 4.º da noite de joelhos e lanceando bem. Cravou meio par e logo um inteiro e com a muleta porfiou sem matar caça, e, porque vinha atordoido da viagem, e como aqui não se mata, abreviou e simulou, com divisão de opiniões dos que o esperavam com ânsia.

Para José Júlio saiu, depois, um castanho que investia incerto, mas o de Vila Franca houve-se muito bem com a capa e convidou «Paquirri» para bandarilhar, no que o nosso esteve superior. Com a muleta foi José Júlio muito aplaudido, sem que Sebastião Saraiva concedesse a requerida música, mas dando o bom toureiro boas voltas á redonda e sendo aclamado no centro.

O 7.º, que a corrida foi da justa medida, deu «Paquirri» a sua boa nota com a capa, em lances do melhor domínio e arte, toureiro e artista, para logo retribuir o anterior convite de José Júlio para bandarilhar, luzindo-se ambos. Brindando a Manuel dos Santos, e justificando a demora, começou por aguentar estóicos passes no estribo e, já ao som da música, bordou uma «faena» das suas, entre ovações dos espectadores, finalmente satisfeitos. Despedida triunfal, e lá foi «Paquirri» para San Sebastian, onde toureia esta tarde, para voltar amanhã a Coruche, de dia, e á Figueira da Foz, á noite.

E nesta noite de Agosto muito gosto nos deu José Júlio, que hoje toureia nas Caldas da Rainha, na corrida da saudade dos amigos de Luís da Gama e amanhã em Arruda dos Vinhos.

«EL T. PÉREZ»

«Corrida de Touros»

De «Corrida de Touros», guia para turistas, impresso em quatro línguas, bem ilustrado e bem redigido por Ernâni Saragoça e editado pela Aliança, do Porto: «O espectáculo tauromáquico em Portugal reveste-se de características e processa-se como em nenhuma outra parte do Mundo. Desde os meados do século XIX que vigora uma proibição da morte do touro na praça, o que significa não ser possível, entre nós, a prática da corrida integral com o remate lógico da estocada, corolário e símbolo do domínio do Homem sobre a fera».

ora diga-nos...

— Quem vencerá a «Volta a Portugal»?

São sessenta e tal em cima de bicicletas. Por essas estradas fora, numa «Volta ao Continente» que, pomposamente, se rotula de «Volta a Portugal». Sete equipas à compita: cada qual com seus trunfos?

● *É o Artur Agostinho!* O sr. José Manuel Carrolo empregado na A. C. A. («firma que negoceia em ovos carimbados» — explica) tem a *sua* certeza:

— Sim, senhor! Digo e afirmo: quem ganha é o Artur Agostinho!

— O Artur ou o Joaquim?

— Joaquim, pois claro. Estava distraído. De qualquer maneira, eles são como eu: do Sporting. Não se zangam com a troca...

● A D. Natália Brito Pires, funcionária de administração no nosso prezado colega «Diário Popular», é benfiquista mas...

— ...jogo no Agostinho. Está em tanta evidência que é obrigado *a ganhar a «Volta»!*

● Por último, ouvimos a eng.ª D. Maria Irene de Sousa, que vive em França, está há quatro dias em Lisboa e não está identificada com o panorama ciclista:

— Só sei que há um ciclista bom, que se chama Agostinho. E que o meu marido, lá em Paris, passava horas agarrado à televisão à espera de o ver na «Volta à França»...

INAUGURAÇÃO DE UMA PISCINA CONSTRUÍDA PELA F. N. A. T. EM VIANA DO CASTELO

VIANA DO CASTELO, 15 — Amanhã, pelas 10 e 30, e com a presença das entidades oficiais será solenemente inaugurada uma avenida, mandada construir pela F. N. A. T., que dará acesso á Piscina, Parque de Campismo e futura Colónia de Férias.

No mesmo dia e pelas 11 horas, com a honrosa presença do ministro das Corporações e Previdência Social, será inaugurada uma piscina da mesma Fundação Nacional, no Cabedelo, nesta cidade.

Esta piscina tem as dimensões de 25x12, 5 m, é composta de 5 pistas e uma profundidade que vai de 1,10 a 2,15 m. A água de alimentação dos tanques é tratada por recirculação em circuito fechado.

Está apetrechada com todos os requisitos modernos e em anexo, estão montados 2 grupos electrobomba, um de 40 m3/h e outro de 80 m3/h equipados com os respectivos comandos eléctricos de protecção, um aparelho de cloro-gás para a esterilização da água e conjunto de limpeza do fundo e paredes da piscina.

Para além do seu tanque principal, possui também um tanque para crianças de forma circular com um diametro de 10 metros e uma profundidade que vai de 0,5 a 0.7.

Foram construidos dois blocos de vestiários colectivos para cada um dos sexos e 24 cabines individuais, arrecadações e no terraço a instalação de uma esplanada-bar».

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO S. JORGE

Título: A CHAMADA (La Chamade).

Realizador: Alain Cavalier, 1969 (França).

Intérpretes: Catherine Deneuve, Michel Picoli, Roger Van Hool, Irene Tunc, etc.

O cinema francês que de Gaulle permitiu caracterizou-se, com raras excepções, por um progressivo emburguesamento temático e formal que só teve equivalente á altura na própria evolução do seu publico, cada vez mais receptivo a um certo tipo de «liberdades» frívolas, a um certo tom de crítica superficial e complacente, a um certo modernismo estético, inconsequente e afável. Deu-se assim o encontro do publico «evoluído» com os realizadores «em vias de involução». Desta assimilação progressiva nasceram obras como *La Curée* (Queda no Abismo, de Vadim; *A Piscina*, de Gerard Drach; *Viver para Viver*, de Lelouch; *Le Scandale* (Champanhe Escandaloso), de Claude Chabrol, etc. Por outras palavras: o que aconteceu foi a *nouvelle vague* ver-se rápidamente contaminada, absorvida, digerida. O confusionismo dos primeiros tempos foi substituído por uma manifesta vontade de agradar. Por seu turno a burguesia «cultivou-se», aprendeu a deixar-se criticar (sempre na superfície, sempre ao nível dos escandalos amorosos, dos jogos de alcova, mais ou menos corruptos, da leviandade...), agradou-se também ela desse pequenino prazer masoquista de se sentir espicaçada por ternas alfinetadas, dadas com «muita arte» e uma evidente inveja.

Um cinema combativo, actuante, interveniente deixou, unicamente, meia duzia de nomes. Entre eles, Alain Cavalier que, com *O Indomável* e *O Combate na Ilha*, se lançava com furia na análise de realidades tão escaldantes como a guerra de Argélia ou o neofascismo francês. Depois destes dois excelentes filmes de combate, Cavalier dirigiu *Mise en Sac* e só depois adapta Francoise Sagan ao cinema: *La Chamade*. Sagan, um nome prestigioso no domínio da ficção francesa, escritora de *best sellers* indiscutíveis, ela também totalmente assimilada pela engrenagem. Da colaboração destes dois autores que se haveria de esperar? Uma possível virilização do universo frívolo de Sagan ou uma provável quebra de unidade e de propósitos na carreira de Cavalier? Afinal o que aconteceu situa-se a um meio caminho entre estes dois extremos. Cavalier não conseguiu deixar-se amolecer na toada que Sagan lhe propunha, nem logrou a violência crítica que lhe era característica. De qualquer forma *A Chamada* resulta um filme extremamente interessante, uma obra adulta e amadurecida que analisa com uma evidente seriedade um tipo de relações humanas estabelecidas nos altos escalões da sociedade francesa da pós-guerra. Lucille (Catherine Deneuve) vive com Charles (Michel Piccoli). Rodeiam-nos um grupo de amigos que faz da ociosidade norma de vida. Lucille sente-se feliz até encontrar Antoine (Rober Van Hool). É primavera, Antoine é jovem e Lucille apercebe-se de uma paixão violenta. Obrigada a optar, escolhe Antoine, sendo, ao mesmo tempo, compelida a mudar de vida, trocando os vestidos sumptuosos e as festas galantes por um trabalho modesto num jornal e pelas saias e blusas indispensáveis. A Primavera passa e será no Inverno do descontentamento que Lucille regressará a Charles, trazendo com ela a ociosidade e a frivolidade que não será capaz de ultrapassar. Curto foi o seu voo, ela que das aves aspirava á liberdade dos espaços e dos movimentos.

Cavalier, com um esquema destes, poderia aceitar a complacência, jogar com as cartas que lhe propunham, ou equilibrar-se na engrenagem da facilidade. Preferiu, porém, não abdicar de uma certa distanciação crítica em relação aos seus personagens, sobretudo em relação a Lucille (por quem fácilmente se poderia nutrir uma certa afeição). Sem falsear os dados, sem destorcer figuras, sem demagogias, Cavalier constroi uma obra cuidada, serena, extremamente bem acabada (para além de ser, de igual modo, excepcionalmente interpretada e magnificamente colorida por um fotógrafo de eleição: Pierre Lhomme). Um produto que se destina certamente ao consumo, mas também á inquietação. Não atingindo o sobressalto dos filmes anteriores, *A Chamada* mantem a dignidade de um homem que pretende compreender os outros, não recusando os seus próprios juízos valorativos. *A Chamada* é, por isso mesmo, um filme *moral*. De uma *moral* nova que aparece subjacente ao próprio pulsar do filme. Uma moral que faz do trabalho uma forma de libertação e do amor algo mais do que os jogos subtis e entediantes de uma classe frívola:

LAURO ANTÓNIO

• NO POLITEAMA

Título: «O PIRATA DO REI».

Realizador: Don Weis.

Intérpretes: Dong McLure, Jill St. John.

Filme de puro divertimento, que nunca mascara os seus propósitos, «O Pirata do Rei», ontem estreado no Politeama, constitui um espectáculo agradável. Realizada com acerto por Don Weis, que lhe soube imprimir ritmo e algum *suspense*, a película agrada, pelo seu conteudo, aos apreciadores do género, recheada como está de lances emotivos e de cenas de amor.

A acção tem por fulcro as aventuras de um oficial britanico, na época dos corsários, encarregado de um plano tendente a juntar a ilha de Madagáscar aos já imensos territórios da coroa.

A fotografia é em technicolor.

Foram exibidos também, neste espectáculo, diversos complementos. — P.

Logan's
Scotch Whisky de luxe
of White Horse

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
RUA DO BONJARDIM 420 – PORTO

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
RUA DO ALECRIM, 73 – LISBOA

HOJE — FERIADO — HOJE

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
encontrará o local mais recomendado de Lisboa para uma tarde e uma noite agradáveis. Em cada canto uma diversão de prazer inesquecível
POR 1$50 PODERÁ DIVERTIR-SE ALEGREMENTE E RECEBER BONS PRÉMIOS HABILITANDO-SE NO PASSATEMPO
A VOLTA VISTA DA FEIRA
CURIOSO ☆ FÁCIL ☆ COMPENSADOR
UM SIMPLES VOTO HABILITÁ-LO-Á AOS PRÉMIOS DO SORTEIO FINAL E AO PRÉMIO DO DIA
UM ESPLÊNDIDO FERRO ELÉCTRICO, OFERTA DA PRESTIMOSA FIRMA MUNDO ELÉCTRICO
ETAPA: VILA DO CONDE-GUIMARÃES
Também UMA MOTORIZADA CASAL, oferta mensal da METALURGIA CASAL, de Aveiro poderá ser sua!
A SUA DIVERSÃO ESPERA POR SI — ABRE ÀS 5 HORAS

50 anos FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

Ela queria ser mulher...
... e não um brinquedo...

Uma grande história de amor!

ÂNSIA DE AMAR
(IN THE COOL OF THE DAY)
com
PETER FINCH · JANE FONDA · ANGELA LANSBURY
Com ARTHUR HILL · CONSTANCE CUMMINGS · ALEXANDER KNOX · Argum de MEADE ROBERTS · Bas na obra de ROBERT STEVENS · Realiz de JOHN HOUSEMAN · Prod de
PANAVISION · METROCOLOR
Adultos

HOJE ESTREIA
CONDES
JÁ ÀS MATINÉES
15.15 - 18.15 e 21.30 h.

50 anos FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

Entre todos os agentes secretos ele é o melhor!

Os homens temem-no as mulheres adoram-no!

CAÇADOR DE ESPIÕES
(A MAN CALLED DAGGER)
Com TERRY MOORE · JAN MURRAY · SUE ANE LANGDON · PAUL MANTEE e EILEEN O'NEILL · MAUREEN ARTHUR · LEONARD STONE
Argumento de MIMI DILLARD · RICHARD KIEL · JAMES PEATMAN · Realiz de ROBERT S. WEEKLEY · Prod de RICHARD RUSH · LEWIS M. HORWITZ · Prod executiv M. A. RIPPS
METROCOLOR
Adultos

HOJE ESTREIA no EUROPA

TIVOLI

63.ª

É ÚLTIMA SEMANA

Uma produção ROBERT WISE

MÚSICA NO CORAÇÃO

(THE SOUND OF MUSIC)

Maiores de 12 anos

JULIE ANDREWS · CHRISTOPHER PLUMMER

Realiz. de ROBERT WISE | Música de RICHARD RODGERS | Versos de OSCAR HAMMERSTEIN II | Argum. de ERNEST LEHMAN

O CONCERTO INAUGURAL DO 13.º FESTIVAL DE SINTRA

Começou o 13.º Festival de Sintra. É uma existência que não atinge ainda uma idade provecta, mas que também já ultrapassou há muito a fase da extrema meninice. Uma existência nem sempre fácil, com os seus altos e baixos, vingando á custa da «carolice» e da dedicação sem limites de alguns (citar o nome do seu grande impulsionador, António Pereira Forjaz, não constitui mero cumprimento; é, neste caso, um dever de justiça)

Mas enfim, conseguiu-se a indispensável continuidade. O Festival prossegue. E o padrão criado nos últimos anos parece manter-se. Agora, e cada vez mais, com a preocupação de garantir ao conjunto das manifestações um nível internacional.

Claro que — após este período em que, não sem custo e através de contrariedades de vária ordem, se fez vingar a iniciativa — torna-se necessário seguir sempre em frente, dar o grande salto em direcção ao futuro, abrindo novas perspectivas ao Festival. Ora, ainda não foi desta vez que tal aconteceu. O que fica dito não significa falta de apreço pelo esforço da Comissão de Turismo de Sintra e de Sequeira Costa, o actual director artístico. Há o sempiterno problema da verba... E há outros problemas não menos importantes. Por exemplo: a falta de realizações artísticas que saem da bitola ou da feição mais habitual; a falta de certas infra-estruturas que se relacionam com a criação de um mais numeroso público interessado (local e forasteiro) e a maneira de atrair ou encaminhar turistas estrangeiros. Mas tal género de considerações levar-nos-ia longe e prender-se-iam mais directamente com o que poderemos designar por política do fomento de... Festivais ou de cultura artística!

O concerto inaugural efectuou-se ontem á noite no Cine-Teatro Carlos Manuel, tendo como esteio essencial a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. Dois jovens estrangeiros, ainda desconhecidos entre nós, constituiriam os nomes de cartaz: o regente americano Lawrence Foster e o pianista soviético Victor Eresko. Quanto ao programa, assentava em obras do repertório corrente e arqui-ouvidas: abertura da ópera «A Força do Destino», de Verdi; o «Concerto n.º 1», de Tchaikowsky e a «Sinfonia n.º 3», de Beethoven. Ora aqui está um aspecto que poderia ter sido encarado de maneira menos rotineira. Se as realizações se houvessem revestido de um nível excepcional, ainda ficaríamos, em parte, compensados. Mas não pode dizer-se que assim tenha sucedido.

Não pomos em dúvida a boa preparação musical do maestro Lawrence Foster, inclusive pelo rendimento obtido da orquestra em determinados pormenores, sobretudo na *Sinfonia Heróica*. Simplesmente verificou-se uma tendência demasiado acentuada para «compartimentar» as obras. É certo que a abertura verdiana já sofre, na sua textura, de uma tal ou qual desrelacionação do seu material temático. Mas tal pecha, em vez de ser atenuada, avolumou-se antes na versão que Fostes nos apresentou. A preocupação de contraste, sobretudo no capítulo da agógica, levou o regente a exagerar a lentidão de certas passagens já de si mais vagarosas. A tendência para «compartimentar» fez-se sentir também ao longo do *Concerto* de Tchaikowsky. Porém, a *Sinfonia Heróica* resultou, comparativamente, menos vulnerável sob tal prisma. Em todo o caso, prevaleceu uma interpretação a traço grosso, falha de verdadeira subtileza

Subtileza foi também o que faltou na interpretação do pianista Eresko, que começou por nos deixar impressão muito lisonjeira quando atacou os famosos primeiros compassos do *Concerto* de Tchaikowsky, vindo, contudo, a desiludir-nos um pouco no decorrer da sua actuação. Graça e finura de fraseado estiveram bastante ausentes em passagens que exigem leveza e um expressivo «cantabile». Mas, a despeito de uma ou outra imperfeição de execução, há que reconhecer que Eresko possui uma técnica muito desenvolta e um mecanismo digital revelador de notabilíssimos recursos pianísticos. A relativa escassez de cambiantes apontados na interpretação de Tchaikowsky faz-nos encarar com expectativa o próximo recital do jovem virtuoso, para assim avaliarmos mais cabalmente das suas características e capacidades

NUNO BARREIROS

OS DOIS CONHECIDOS HERÓIS DA TELEVISÃO!

Uma migalha de gente ao pé de um colosso e a cidade inteira a querer separá-los!

Maiores de 6 anos

A PARAMOUNT apresenta uma produção IVAN TORS

O BOM GIGANTE

- GENTLE GIANT -

com DENNIS WEAVER · VERA MILES · RALPH MEEKER · CLINT HOWARD

Argum. EDWARD J. LAKSO e ANDY WHITE · de novela de WALT MOREY · Produç. IVAN TORS · Realiz. JAMES NEILSON

COLOR Um filme PARAMOUNT

HOJE estreia no ALVALADE

NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37

HOJE ÀS 21 45 HORAS (ADULTOS)

«OS DIREITOS DA MULHER»

DESEMPENHO DA C. TEATRO ALEGRE

UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO

AUTÊNTICO DILÚVIO DE GARGALHADA

com HENRIQUE SANTANA ● IRENE ISIDRO ● AUGUSTO COSTA (COSTINHA)

DOMINGOS E FERIADOS, A TARDE ÀS 16 HORAS

JOALHARIA CORREIA

ANTÓNIO A. CORREIA & FILHO, LDA.

Ao Completar 35 anos de existência, cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

245, Rua Aurea, 247 Telefone 32 73 84

CABELEIREIROS

D. ABRANTES & IRMÃO, LDA.

ONDIBEL MUHOLOS

RUA DUQUE DE PALMELA, 21-2.º

CUMPRIMENTA OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES E INFORMA QUE O SEU ESTABELECIMENTO, ESCRITÓRIO E OFICINAS SE ENCONTRAM ENCERRADOS NO PRÓXIMO SÁBADO, DIA 16.

FIGUEIRA DA FOZ

SÁBADO À NOITE

ÀS 21,45 1.ª NOCTURNA (M/ 6 ANOS)

PAQUIRRI

O TOUREIRO DA MODA

ARMANDO SOARES

CAVALEIROS

VARELA CID

JOSÉ M. CORTES

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

8 TOIROS DE

Manuel e Carlos Veiga

(ANTES RAFAEL CALADO)

10.ª SEMANA

A REVISTA DOS PARODIANTES DE LISBOA — UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO

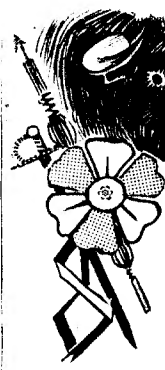
com Camilo e Florbela Paula Ribas e Rui de Mascarenhas no comando do cartaz em 2.º MÊS de lotações esgotadas na SALA FRESQUINHA do

Ri-Te Ri-Te

MONUMENTAL

em 2 SESSÕES 20 45 e 23 h. (ADULTOS)

DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 HORAS



MONUMENTAL DE CASCAIS

DOMINGO 17 AS 17 HORAS

(M. 6 anos)

8 PODEROSOS TOIROS

de D. JOÃO DE NORONHA

SERÃO LIDADOS POR:

MESTRE BATISTA - ALFREDO CONDE

DOIS CAVALEIROS DE EMOÇÃO EM ESTILOS DIFERENTES

ESPADAS:

O PORTUGUÊS ARMANDO SOARES

O ESPANHOL FERNANDO TORTOSA

EM EMOCIONANTE COMPETIÇÃO IBÉRICA

OS VALENTES FORCADOS AMADORES DE LISBOA

comandados por NUNO SALVAÇÃO BARRETO

PREÇOS:

Sol, desde ..... 25$00

Sombra, desde 80$00

Juventude ..... 15$00

BILHETEIRAS — Em Lisboa: AG. A B.E.P., Restauradores. Em Cascais: Nos locais do costume. Telefone 281007.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

Palavras cruzadas

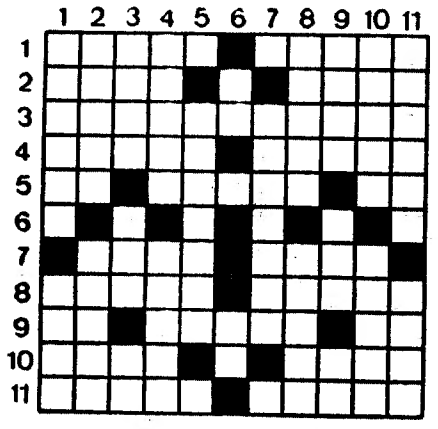
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5268

HORIZONTAIS: — Convoque Dá massagens 2 — Direcção. Filetras 3 — Empalideceis 4 — Realidade Auréola 5 — Antes do meio dia Poente Grande ribeira da Ásia Russa 7 — Palmeira da Amazónia Pão de milho. 8 — Três mil e quatro em romano. Naipe das cartas de jogar. 9 — Segundo Usos gerais. Troça. 10 — Trata por tu Planto textil do Ceará 11 — Rio da França e da Alemanha. Pronome possessivo (pl.).

VERTICAIS. — Engastas Dás mios. 2 — Ser humano do sexo masculino. Falsifica. 3 — Prender. Figura que simboliza o povo americano. Cidade da antiga Caldeia 4 — Serra de Portugal. Versejor 5 — Tempo do verbo ser Cativo. 6 — Artigo definido (ant.) Oferece. 7 — Esfrega ou lava com água e sabão. 8 — Liso Traco. 9 — Acolá Mágoa. Reis. 10 — Vara para apanhar fruto Gorgulhos tropicais 11 — Apareço. A Tailandia

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5267

HORIZONTAIS: —Gabar. Apago 2—Emas. A Arad. 3 — Riram Trem 4 — Amaro Avião. 5 — Açor. Coar. 6 — Ada. Ria Sim 7 — Ta Penda Aí 8 — VERDADE 9 — Mais Erre 10 — Órgão Trair. 11 — Siais Limão

VERTICAIS: — GERA. Atamos 2 — Animada. An. 3 — Baraço Viga 4 — Ásaro. Pesai. 5 — Morrer Os 6 — Inda. 7 — Tocado Ti 8 — Porvo Aden 9 — Areias Eram 10 — Gamaria. Ria 11 — ÓDIO Mísero.

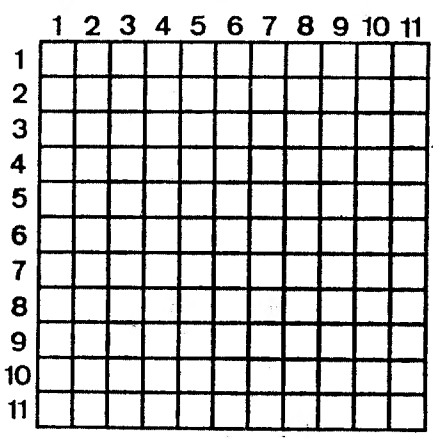
PROVÉRBIO: **A verdade gera ódio.**

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9111

HORIZONTAIS: — Freguesia do concelho de Vila Verde (Braga) Cidade de França 2 — Braço de mar Chiste Doença 3 — Dois mil em romano País do Nilo entre Assuão e Cartum, dividido entre o Egipto e o Sudão Quarto 4 — Esoeltos. 5 — Interjeição que imita pancada Ferro temperado. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda 6 — Copa sem mangas Genro de Maomé 7 — Empregar Solicitar 8 — Pesaroso 9 — Seguia Seco (Fig.) Pata 10 — Cabelos brancos Mediana Grande quantidade 11 — Inunda Letra grega

VERTICAIS: — Ilha do golfo Pérsico Exclusiva 2 — Víscera dupla Preposição e artigo defin. do (pl.) Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho 3 — Seguia. Vírgulas dobradas Apelido 4 — Níquel (s. q.) Lavrem 5 — Barriga da perna Cobra alento 6 — Mestiço (Bras.) Nome dum tecido antigo 7 — Franco Papos de mandioca 8 — Em partes iguais Cantor entre os gregos 9 — Prefixo de negação Moeda antiga de Portugal Pronome pessoal 10 — Tomba Terceiro Página (abrev.) 11 — Cidade de Portugal. Rotara



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9110

HORIZONTAIS: 1 — Tramo Rampa 2 — Assar Emala 3 — Ion. Bar. 4 — Pi Somos Fa 5 — Asa Vil Nio. 6 — Cela Ápia 7 — Toró Elmo 8 — Ota Alô 9 — Os Orago Id. 10 — III Ca Ave 11 — Amigo. Rumam.

VERTICAIS: 1 — Taipa. Troia 2 — Rs Isca Sim. 3 — Asi Aero 11 4 — Mãos. Loto 5 — Ornava Arco 6 — Mi. Ai. 7 — Rebola Agar. 8 — Amas Pêlo 9 — Mar. Nilo. Am. 10 — P. Fiam. Ivã 11 — Aarão. Ordem.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 15 — (L.) — Foi distribuido o boletim informativo das Forças Armadas em Angola, referente ao período de 3 a 9 de Agosto, que é do seguinte teor:

As nossas forças desenvolveram intensa actividade, obtiveram resultados apreciáveis e não sofreram baixas.

Provocaram aos bandoleiros 18 mortos e 7 feridos, verificando-se ainda a apreensão de 5 espingardas de diversas origens, granadas de morteiro e de mão, minas e munições Por outro lado, os terroristas acusaram diminuição substancial nas suas acções, manifestando-se no norte, com acções de pouco relevo, quer reagindo ao esforço ofensivo das nossas tropas, quer intimidando trabalhadores e populações ocupados na safra do café, a quem causaram 1 morto e 1 ferido.

No leste, apenas se revelou em três pequenas acções de fraca iniciativa.

No norte da província, as nossas tropas têm prosseguido com os trabalhos de beneficiação de itinerários nas zonas de refugio dos bandoleiros, que, neste período, atingiram uma extensão apreciável.

Foi montada uma operação entre o Cage e o Dange, tendo em vista a protecção das equipas encarregadas da prossecução dos trabalhos, que obteve os seguintes resultados: levantados dois engenhos explosivos, destruído um local de refugio de terroristas e em emboscadas sucessivas, foi apreendido material e causadas baixas aos bandoleiros.

Noutra operação na região de Bela Vista foram destruídos dois acampamentos terroristas, provocadas baixas e apreendido material.

Ainda a sudeste desta localidade as nossas forças, em reconhecimento ofensivo, detectaram um local de refugio de bandoleiros, que destruíram e causaram baixas.

No distrito de Lunda, as nossas tropas em acção a Noroeste de Cassai-Gare detectaram um bandido armado, que tentava emboscar-se. Foi abatido e apreendida a arma que possuia.

No distrito do Cuando-Cubango, as forças da ordem, numa operação levada a efeito a Sul da coutada do Mucusso, destruiram vários locais de refugio e de passagem de bandoleiros, recuperaram centenas de elementos da população, que eram mantidos sob coacção para manutenção logística dos inimigos do povo, apreenderam material e provocaram baixas.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 15 de Agosto de 1939 publicava:

«LONDRES, 15 — O correspondente do «Daily Telegraph» em Dantzig informa que continua a limpeza de alemães antinazis, na Cidade Livre. Acrescenta que nos últimos dias se têm feito centenas de prisões por actividade antinazi.

Não obstante essas prisões, têm-se distribuido, clandestinamente, milhares de cartas, nas quais se atacam os discursos de Foerster e o plano de conquistas de Hitler.»

EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL DO ESTORIL

Organizada, mais uma vez, pela Junta de Turismo da Costa do Sol, vai efectuar-se a XX Exposição Canina Internacional do Estoril.

Trata-se de um certame que mostrará ao publico os melhores exemplares de raças nacionais e estrangeiras Estarão presentes, efectivamente animais procedentes de Espanha, Inglaterra, Franca e Alemanha.

Conta-se que concorram mais de duas centenas de cães de cinquenta raças diferentes os quais serão observados por dois juizes estrangeiros e três juizes portugueses.

Arthur de Sousa

MISSA DE 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Cremilde Monteiro de Sousa, Natália de Sousa da Graça Antunes, Julio da Graça Antunes, Julio Arthur de Sousa da Graça Antunes e mais família, participam que será celebrada missa pelo eterno descanso de seu marido, pai, sogro, avô e parente amanhã, dia 16, pelas 11 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa.

Aproveitam a oportunidade para, muito reconhecidamente, agradecerem a todas as pessoas que, no período da doença do seu ente querido, se interessaram pelo seu estado, assim como a todas que o acompanharam á sua ultima morada, não o fazendo directamente a quem se desconhece nomes e moradas.

Associação dos Inquilinos Lisbonenses

Avisa os seus associados que os serviços se encontram encerrados no próximo dia 16 do corrente.

Actualidade internacional

O «cardeal contestador» pronuncia-se sobre «a Igreja em crise»

SUENENS, a quem chamam o «cardeal contestador»

PARIS, 15 — (F. P.) — Entrevistado na quinta-feira durante uma emissão de Televisão sobre o tema «A Igreja em crise», o cardeal Suenens, arcebispo de Malines — Bruxelas — e primaz da Bélgica, exprimiu a sua opinião pessoal sobre a autoridade do Papa, a colegialidade dos bispos, o celibato eclesiástico, a missão da Igreja.

O prelado, que tem 65 anos de idade, foi um dos principais animadores do Concílio Vaticano II. Certas declarações que fez recentemente teriam podido fazê-lo aparecer como um «cardeal contestador». O prelado pensa simplesmente que a Igreja de Pedro, de Paulo ou de João é como uma grande família onde se pode dialogar livremente.

O cardeal Suenens falou em primeiro lugar do mal-estar actual da Igreja devido ao facto da Igreja viver num mundo em plena mutação e que há fatalmente osmose entre o mundo e a Igreja. Além disso, declarou o prelado, a Igreja deve traduzir na prática as decisões do Concílio e é difícil fazê-lo simultâneamente em todos os países do Mundo.

A pergunta «Qual é a sua resposta aos que o censuram por ter criticado o Papa?» o cardeal respondeu: «Não é porque se critica o motor de um automóvel que se critica o seu motorista».

A pergunta «Sente-se optimista a respeito do futuro da Igreja?» o cardeal respondeu: «Darei duas respostas: Direi sim numa resposta de fé; quanto ao sociólogo, ele diria que ainda não chegámos ao fim da crise, mas as crises deste género são habitualmente momentos de geração nova e trata-se de uma oportunidade que deve ser aproveitada».

A entrevista do cardeal Suenens tinha sido precedida de declarações de alguns membros da sua diocese que manifestaram opiniões diversas a respeito do prelado, indo da admiração profunda á crítica.

PAUL FISHER é um norte-americano que fabrica 20 milhões de esferográficas por ano e que, preocupado com cósmicas escritas, resolveu inventar uma caneta capaz de escrever em todas as posições e sob todas as condições atmosféricas. Assim nasceu a esferográfica cósmica cuja tinta, com a consistência de uma pastilha elástica, tem azoto misturado. Quatrocentas dessas esferográficas foram já encomendadas pela N. A. S. A., e Paul Fisher tem no bolso uma carta de felicitações escrita por Neil Armstrong em plena Lua. Na foto, Fisher faz uma demonstração sobre a pele bronzeada de uma antiga «Miss Tunísia»

Conselheiros russos teriam sido mortos no Canal de Suez

JERUSALÉM, 15 — (R.) — O ministro da Defesa, Moshe Dayan, afirmou a noite passada nesta cidade que não julgava que Israel caminhasse para uma confrontação com a União Soviética a seguir a uma notícia de que conselheiros russos foram mortos no Egipto durante ataques israelitas no Canal de Suez.

Dayan, comentando notícia de um jornal de que entre 10 a 35 conselheiros soviéticos tinham sido mortos durante o recente ataque israelita contra a área de Port Said, disse julgar ser possível que alguns russos tivessem perdido a vida em resultado dos ataques israelitas.

Prosseguiu: «Contudo, não creio que os soviéticos entrem em acção operacional ao lado dos egípcios ou dos sírios em futuro próximo».

O ministro da Defesa, que falava durante uma entrevista concedida a um grupo de correspondentes ao ser inaugurada nesta cidade uma nova secção do edifício da Associação dos Jornalistas Israelitas, acrescentou ter a certeza que os conselheiros soviéticos no Egipto não só preparam e inspeccionam aviões militares egípcios, mas também auxiliam a pilotá-los.

ATENTADOS À BOMBA EM ISRAEL

HAIFA, 15 — (R.) — Uma carga explosiva danificou uma conduta de petróleo, hoje de madrugada, perto das refinarias da baía de Haifa — disseram hoje círculos policiais israelitas.

Não se registaram perdas de vidas, os danos foram descritos como ligeiros e os bombeiros apagaram o fogo que se desenvolveu devido á explosão, em menos de uma hora.

Os mesmos círculos revelaram ter explodido outra carga no subúrbio de Kiryat-Haylm.

Mais tarde, um informador da Polícia revelou terem sido detidos oito suspeitos pouco depois das explosões.

Este é o segundo acto de sabotagem na área da baía de Haifa em menos de dois meses.

Em 24 de Julho algumas condutas de petróleo que levavam o ouro negro para refinarias perto do porto de Kishon, foram também atacadas por cargas explosivas.

Dois filmes sobre o caso Defregger

MUNIQUE, 15 — (F. P.) — «O capitão de Filetto» — tal é o título de uma película a cores, em co-produção germano-italiana, que começa a ser rodada em meados de Setembro em Filetto, nos nos Abruzzos, onde se verificou em Junho de 1944 a execução de 17 reféns pelos alemães, caso em que está comprometido o antigo oficial da Wehrmacht, Mathias Defregger, hoje bispo auxiliar de Munique. O enredo basear-se-á nos depoimentos das testemunhas oculares da chacina, assim como em documentos históricos, não tomando partido nem a favor nem contra Defregger.

Será dada também em breve a primeira volta de manivela de uma película alemã dirigida por Robert Azderball, também sobre o caso de Filetto e a pessoa de Defregger.

A chacina de Filetto servirá igualmente de tema a uma peça do teatro da autoria do austríaco Hans Goerg Behr, que será estreada numa nova sala de Bonn.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

A «velha guarda» vai morrendo

RIO DE JANEIRO, 15 — (A. N. I.) — A «velha guarda» perdeu esta semana três elementos da musica popular brasileira: Dante Santoro, Heckle Tavares e «Jaco do Bandolim», como era conhecido Jacob Pick Bittencourt.

Este ultimo faleceu em sua casa ao regressar de uma visita a outro elemento de valor da «velha guarda» brasileira, que está doente: Alfredo da Rocha Viana, «Pixinguinha».

ANO «RECORD» DE TURISMO EM ESPANHA

CORUNHA, 15 — (F. P.) — O turismo estrangeiro em Espanha aumentou nos sete primeiros meses do corrente ano em 12,1 por cento, relativamente ao mesmo período do ano passado, e 1969, promete ser um ano «record», — declarou ontem Manuel Fraga Iribarne, ministro da Informação e do Turismo, no final do conselho de ministros.

Vinte e um milhões de turistas deverão visitar este ano a Espanha, ou seja mais dois milhões do que em 1968.

«TERRA DE NINGUÉM» NA FRONTEIRA SINO-SOVIÉTICA

HONG-KONG, 15 — (R.) — Rádio Pequim afirmou hoje que a União Soviética estabelecera uma «terra de ninguém» com 20 quilómetros de extensão, na fronteira sino-soviética.

A Rádio não forneceu a localização exacta da zona, mas disse que ela fora estabelecida após o Kremlin evacuar pessoas que viviam ao longo dessa parte da fronteira.

A emissora acrescentou que o Governo soviético construíra também auto-estradas e caminhos-de-ferro militares ao longo da fronteira sino-soviética.

Rádio Pequim disse ainda que a União Soviética se estava a mobilizar para uma guerra contra a China. Afirmou que mais soldados russos foram enviados para as fronteiras sino-soviética e sino-mongol para manobras.

O chefe do Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev, conferenciara recentemente com comandantes militares sobre preparativos de guerra — prosseguiu a Rádio. Acrescentou que as autoridades soviéticas tinham estabelecido aulas de treino militar em escolas, cooperativas e herdades do Estado.

Cresce a tensão na Checoslováquia onde o Exército está de prevenção

PRAGA, 15 — (R.) — Unidades do Exército checoslovaco e da Milícia comunista encontram-se de prevenção, prontas a esmagar quaisquer protestos anti-soviéticos por ocasião do primeiro aniversário da invasão do país pelas forças do Pacto de Varsóvia.

O que equivalia a um quase estado de emergência foi declarado a noite passada numa comunicação dramática do Governo federal dos dois governos nacionais, checo e eslovaco.

Numa declaração conjunta, esses governos descreveram a situação interna como séria e disseram que notícias falsas e alarmantes estavam a ser propaladas para criar o pânico e a confusão.

A comunicação regista-se no meio de crescente tensão, menos de uma semana antes do aniversário do 20-21 de Agosto, quando 500 000 soldados do Pacto de Varsóvia atravessaram as fronteiras da Checoslováquia.

Panfletos clandestinos pedem ao povo para trajar de luto e realizar greves simbólicas para recordar a invasão, que provocou o princípio do fim do programa de liberalização do chefe do Partido Comunista, Alexander Dubcek.

Contudo, os «progressistas» receiam, também, que os comunistas intransigentes possam provocar um incidente para fazer recair todo o peso do regime sobre qualquer organização reformista.

Quando o Governo anunciou as suas duras medidas, o chefe da Administração do Exército soviético continua a sua visita de inspecção a unidades militares checoslovacas, havendo indicações de que está a prolongar a sua permanência neste país durante mais tempo do que fora originalmente planeado.

O general Alexei Yepishev chegou em 6 de Agosto e segundo um comunicado oficial discutiu com o su colega checoslovaco, general Frantisek Bedrich, treino e educação política do Exército checoslovaco.

Contudo, havia, também, especulação de que a visita do general soviético está relacionada com manobras do Pacto de Varsóvia, que se espera comecem na próxima segunda-feira e se prolonguem durante a data do aniversário da invasão.

Blaiberg gravemente enfermo

CIDADE DO CABO, 15 — (R.) — Foi noticiado que o dentista sul-africano, dr. Philip Blaiberg, o mais antigo sobrevivente mundial de uma transplantação cardíaca, está gravemente doente no hospital de Groote Schuur da Cidade do Cabo.

Círculos clínicos dizem que os médicos estão preocupados com o agravamento de saúde de Blaiberg, de 60 anos, que foi ontem readmitido no hospital após uma recaída — a terceira desde que recebeu o seu novo coração em 2 de Janeiro de 1968.

O dr. Blaiberg, segundo doente do professor Christian Barnard a sofrer uma transplantação cardíaca, tem sido apresentado como um símbolo do êxito de tais operações.

Aguarda-se que ainda hoje seja publicado um boletim clínico sobre as condições de saúde do dr. Blaiberg.

O hospital de Groote Schuur não explicou as exactas razões da recaída de Philips Blaiberg, mas em círculos clínicos diz-se que o seu coração não está a funcionar como é devido e isso é causa de complicações no funcionamento de outros órgãos.

AGRAVA-SE A SITUAÇÃO NA IRLANDA DO NORTE

(Continuação da 1.ª página)

«pubs», no limite dos sectores católico e protestante, e pouco antes da meia-noite, ouviram-se os primeiros tiros nas ruas cheias de fumo dos incêndios. Ainda não se sabe quem disparou. Os polícias dizem que fizeram fogo abundantemente, mas para o ar, a fim de afugentarem os grupos de manifestantes que faziam cair sobre eles autênticas chuvas de «coktails Molotov». Pelo menos um dos veículos blindados da Polícia foi posto fora de combate pelas bombas incendiárias.

Pelas 5 da manhã, os bombeiros ainda combatiam os incêndios com dificuldade, devido aos atiradores, isolados fazendo fogo dos telhados. Em Armach houve um morto além de muitos feridos por balas, uma fábrica têxtil foi incendiada e muitas famílias que moram próximo tiveram de ser evacuadas. A cidade de Newry também foi teatro de choques brutais entre manifestantes católicos e forças da Polícia.

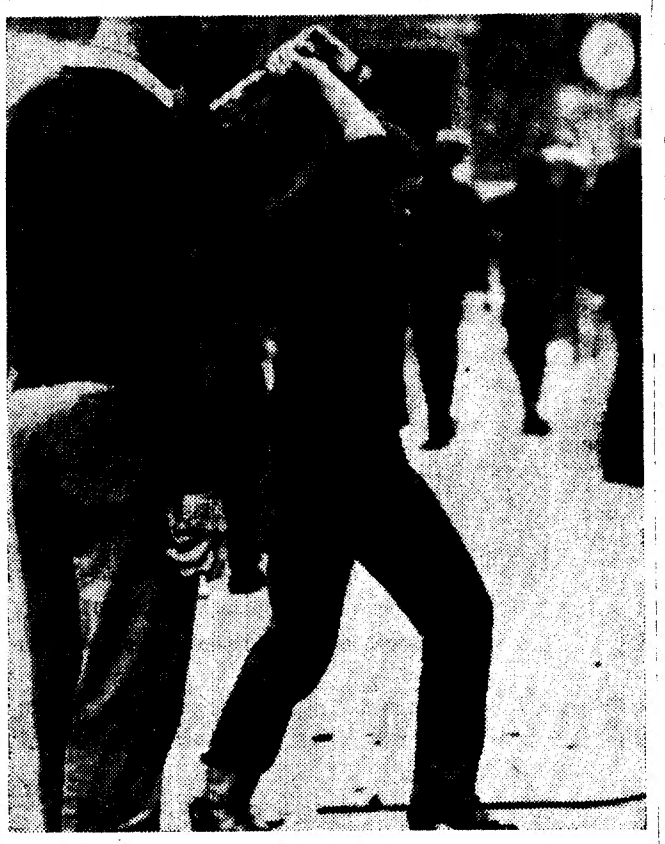
Os tiroteios desta noite podem exacerbar ainda mais as paixões. Em Belfast, Paddy Devlin, deputado trabalhista da circunscrição católica de Falls, protestou junto do chefe da Polícia contra o que classificou de «tiros sem discriminação dos polícias e dos ajudantes».

Enquanto Belfast estava a ogo e sangue, os católicos do bairro de Bogside de Londonderry celebravam até hora avançada, em volta de fogueiras desta vez alegres, a partida dos polícias e a sua substituição por 400 «tommies» britânicos.

BELFAST: 16 MORTOS?

BELFAST, 15 — (F. P.) — Segundo informações ainda não confirmadas teriam morrido a noite passada em Belfast 16 pessoas.

O quartel-general da Polícia desta cidade indica, no entanto, que o balanço oficial das vítimas continua a ser de cinco mortos, além de um número ainda indeterminado de feridos (mais de 120). Não se exclui a possibilidade de alguns dos feridos se encontrarem em estado desesperado.



BERNARDETTE DEVLIN quebra as pedras que servirão de arma de arremesso aos católicos barricados nas ruas de Londonderry. A jovem deputada tem estado na primeira linha da luta desencadeada pela minoria católica do Ulster

ATERRAGEM SUAVE DA ZOND-7

MOSCOVO, 15 — (F. P.) — A agência Tass anunciou a noite passada que terminou com êxito a nova experiência soviética do programa de investigações rlativas á Lua. A Zond-7 deu a volta á Lua e, depois de haver cumprido um programa carregado de investigações e de experiências científicas e técnicas, fez uma descida guiada na atmosfera terrestre, seguida de uma aterragem suave na região prevista da União Soviética, a sul de Kustani, no Kasakhstan. Como fora precedentemente anunciado, a estação automática soviética deu no dia 11 a volta á Lua, depois de uma correcção da sua trajectória. No decurso do seu voo, a estação procedeu a medidas científicas das características físicas do espaço interplanetário e tirou fotografias da Terra e da Lua a diferentes distâncias.

No decurso da sua descida na atmosfera terrestre, a Zond-7 seguiu uma trajectória compreendendo uma nova subida aerodinâmica. Antes de entrar na atmosfera o engenho de descida separou-se da estação por ordem de um sistema de programação. Depois de dois mergulhos na atmosfera, a velocidade do engenho de descida foi reduzida pela travagem aerodinâmica da segunda velocidade cósmica (mais de 11 quilómetros por segundo) para 200 quilómetros por hora. Um sistema de pára-quedas entrou em acção a uma altitude de 7500 metros. Os motores que asseguravam a descida suave foram ligados automáticamente antes da aterragem.

MANIFESTAÇÕES CONTRA O NPD

FLENSBURG (Alemanha Ocidental), 15 — (R.) — Cerca de 80 manifestantes esquerdistas interromperam a noite passada um comício do Partido Nacional Democrático, (NPD), da extrema direita, que se realizava nesta cidade, assaltando a tribuna e atacando um orador.

Os manifestantes abafaram o discurso batendo, com ritmo, as mãos e entoando «Sieg Heil» e «Ho Chi Minh».

A polícia interveio, dispersando a multidão e prendendo três pessoas, após os manifestantes agredirem a soco um orador NPD.

Entretanto, em Hildesheim, centenas de jovens, empunhando bandeiras vermelhas e cartazes contra o NPD, tentaram invadir uma sala local onde os nacionais-democratas realizavam um comício eleitoral.

A Polícia fez recuar os manifestantes, que lançavam pedras, foguetes e sacos de plástico, cheios de tinta.

Duplo assassínio em Memphis (EUA)

MEMPHIS (Tennessee), 15 — (F. P.) — Os asssassinos de Los Angeles fizeram escola. Ontem á noite em Memphis — a 2600 quilómetros da capital do cinema — foi descoberto um crime que se assemelha nalguns pormenores aos da semana passada na residência dos Polanski e na do casal La Bianca

As duas vítimas de Memphis são Roy Kenneth Dumas, de 58 anos, e sua esposa Vernalyn Kelly Dumas, de 46. Os corpos foram encontrados por seu filho Michael, de 21 anos, que vinha visitar os pais.

Segundo as primeiras verificações da Polícia, a morte do casal deve remontar ao fim da tarde de ontem. O assassino teve portanto todo o tempo para preparar a fuga como foi o caso nos dois crimes de Los Angeles. Os investigadores ainda não apuraram qual foi a arma do crime, de tal maneira os corpos se apresentam mutilados, crivados de golpes e cobertos de sangue.

As mãos do casal estavam atadas atrás das costas, á semelhança de Leno La Bianca, uma das duas vítimas do segundo crime de Los Angeles. Também neste caso os corpos de Roy Kenneth Dumas e de sua esposa foram encontrados em duas salas diferentes do apartamento de cinco divisões, situado no rés-do-chão de um edifício do centro da cidade.

Frank Holloman, encarregado o ano passado, de investigar o assassínio do rev.º Martin Luther King, prémio Nobel da Paz, decidiu anular, para facilitar o inquérito, todas as licenças dos inspectores da Brigada de Homicídios.

O assassínio do casal Dumas — disse — é «o mais atroz e revoltante» de que se recorda em toda a sua carreira.

Frank Holloman recusa-se entretanto a pensar que os autores dos crimes de Los Angeles sejam os mesmos do de Memphis.

A Córsega celebra hoje o bicentenário do nascimento de Napoleão Bonaparte

AJACCIO, 15 — (R.) — A Córsega lembra hoje ao mundo que produziu um dos mais famosos conquistadores da História quando Napoleão Bonaparte nasceu há dois séculos naquela ilha.

Uma exibição de fogo-de-artifício efectuar-se-á em 17 fases, mostrando os períodos da vida do homem que comandou um exército vitorioso aos 27 anos, prosseguiu para derrotar os governantes mais poderosos da Europa e terminou os seus dias doente e sózinho no cativeiro britânico em Santa Helena.

O Governo francês revelou ainda a marca das reformas de Napoleão e, segundo uma recente sondagem á opinião publica, o antigo imperador é ainda o francês mais popular, vivo ou morto.

Espera-se que cerca de 100 000 pessoas assistam aos desfiles militares e ás cerimónias assinalando o aniversário e o presidente Pompidou dirige-se de avião para esta cidade a fim de pronunciar o seu primeiro discurso desde a sensacional decisão do seu Governo de desvalorizar o franco.

Virou-se um barco — 150 mortos

NOVA DELHI, 15 — (A. N. I) — Morreram afogadas 150 pessoas, entre as quais várias mulheres e crianças, por se ter virado no rio Ganges o barco em que viajavam — noticia a Imprensa de Nova Delhi,

O caso deu-se próximo da cidade de Monghyr, no Estado de Bihat

O «PAPA» DOS MAGOS, o italiano Vittorio Scifo, de 33 anos, mais conhecido por «Mago de Tobruck», está actualmente de visita a Paris «para combater o perigo atómico que sinto muito próximo», segundo declarou numa conferência de Imprensa, efectuada no Hotel Jorge V. Produtor de cinema, o mago chegou á capital francesa acompanhado da bela Alessandra Cardinale, prima de Cláudia, de quem Vittorio quer fazer uma nova B. B. Ei-los passeando nos Campos Elíseos

VINTE E QUATRO ANOS APÓS A DERROTA

O PRESTÍGIO DO JAPÃO ERGUE-SE DE NOVO

TÓQUIO, 15 — (A. N. I.) — Foi há 24 anos, precisamente hoje, que o imperador Hiroito, num discurso pela rádio, sem precedentes na História do Japão, se dirigiu ao seu povo a anunciar-lhe que pusera termo ao conflito — a segunda guerra mundial — e que o povo devia preparar-se para «suportar o insuportável».

Poucos dias depois, a rendição japonesa era oficializada: um militar norte-americano e um diplomata japonês fitavam-se de frente por sobre uma mesa no «deck» do navio de guerra «Missouri». O general MacArthur e o ministro dos Negócios Estrangeiros Namoru Shigemitsu representavam, nesse momento, os dois mundos que tinham deposto as armas — de um lado a força a secundar os idealismos de democracia e ocidentalização do Oriente do outro lado o velho sonho de uma requintada civilização apoiada num prestígio que a derrota destruía de um golpe.

Vinte e quatro anos depois, esse prestígio ergue-se de novo em toda a Ásia — renovado, seguro, apoiado num produto nacional bruto da ordem dos 140 biliões de dólares — a segunda entre as economias mais ricas do Mundo.

A sua industria automóvel produzirá cinco milhões de automóveis e camiões este ano. Os petroleiros de 300000 toneladas que saem dos seus estaleiros são os mais procurados do Mundo.

Não há uma casa no Japão que não tenha o seu receptor de televisão. Práticamente, toda a população tem máquina de lavar roupa e frigorífico. O sonho do emprego total é uma realidade no Japão de hoje: não há um japonês, que queira trabalhar, que não encontre emprego.

Para o Japão moderno, a guerra da Coreia foi um maná: sem entrar na guerra e sem suportar o seu desgaste, a industria japonesa iniciou um trabalho em cheio para abastecimento, mais próximo e mais fácil, dos Exércitos norte-americanos em luta E foi o início do movimento ascensional que a economia nipónica ainda não suspendeu.

Mais tarde, quando deflagrou, já na década de 60, a guerra do Vietnam, os efeitos económicos para o Japão foram idênticos aos da guerra da Coreia: novo e decisivo impulso de produção.

O Japão não é o unico exemplo de um país vencido na segunda guerra mundial cuja economia ultrapassou de há muito as de países que sairam vencedores dessa guerra. Mas é o unico que continua a dar, á opinião publica norte-americana pelo menos, ideia de que, por ter sido vencido então continua pronto a obedecer cegamente ás «ordens» que receba de Washington.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

A situação de trabalhadores das estradas alentejanas

José Calabote tem 56 anos, é casado e pai de dois filhos e há 21 anos que trabalha para a Junta Autónoma das Estradas. Como exerce a sua actividade na província (Alentejo) e ganha 50 escudos por dia, poderia dizer-se que não será muito bem pago mas que, pelo menos, é um emprego seguro. Na realidade, não é bem assim.

Quem nos conta a história é o filho de José Calabote:

Há poucas semanas, José Calabote, que então trabalhava em Reguengos de Monsaraz, foi avisado pelo seu chefe que devia procurar emprego. Isto é uma coisa que sucede com muita frequência entre os trabalhadores das estradas no Alentejo. A justificação é a seguinte: Quase todos eles são eventuais. Só se empregam na Junta Autónoma quando os trabalhos agrícolas estão parados. O número dos trabalhadores que só vão para a estrada porque há um excesso de desemprego deve ultrapassar bastante 90 por cento do número total de trabalhadores da estrada, segundo nos contou o nosso informador.

Mas alguns trabalhadores mantêm-se muitos anos no serviço, embora sejam assalariados e não possam pertencer ao quadro por, muitos deles, serem analfabetos. Esse é o caso de José Calabote. Talvez atendendo á antiguidade ou á pessoa, o certo é que o sr. José Calabote foi readmitido, mas não no serviço de Reguengos e sim em Portel.

Por enquanto, o problema está semi-resolvido para o sr. Calabote. Mas ele é apenas um e, além disso, consta que todos os trabalhadores terão de procurar emprego nas empresas particulares que executam as empreitadas para o Estado, a partir do próximo sábado, dia 16. E' até natural que a entrada para essas empresas esteja já assegurada, para alguns, pelo menos. Quanto ao futuro, ninguém o adivinha.

Por outro lado, os assalariados das estradas, do Alentejo, pelo menos, foram recentemente aumentados. Os trabalhadores sem qualquer qualificação ganhavam 40 escudos e passaram a receber 50 por dia. Os encarregados venciam 46 escudos e passaram para os mesmos 50, desaparecendo, portanto a categoria de encarregado.

Depois da melindrosa operação, Manuel Soares de Oliveira sorri para a objectiva do nosso fotógrafo

É satisfatório o estado do português a quem foi transplantado um rim

COIMBRA, 15 — Continua internado nos Hospitais da Universidade o sr. Manuel Soares de Oliveira, de 44 anos, casado, resineiro, residente em Vide, freguesia de Talhada, Sever do Vouga, que em 20 do mês passado foi sujeito a uma intervenção cirurgica pelo dr. Linhares Furtado, que lhe fez a transplantação de um rim.

Como então noticiado, a dadora do rim foi uma irmã do doente, D. Isaura Soares de Oliveira, de 40 anos, residente na mesma localidade, que já se encontra na sua residência há cerca de duas semanas fazendo a sua vida normal.

O estado do sr. Manuel Soares de Oliveira tem evoluído favorávelmente, notando o funcionamento do rim com toda a regularidade, embora se possa dar um aperto do ureter que provocará nova intervenção cirúrgica. Mas trata-se de um acidente vulgar que se prevê não prejudique a evolução da cura.

Os guardas do parque também quiseram ouvir Wagner

De calção e gravador sobre os joelhos, este campista segue atentamente o concerto

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

8.º andar — Aluga-se

na Av. António Augusto de Aguiar, 104, próprio para escritórios de grande empresa, embaixada, etc.

Com 7 grandes salas assoalhadas, 3 casas de banho e 3 arrecadações.

Grande varanda circundando todo o andar. Linda vista da cidade. Terraço.

Área total 248 m2.

Mostra a porteira. Trata.

«O Alentejo», Companhia de Seguros

Pr. Restauradores, n.º 47 — Tel. 30303

A LINGUAGEM UNIVERSAL «M

WAGNER EN
PARA TURISTAS

Wagner «saía» do palco iluminado. Os músicos vestidos de preto, a rigor, contrastavam com a assistência, muito desportiva, homens de calções, mulheres de calças. Os sons misturam-se com o perfume da noite. Noite cálida, de Agosto. Na sua cadeira, numa das filas mais recuadas, o «ganadero» espanhol não se contém:

— Bravo! Bravíssimo!

Monsanto «connait la musique». Noite em que todos falam a mesma linguagem.

O concerto gratuito, promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, através da sua repartição de Espectáculos e Turismo, e destinado aos campistas que neste momento se encontram no Parque Municipal de Monsanto, levou a Orquestra Filarmónica de Lisboa, sob a direcção do maestro Silva Dionísio, ao maior parque de campismo do País e um dos maiores da Europa. Mais de 500 pessoas assistiram ao concerto, que incluiu peças de Wagner, José Avelino Canongia, Debussy e Lourenzo Fernandez.

— *A Câmara promove concertos destes em vários locais* — declara o sr. Angelo Fernandes, da Repartição de Turismo do Município. — *Em Monsanto é esta a terceira vez que a iniciativa se concretiza. O ano passado, porque o concerto foi em Junho, mês em que ainda há poucos turistas, o êxito não foi grande. Mas hoje superou a nossa expectativa.*

Um elemento da Comissão do Parque, sr. Orlando Perrain (também funcionário da Câmara, Repartição de Finanças) disse, por seu turno:

— *Estes concertos são o primeiro passo para um conjunto de iniciativas de carácter artístico que procuramos levar a efeito junto dos campistas. Trata-se de um ensaio para uma experiência mais vasta e ambiciosa.*

«UM PÚBLICO MAGNÍFICO»

— *Um público magnífico* — diria o maestro Silva Dionísio.

A expressão tentava prestar uma homenagem á atenção quase religiosa com que a assistência seguiu todo o concerto. Jovens de ar saudável, queimados pelo sol, eles de longos cabelos, elas louras e descontraídas; casais ainda novos com os filhos ao colo; famílias inteiras de campistas (daquém e dalém-fronteira); senhores mais circunspectos, senhores menos circunspectos; até mesmo os guardas e os varredores do parque — todos seguiam, num quase êxtase, a actuação da Orquestra Filarmónica de Lisboa.

«É uma assistência estranha — disse alguém. — Dir-se-ia um público frívolo, e eis que se manifesta extremamente apreciador e interessado. Dir-se-ia que viera para um baile ou para uma festa. E eis que se portam como se estivessem metidos nos fatos que é costume pôr para ir á Ópera ou a concertos».

Franceses, espanhóis, ingleses, alemães, portugueses, todos se entenderam pelo «milagre» da música. E a comunicação estabeleceu-se entre todos a partir de um estrado iluminado, com uma única nota censurável: as gravatas e os fatos estreitos dos que tinham a seu cargo dar vida autêntica á única língua que não tem nacionalidade, á única expressão do homem que desconhece as chancelarias e as mesas de conferência (infelizmente, parece, passe o lirismo...).

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

AL «FALADA» EM MONSANTO

NGRAVATADO

S EM CALÇÕES

par-
uni-
o é
e a
. O
on-
més
ucos
foi
rou

his-
ndo
cio-
rti-
por

o o
um
de
ro-
un-
-se
ma
e

tico
va

es-
á
om
to-
de
pe-
ca-
m-
no-
lo:
m-
m-
ais
ne-
es-
re-
dos
ta-
tra

es-
—
vo-
sta
r e
que
pa-
se
em
é
pe-

n-
ne-
am
ca.
e-
tir
do,
n-
os
ti-
da
ua
e,
o-
as
de
te,
.).

— *É um bom público e uma boa orquestra* — diz o maestro Silva Dionísio, chefe da banda da G. N. R., convidado especialmente para dirigir este concerto. — *Tenho tomado parte em muitas sessões deste género e raramente encontro uma assistência tão atenta e tão conhecedora. Penso que estes espectáculos deveriam ser multiplicados. A música pode ter um grande público, mesmo a chamada «música séria». O que é preciso é que a sua divulgação se faça com inteligência.*

«*Realizações como esta* — continua o maestro — *têm uma dupla utilidade: por um lado, enriquecem a experiência turística dos que vêm até nós passar as suas férias; por outro, contribuem para o bom nome de Portugal no estrangeiro.*

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

A Orquestra Filarmónica de Lisboa é uma organização do Conservatório Nacional, e nela se integram profissionais e alguns alunos. Um dos seus elementos destacados é o clarinetista Artur Moreira, galardoado em 1967 com o prémio «Guilhermina Suggia». A sua actuação, como solista, no Concerto n.º 2, de Canongia, valeu-lhe grandes aplausos.

E OS CONCERTOS PARA... NATIVOS?

«*Por mim* — prossegue Silva Dionísio — *penso que um concerto anual não basta. Seria preciso mais. De um modo geral, os estrangeiros são cultos e mais habituados á música do que nós. Que melhor coisa lhes poderíamos oferecer?*

Os concertos para turistas não fazem, porém, esquecer a necessidade de realizações semelhantes para nativos. Que pensa disto o maestro Silva Dionísio?

— *Penso que haveria toda a vantagem em multiplicar os concertos para sectores populares. O nosso público é muito bom, também. O que não está é educado.*

DA TERRA DE «EL CORDOBEZ»

É um homem entusiasmado que nos fala. Francisco Moreno, espanhol, de meia idade, vivo e comunicativo, proclama:

— Hombre! Es magnifico! É uma grande orquestra! Uma orquestra de nível europeu!

Os seus «bravos» chamaram as atenções. Mas o seu estilo cheio de vivacidade tem uma (boa) explicação:

— Sou de Villanueva de Córdoba. A terra de «El Cordobez!

Francisco Moreno, que passa as suas primeiras férias em Portugal, fala das praias, de Lisboa («alguns monumentos são muito interessantes»), do fado. «Mas esta da música ao ar livre é que me deixa encantado».

Criador de gado — especialmente de ovelhas — sente-se atraído pelo nosso País: «Es mui belo». Gosta de música e tem assistido a concertos pelas orquestras filarmónicas de Bilbau, Sevilha, Madrid.

— Garanto-lhe — afirma — isto é do melhor que há na Europa.

E solta outro dos seus «bravos» imansáveis, os «bravos» incansáveis, os Córdoba, que todo o Monsanto ficou a conhecer.

UM FRANCÊS QUE DESCOBRE A MÚSICA AO AR LIVRE

Mais sóbrio, mas nem por isso menos agradado, é o jovem Jean Samarcq, um dentista de Tours, que passa as suas segundas férias no nosso País, com a mulher, Anne Marie, a irmã e o filho ainda de colo:

— Agrada-me Portugal, a sua cultura, os seus monumentos.

Acerca do concerto:

— Oh! Mais c'est formidable! É a primeira vez que assisto a um concerto ao ar livre. Sim, claro, em França há muitos concertos, muito interesse pela música, mas sempre que tenho assistido a espectáculos destes é em recintos cobertos. Nunca tinha sentido uma sensação como a desta noite: uma noite maravilhosa, o ar, a música, o cheiro das árvores e das flores! Tenho pena que o meu mês de férias esteja a acabar!

Rodeada por campistas, a Orquestra Filarmónica de Lisboa apresenta-se no parque de Monsanto

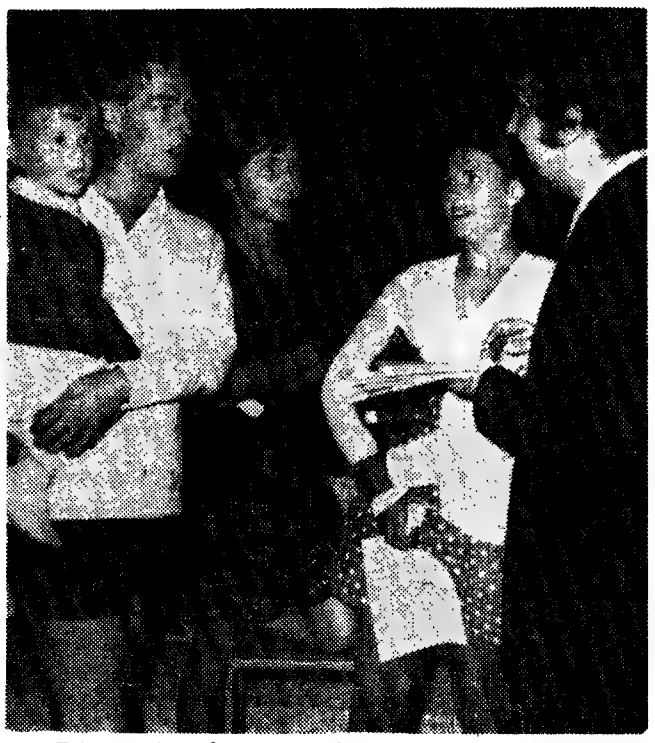
Quanto a Anne Marie:

— Je n'ai q'un mot: enchantée!

Uma só palavra: encantada! Wagner e Debussy já não estava em Monsanto. Em poucos momentos o recinto descoberto, onde por momentos viveram, ficou deserto. As luzes do petromax acendiam-se nas tendas. As «roullottes» iluminavam-se também. Pouco depois o parque era um local tranquilo, onde as pessoas descansavam. Mas ninguém irá esquecer esta noite de paz e de música — sobretudo aqueles que, como o jovem Jean Samarcq, não conhecem de Portugal senão Lisboa e o Parque de Monsanto.

VIETNAMIANOS NO PARQUE DE CAMPISMO DE MONSANTO

Dois vietnamianos (do Sul) encontravam-se entre os 1758 turistas que ontem «habitavam» o parque de campismo de Monsanto. Os nacionais do longínquo e agora tão falado país, representavam, porém, uma escassíssima minoria em relação às restantes nações representadas. De salientar que os campistas portugueses ocupavam o primeiro lugar («há sempre um Portugal desconhecido»...), logo seguidos pelos franceses, ingleses e alemães. O quadro é como segue: Portugueses, 432; Franceses, 301; Ingleses, 189; Alemães, 167; Holandeses, 138; Belgas, 137; Americanos, 137; Espanhóis, 131; Brasileiros, 37; Italianos, 33; Austríacos, 17; Japoneses, 13; Suíços, 13; Suecos, 12; Vietnamianos, 2; Escoceses, 1. portugueses e estrangeiros distribuiam-se por 437 caravanas, 412 tendas e 28 carros-cama.



Três campistas franceses confiam-nos as suas impressões

LIMA KIM
vedeta Sul-Coreana da canção

THE CHARLIVELS
FAMOSOS COMEDIANTES DA ACROBACIA

LIDIA RIBEIRO

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

STORMY SUMMERS
SÓ NO WONDER BAR

No CINEMA, às 17 e 21 e 30 h
O INSPECTOR CLOSEAU
(M. 12 anos)

COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇAO

Diário do Porto

PRISÃO DO AUTOR DE ROUBOS POR ASSALTO

A Polícia Judiciária capturou, há cerca de mês e meio, Fortunato Joaquim, de 31 anos, casado, carpinteiro, do lugar da Fontiela, Avintes (Gaia). Trata-se de um cadastrado, que saiu da cadeia em meados de 1965. Novamente preso é arguido de uma série de assaltos a residências (ao todo catorze apurados e confessados).

O montante dos furtos (dinheiro, ouro, rádios e outros objectos que transaccionou) ascende a mais de cem contos. O larápio actuava da seguinte maneira: depois de vigiar a residência que se propunha assaltar — e se não notasse a presença dos locatários —, tocava duas vezes na campainha da porta, após o que partia o vidro de uma janela e saltava para o interior.

O processo, instruído pelo agente sr. Joaquim Gonçalves e pelo chefe de brigada sr. Lopes Duarte, vai ser enviado ao tribunal, aguardando o arguido na cadeia o julgamento.

Outras ocorrências policiais

Queixaram-se na P. S. P. os srs. José de Jesus Marques, morador em Viseu, e António Augusto Ribeiro da Silva, de São Mamede de Infesta, porque lhes furtaram, do interior dos seus automóveis, ao primeiro uma máquina fotográfica e um binóculo de ouro, no valor de 5000$ e ao segundo, também uma máquina fotográfica e um rádio gira-discos, avaliados em milhares de escudos.

— Os gatunos entraram no estabelecimento de mercearia do sr. Américo Ferreira Sampaio, na Rua João Grave, e furtaram diversos artigos, além de causarem danos, avaliados em mais de 1000$.

— Por meio de chave falsa, foi assaltada a residência do sr. José Moreira Nunes, na Rua de Santa Catarina, 219 de onde os gatunos levaram objectos de ouro, de grande valor.

Notícias diversas

O conhecido artista madeirense Max apresenta-se, esta noite, na Feira do Porto, no espectáculo de variedades que reune outros cançonetistas.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Caminhos perigosos» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «O dia mais longo» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Doce veneno» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Ao sul do Rio Grande» (12 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «007 contra Goldfinger» (17 anos
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «A luz é para todos» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «A «partilha» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Tarzan, filho das selvas» e «O alfabeto do crime» (12 anos).
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Tom Dollar» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A terra dos mil aventuras» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Fugitivos de Sing-Sing» (17 anos)

Amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Caminho perigoso» (17 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «O dia mais longo» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Doce veneno...» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 15 e 30: «A luz é para todos!» (12 anos)
BATALHA — Às 15 e 30: «A partilha» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Tarzan, filho das selvas» e «O alfabeto do crime» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Ao sul do Rio Grande» (12 anos)
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «007 contra Goldfinger» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «A terra dos mil aventuras» (12 anos).

Calendário desportivo

HÓQUEI EM PATINS — *Campeonatos Regionais — 1. Divisão:* Vigorosa-Infante de Sagres, Fanzeres-Carvalhos, C. D. U. P.-Académico, F. C. Porto-Sanjoanense e Valongo Académica de Espinho, a partir das 22 horas, nos «rinks» dos primeiros.

Reservas: Vigorosa-Infante de Sagres, Fanzeres-Carvalhos e F. C. Porto-Sanjoanense, nos «rinks» dos primeiros, ás 21 h.

NATAÇÃO — *Torneio Relâmpago da Associação do Porto:* Na piscina do Fluvial, provas a partir das 21 e 30.

O «PRÉMIO ALMEIDA GARRETT» PARA TEATRO E POESIA JUVENIL

O regulamento do «Prémio Almeida Garrett», que será, como dissemos, atribuído pelo Ateneu Comercial do Porto, distingue, além da modalidade de Teatro a de Poesia Juvenil, cujo regulamento estabelece.

Poema ou poemas, no máximo de três por cada autor, de idade até os 25 anos, inéditos ou publicados durante 1969. A entrega dos originais (em cinco exemplares dactilografados) ou das respectivas publicações (também em igual número), deverá fazer-se até 30 de Outubro, na secretaria do Ateneu. Reunido o juri (a designar), far-se-á a entrega do prémio, no valor de dois mil escudos, no dia 12 de Dezembro seguinte, por ocasião da tradicional «Festa da Biblioteca». No prazo de quatro meses, o Ateneu publicará, sob a recomendação do juri, o mínimo de dez dos poemas seleccionados, em caderno ou volume intitulado: «Poesia Juvenil».

Vida religiosa

Sob a presidência do bispo da diocese, D. António Ferreira Gomes, foram ordenados os novos sacerdotes: Gonçalo Cristóvão Sacadura Bote, Carlos Manuel Valente Borges Pinho, António João da Silva Almeida, Joaquim Ferreira Soares, Manuel José Dias Amorim, José Maria Pacheco Gonçalves, Murias de Queirós e António da Silva Martins.

Criança vítima de acidente

Foi internada, no Hospital de Santo António a menina Helena Maria da Anunciação Lima, de 4 anos, residente com os pais, em S. João da Pesqueira, que ali caiu de um tractor e sofreu traumatismo crânio-encefálico.

Farmácias de serviço esta noite (5.° turno)

AMEAL, R. do Ameal, 1227 (Tel. 43550) ✲ **BIRRA**, P. da Liberdade, 25 (Telef. 20463) ✲ **COSTA LIMA**, Av. da Boavista, 885 (Telef. 60606) ✲ **FALCÃO**, R. de Santo Ildefonso, 61 (Telef. 21566); **INVICTA**, R. do Bonfim, 330 (Telef. 51212); **LAPA**, R. Antero de Quental, 211 (Telef. 40697) ✲ **MARTINHO SUCR.**, P. Marquês de Pombal, 122 (Telef. 40747) ✲ **ORDEM DA TRINDADE**, R. da Trindade, 9 (Telef. 27420) ✲ **RAMOS**, P. Exército Libert., 91 (Telef. 64935) ✲ **SANTA TERESA**, P. G. Gomes Fernandes, 100 (Telef. 35713) ✲ **TERREIRO**, R. da Reboleira, 21 (Telef. 23576) ✲ **VAZ TEIXEIRA SUCR.**, R. do Heroísmo, 56 (Telef. 52851) ✲ **VILARINHA**, R. da Vilarinha, 161 (Telef. 682014) ✲ **NACIONAL**, R. Senhora da Luz, 156 — Fox (Telef. 680833).

O MAR DESFEZ O SONHO DO HOMEM QUE QUERIA PERCORRER O LITORAL EM CIMA DE DOIS BIDÕES

Tenho que provar a toda a gente que sou um homem corajoso! — foi esta a frase do homem de Coruche, sr. António Augusto Manuel Carlota, mais conhecido pelo apodo de «Carlota», quando se propôs fazer uma viagem pelo mar (850 quilómetros, desde Caminha a Vila Real de Santo António), em cima de duas tábuas colocadas sobre dois bidões e como «motor» — dois remos. Malogrou-se, porém, esse projecto arrojado, arquitectado com a decisão e a coragem daquele que se propunha realizá-lo e o seu sonho, desvaneceu-se por completo.

Como informámos, o «Carlota» tudo preparara para se lançar na aventura, mas o mau estado do mar, com marés vivas levou as autoridades marítimas de Caminha a não o autorizarem a iniciar a viagem. Então, desiludido, o homem de Coruche, num assomo de desespero rasgou a camisola do Benfica que envergava, por ser o clube da sua simpatia, alegando que nada fizera para que ele conseguisse realizar o seu sonho. Vestiu, depois, a camisola do Caminhense, ao abandonar a jangada, partindo o remo e meteu-se na automotora para o Porto. E á chegada disse ter a sua motorizada, para daqui seguir, para Coruche, com o desanimo estampado no rosto.

DR. ROSAS LIMA

Ausente desde 18 do corrente até 8 de Setembro.

Matou a mulher com uma facada vibrada no coração

Com uma facada no coração, foi morta esta manhã, pelo marido, numa sala de espera do Hospital da Misericórdia de Espinho, a sr.ª D. Maria Luísa de Castro Marques da Silva, de 34 anos, residente naquela vila, na Rua 62.

A referida senhora encontrava-se naquele hospital, onde fora acompanhar uma amiga, quando o marido, de quem estava separada, se aproximou e lhe vibrou uma facada no peito, causando-lhe morte imediata.

O homicida, Joaquim da Silva Oliveira, de 37 anos, residente em Nogueira da Regedora, vila e concelho da Feira, de onde também é natural, entregou-se em seguida á P. S. P., tendo declarado que agira movido por ciúmes.

AUTOMOBILISMO

A VOLTA À ILHA DE S. MIGUEL COMEÇA AMANHÃ

Vinte e seis automóveis entre os quais diversas equipas metropolitanas começam amanhã a disputar a Volta á Ilha de S. Miguel, como sempre organizada pelo Grupo Desportivo e Comercial, de Ponta Delgada.

Com uma prova de estrada de mais de 500 quilómetros nas difíceis estradas da Ilha, e com média de 60 km/h, imposta para o percurso nocturno, a competição reveste-se do maior interesse pelo confronto entre as equipas locais, forçosamente mais conhecedoras do percurso, e os concorrentes da metrópole, com a sua maior experiência de «rallyes».

São os seguintes os nomes dos 26 inscritos:

1 — Américo Nunes-Fernando Fonseca (Porsche 911 S); 2 — José Medeiros-Raul Mendonça (R 8 Gordini); 3 — Silvio Pereslrelo-Alexandre Rebelo (Ford Cortina GT); 4 — Luís Neto-García e Costa (Austin Cooper S 1300); 5 — César Torres-António Morais (Austin Cooper S 1300); 6 — Dr. António Maia Pietro Valle (Ford Cortina TC); 7 — Duarte Nuno Bettencourt-Luís Índio (NSU TTS); 8 — Altino de Melo-Mário Oliveira (Vauxall Viva GT); 9 — Carpinteiro Albino-Eng.º Silva Carvalho (BMW 2002); 10 — Eng.º Borges Tavares-Carlos Riley (Vauxall Viva GT); 11 — Mário Correia-Guilherme Mota (Ford Cortina GT 1600); 12 — Luís Ricardo Vasconcelos-João Damaso (Ford Cortina Lotus); 14 — Humberto de Vivelros-José Gamboa (Ford Cortina Lotus); 15 — Fernando Martins-Abel Coutinho (Simca GLS); 16 — Labieno Machado-António Índio (Ford Escort GT); 17 — José Toste Rego-Eng.º Toste Rego (Fiat 124); 18 — António Camara-Vítor Santos (Vauxall Viva SL 90); 19 — Manuel A. Silveira-José Silveira (Austin Cooper S 1300); 20 — Alexandre Borges-Carlos Camara (NSU TT 1200); 21 — Dr. Ruella Ramos-Eric Maccário (Morris Cooper); 22 — Nuno Botelho-António Rebelo (Morris 850); 23 — Sousa Gomes-João Bernardo (Citroen ID 19); 24 — Maria de Fátima P. Medeiros-José Medeiros Rocha (Renault R 16); 25 — Eng.º Faria e Maia-Honorato Raposo (Volkswagen 1300); 26 — António José Amaral-Mário Riley (Citroen Dyane 6); 27 — António Guilherme Roposo-Luís Mota (Fiat 850 Super).

DE COIMBRA

A situação dos produtores de milho

A Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Litoral há muito que se preocupa com o problema do milho, por se verificar que merece ser encarado com cuidadosa atenção, no sentido de se conseguir um melhor preço na produção.

Pelo novo regime cerealífero, recentemente publicado, foi atribuído ao trigo um subsídio, verificando-se, no entanto, ter ele ficado muito aquém das realidades económicas dos produtores, pelo que se torna necessário apresentar ao Governo, através do Ministério da Economia, uma exposição sobre a grave situação económica dos produtores, no desejo de lhe ser atribuída uma melhoria de preço, tanto mais que as rações subiram, com base numa esporádica elevação do preço do milho.

Para tratar desta questão e de outras que se prendem com a lavoura regional, houve uma reunião na sala das sessões do Grémio da Lavoura de Coimbra, sob a presidência do sr. Fernando de Melo Costa e Almeida, presidente da Federação dos Grémios da Lavoura da província da Beira Litoral. Estiveram presentes representantes de oito grémios associados, número considerado reduzido dada a importância dos assuntos a tratar, pelo que foi resolvido prosseguir na quinta feira, devendo comparecer representantes dos restantes grémios em que o milho e a sua cultura predominam (designadamente, Arganil, Aveiro, Murtosa, Lousã, Ovar e Soure) e, para maior interesse, acompanhados de lavradores que se dedicam á referida cultura. Deste modo, pretendem os interessados que os referidos trabalhos tenham a finalidade desejada, constituindo-se a comissão encarregada de elaborar a exposição a enviar ás instâncias superiores.

Bolsas de estudo

Termina amanhã o prazo do concurso aberto entre as filiadas da Mocidade Portuguesa Feminina para a concessão de bolsas de estudo, oferecidas pelos colégios Alexandre Herculano, Progresso, Santa Maria e Santa Cruz, para alunas de todos os anos que constituem os primeiro e segundo ciclo liceal.

Dia Nacional do Electricista

Seguiram, esta manhã, para a capital em três autocarros 133 filiados no Sindicato Nacional dos Electricistas do Distrito de Coimbra, que vão tomar parte na celebração do Dia Nacional do Electricista, hoje em Lisboa. Seguiram, também, os dirigentes do sindicato.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

TIVOLI — Às 21 e 30: «O perigo vem das mulheres» (17 anos).

ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Às 21 e 45: «Um império na selva» (12 anos).

Farmácias de serviço

NAZARÉ — Rua Ferreira Borges (Tel. 2 26 05).

FIGUEIREDO — Rua da Sofia (Tel. 2 28 37).

ESTÁDIO — Rua do Brasil (Tel. 2 44 10).

MONTES CLAROS — Rua Dr. António José de Almeida (Tel. 2 59 04).

Turistas sul-africanos vítimas de acidente em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 15 — (L.) — Quando regressavam a esta cidade, depois de terem passado alguns dias de férias na praia de São Martinho do Bilene, três turistas sul-africanos perderam a vida, num acidente de viação, registado na ponte sobre o rio Incoluane, a cerca de 100 quilómetros de Lourenço Marques.

O acidente deu-se sobre o tabuleiro da ponte, quando a carrinha em que viajavam, para se afastar de um camião que vinha em sentido contrário, derrubou as guardas da ponte e caiu ao rio.

Duas das vítimas são Georges Paul Thudichumnel, de 58 anos e Marthinus Jacobus Dewald Steyn, de 28 anos, desconhecendo-se ainda a identidade da terceira vítima. Residiam em Carolina, no Transvaal.

QUEM ACHOU?

Entre o cemitério dos Prazeres e o Chiado, uma senhora perdeu um alfinete de ouro com um diamante ao centro. Dão-se alvissaras a quem o tiver achado e o comunique pelos telefones 834163 ou 321515.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

CONVERGÊNCIA

Apresenta-se pelas 21 e 35, o quinzenário de actualidade literária, coordenado por Eduíno de Jesus.

Regista-se a colaboração de Fernanda Botelho, Luís Forjaz Trigueiros e João Palma Ferreira.

De «Convergência» salientamos a presença de Álvaro Benamor, além de um apontamento sobre os «40 anos de crítica literária de João Gaspar Simões».

Outras rubricas de interesse integram este número de «Convergência».

NOITE DE CINEMA:

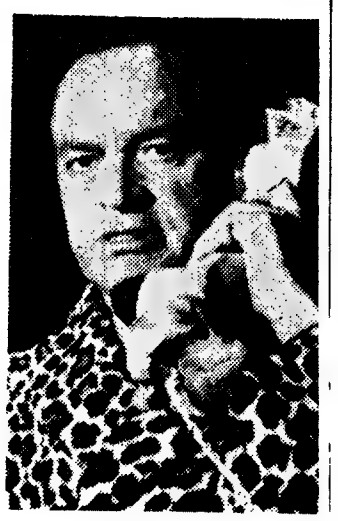
«A MINHA ESPIA FAVORITA»

HEDY LAMARR

É às 22 e 05 que surge nos pequenos «écrans» a rubrica «Noite de Cinema», preenchida pelo filme «A minha espia favorita» com Bob Hope, Hedy Lamarr e Francis Sullivan.

*

Norman £. McLeod realizou 20 anos depois de «Desportista à força», o filme «A minha espia favorita» com um novo cómico, chamado Bob Hope, que cultiva um humor desconcertante, misturando efeitos de diálogo com situações de «non-sense». Ao seu lado, surge a bela Hedy Lamarr, a estrela checoslovaca de «Extase». Ela cria com muita elegância a espia que, no Norte de África, dá que fazer ao «especialista» Bob Hope.



BOB HOPE

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: Abertura; 19 e 02: Ginástica; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Vida Sã em Corpo São; 20 e 05: Cartaz TV; 20 e 35: Conheça um Portugal Desconhecido; 21: Telejornal: Inclui o Boletim Meteorológico; 21 e 35: Convergência; 22 e 05: Noite de Cinema; 23 e 50: Volta a Portugal em bicicleta; 0 e 05: A marcha do Mundo, 0 e 20: Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: David Copperfield; 21 e 55: «Zip-Zip»; 23 e 50: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura; 19 e 02: Nos Bastidores da Aventura; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Diálogos de sábado; 21: Teledesporto; 20 e 30: Ao Serviço da Nação; 21: Telejornal; 21 e 35: TV Clube com Maria da Fé; 22: TV 7; 22 e 30: O Fugitivo; 23 e 30: Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 45: Marcha do Mundo; 0 e 05: Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Tunel do Tempo — «Entre dois Fogos», 22 e 20: Tempo Internacional (No I Programa em 11-8-69); 22 e 45: Variedades com Artur Agostinho, José Penicheiro, Ballet Satars Dancers, Gerard Sotto, Florbela Queiroz, Gabriel Cardoso, Paula Ribas, Conjunto de Vitor Campos, Jim Cuny et Marion (No I Programa em 17-7-69); 23 e 30: Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

2.º PROGRAMA «DAVID COPPERFIELD» E «ZIP-ZIP»

Dois programas preenchem esta noite a emisão do Emissor Regional.

O primeiro vem logo a seguir à edição do telejornal das 21 horas. Trata-se de mais um episódio do folhetim «David Copperfield», cuja reposição está prestes a terminar e às 21 e 55, também em repoição, é apresentado o programa de variedades n.º 7 da série «Zip-Zip» que foi já apresentado na rede nacional em 7 de Julho do ano corrente.

VIDA SÃ EM CORPO SÃO: Vesícula biliar

CERCA das 19 e 50, o dr. Ramiro da Fonseca dá algumas noções elementares do que é a vesícula biliar e quais as relações que mantém com o fígado e com o intestino, e quais as funções que desempenha.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Grupo Coral «Os Trabalhadores de Ferreira do Alentejo»; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No Mundo da canção; 18 e 20 «Uma gota de sangue e renasce uma vida», programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 40: No Mundo da canção; 19: Cartaz dos Espectáculos, 19 e 20: Reportagem do Circuito de Vila do Conde — 3.ª etapa da «Volta a Portugal em Bicicleta», 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só Musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Diário da Volta; 20 e 40: 2.º Episódio do folhetim «Amor Supremo»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Esmeralda Amoedo e Tristão da Silva Junior; 22 e 50: A Orquestra de Bert Kaempfert; 01: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Folclore do mundo — Musica do Nepal e do Médio Oriente; 16 e 15: Curiosidades musicais — Obras instrumentais de Wagner; 17 e 10: Musica de Câmara; 18: Musica portuguesa; 18 e 39: Metamorfoses sinfónicas sobre temas de Weber, de (Hindemith), pela Orq. Fil. de Moscovo, dirig. por Kyrill Kondraschine; 19: Horizonte Literário, por Amândo César e Mário António; 19 e 15: O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica de piano, de (Scriábine); 20 e 30: Musica de Câmara; 21: Musica sinfónica; 22: Teatro dos nossos dias: «O Teatro Regionalista de Alfredo Cortez»; 23: «A Voz do Ocidente»; 1 e 15: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texental; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; Entre os 20 e as 21 — Hoje convidámos...; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco...; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande rodo; 0 e 02: «P. B X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2 FM-67 e Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20: Nota de abertura; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do evangelho; 22 e 02: Baile; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras e canções; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço, bênção e missa da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e 22 ás 2 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e 14 e 30 ás 17.

COMICHÃO NOS PÉS
ELIMINADA EM 3 DIAS

Tem comichão nos pés, picadas e ardores tão terriveis que quase o enlouquecem? A pele greta, estala ou sangra? A causa destas perturbações denomina-se de várias maneiras, tais como: Pé de Atleta, Comichão de Singapura, Comichão de Dhoby, etc. Não poderá ver-se livre deste mal sem exterminar a causa. Uma nova descoberta chamada Nixoderm pára a comichão em 7 minutos e começa a tornar a pele macia, suave e clara em 3 dias. Nixoderm é tão eficaz que se garante acabar com a comichão e sarar a pele não só nos pés mas também nos mais teimosos casos de Eczema, Borbulhas, Acne, Bolhas e Impigens na face ou no corpo. Peça ao seu farmaceutico NIXODERM

Nixoderm hoje mesmo.
Para Doenças De Pele

canal da crítica

UM APITO QUE PUSERAM AO PESCOÇO

Tourada. Mais uma. Touro de 397 quilos. A informação merece confiança, é prestada por Fialho Gouveia, o mais novo crítico tauromáquico da nossa praça. Consta que me convidaram para crítico de futebol e vou pensar bem, talvez aceite, comildiabos, custa lá alguma coisa servir-se a gente de um apito que nos colocam ao pescoço?

Ontem foi quase tudo só tourada. Houve mais quê? Tenho a impressão de que não aconteceu nada mais além de um documentário de Augusto Cabrita. Dedicado á electrónica. Como as coisas nascem. E, como resulta poema sempre que as coisas nascem, o filme de Augusto Cabrita morou sempre paredes meias com a poesia, em que a musica e os jogos de reflexos deram o indispensável contraponto. As mãos, os instrumentos, os rostos: cada qual pode imaginar como isso é. Agora imaginem tudo isso mas em bailado, focado pelo olhar do artista. Tudo em transito, tudo em movimento, tudo em devir o processo aplicado onde quer que seja, dá sempre espectáculo. Foi o que pretendeu demonstrar Cabrita ao mandar á sua camara que tecesse electrónica.

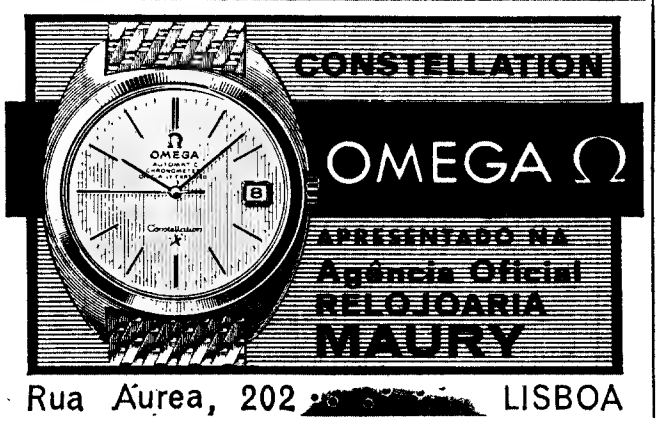
Fervilham-me nos olhos as imagens da electrónica, a fita que não tardará ser passada nas nossas escolas. Entretanto, vou olhando vagamente para o televisor, agora o toiro desceu para 384 quilos, agora o do Paquirri já chegou de avião, dentro de pouco tempo estará na praça, Paquirri já chegou, Paquirri já toureou, foi apupado, «e esta noite há menos caras bonitas no Campo Pequeno ou então é o nosso operador que está com má pontaria», diz Fialho Gouveia, eu não dizia, meus senhores, eu não dizia que tínhamos um novo crítico tauromáquico...

Bem. Fialho aflige. Não é comentador: é duplicador de imagens. Não é crítico: é um TV-stencil. A assistência aplaude e ele diz: a assistência apladiu. O touro volta-se rápido e ele diz: o touro voltou-se rápido. Varela Cid falha a sorte e ele diz: o cavaleiro falhou a sorte.

Assim por diante. Fialho Gouveia não vai adiante do telespectador: segue-o, sem brilho nem glória. Não o enriquece: aborrece-o.

Esteve quase a merecer, contudo, a nossa admiração. Foi quando afirmou, a propósito da lide duplequídea, ter ela fraco valor artístico «como já foi dito muitas vezes a estes microfones...» Dito? Quem disse? Fialho podia ter dito. Tivesse o ele dito e teria dito muito bem. Tivesse ele dito «Cabral Valente» e tudo estaria dito. Assim, ficou a meio cami-

(Continua na página seguinte)



CENTRO INTERNACIONAL LÍNGUAS
Director: PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL
80 MINUTOS de ENSINO:
LIÇÃO EM CLASSE (50 minutos) +
ESTUDO NOS LABORATÓRIOS (30 minutos)
LIÇÕES INDIVIDUAIS em 6 modalidades
Todos os NÍVEIS
R. Mouzinho da Silveira, 25
Tel. 538494

EXTENSÃO CULTURAL DO CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS:
«LÍNGUA PORTUGUESA»
pelo Rádio Clube Português
Hoje, às 23,15 (Miramar)
2.ª-Feira, às 19,45 (Lisboa)

OS NOSSOS CLIENTES MERECEM O MELHOR

VISTA PARCIAL DA REBOLEIRA

POR ISSO AO ENTRAR NA

3.ª FASE DA REBOLEIRA

MULTIPLICÁMOS OS DIVERSOS TIPOS DE ANDARES E APARTAMENTOS, PARA PODER OFERECER AQUELE QUE CORRESPONDE AOS SEUS DESEJOS E NECESSIDADES

J. PIMENTA, S.A.R.L.

CONTINUA A ASSEGURAR-LHE UM RENDIMENTO DE 6 A 10% GARANTIDO DE 6 A 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE, POR ESCRITURA PÚBLICA.

180 contos rendem-lhe 1125$ mensais

200 contos rendem-lhe 1250$ mensais

3000 CLIENTES DAR-LHE-ÃO AS MELHORES REFERÊNCIAS

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais, Lisboa e brevemente Queluz

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esq.º — Telefones 4 56 43/4 78 43 REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

KONI

ALCATIFA AS ESTRADAS

o amortecedor mais barato por km. percorrido

Distribuidores:

SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 · ABC · LISBOA

TEL. 56 01 56

Vão realizar-se os VII Cursos Musicais da Costa do Sol

É já no próximo mês que se realizam os VII Cursos Musicais Internacionais de Férias, iniciativa da Junta de Turismo da Costa do Sol com o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

São já numerosas as inscrições, entre artistas nacionais e estrangeiros. Com efeito, os Cursos Musicais da Costa do Sol são considerados entre os melhores da Europa, atendendo ao nível dos professores e ao numero de alunos que os frequentam

Nos Cursos deste ano de 1 a 20 de Setembro — funcionarão as seguintes classes: «Evolução da Dança na Musica de Piano» (2 a 16 de Setembro), sob a responsabilidade de Helena Costa, do oPrto e de Joaquin Rodrigo, de Madrid; «Técnica Vocal» (1 a 20 de Setembro) a cargo de Lisie Egger, de Salzburg; «Violoncello» (12 de Agosto a 7 de Setembro), dirigida por Maurice Eisenberg, de Nova Iorque; «Piano» (1 a 15 de Setembro), sob a direcção de Karl Engel, de Hannover; «Interpretação de Musica Francesa» (1 a 2 de Setembro)., sob a responsabilidade de Ivonne Lebebure, de Paris;; «Lied, Opera Alemã e Acompanhamento» (1 a 20 de Setembro), por Paul von Schilhawsky, de Salzburg; «Violino» (1 a 20 de Setembro), por Sandor Végh, de Zurich e «Musica de Camara» (1 a 20 de Setembro), também por este ultimo mestre.

Para fotografar SEMPRE com êxito

ILFORD

A QUALQUER HORA COM QUALQUER LUZ E QUALQUER ASSUNTO

A PELÍCULA FOTOGRÁFICA QUE, DEVIDO À SUA EXTRAORDINÁRIA LATITUDE, COMPENSA OS ÊRROS DOS AMADORES, PRODUZINDO SEMPRE FOTOS PERFEITAS!

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

Distribuidores:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.

Rua da Conceição, 46 1º - Telef. 361545 - Lisboa

Canal da crítica

(Continuação da pág anterior)

nho, em meia homenagem. Recebe só meia admiração.

Reservei-me para o fim, para assistir á primeira etapa da volta em Portugal em bicicleta. Lástima As poucas, as quase nenhumas imagens, chegaram-nos menos claras do que as que vieram da Lua. Parece que estava a chover muito.

M C

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

EM ODIVELAS

Com 5 e 6 casas assoalh., em prédio de luxo, prontos a fazer escritura. Rua E, à Av. Prof Dr Augusto de Abreu Lopes, Lotes 18 e 19

TRATA:

F. FERNANDES & COSTA, LDA

Av Alm. Reis, 104-2.º

Tel. 53611/2/3

ANDARES

NO LUMIAR — 3 boas div. assoalh., excelente panorama, preços muito acessíveis. Rua Projectada entre a Estrada do Desvio e a Estrada da Ameixoeira, 47

TRATA:

Praça dos Restauradores, 13, 2.º — Telefs. 320040 / 328143

Contacto

PUBLICIDADE

Telef 847260

PRÉDIO

POR 530 CONTOS: — Construção recente, entrada a mármore, 3 pisos, 6 inq. e rende 37 000$

TRATA: A LUZÁFRICA

Calç. do Carmo, 6, 2.º Telef. 368080

PRÉDIO

POR 650 CONTOS: — Em Lisboa, junto do eléctrico, de 3 pisos, um andar vago c/ 6 c. assoalh. e rende 36 000$00

VENDE:

A LUZA FRICA

Calç. do Carmo, 6, 2.º Telef 368080

PRÉDIO

de construção moderna em bom local de Algés, revestido a Evinet, composto de 8 inq. c/ 3 casas assoalhadas a render 145 800$ P.: 2.400 000$.

Trata: F Fernandes & Costa, Lda Av. Almirante Reis, 104, 2.º Telef 536111-2-3.

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE rápida mente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1 ou 2. hipoteca de prédios parte de prédios ou construção Também se aceitam propriedades para venda Casas Lares Rua da Prata 291 2. Dt — Telfs 325487 e 370618 (junto a P da Figueira)

CASAS

para alugar

Procure-nos nos seus afazeres imobiliários onde estivermos sempre à sua disposição. Administramos andares lojas para alugar em Lisboa e arredores Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos

Trata: SOCONSI, INVICTA. Rua do Ouro, 292, 1. — Telefs.: 40259-54755

VENDEM-SE OU ALUGAM-SE

LOJAS (contíguas):

com 100 m2 — 1 000 000$ ou 7 000$/mês
» 100 m2 — 1 400 000$ ou 9 000$/mês
» 70 m2 + 30 m2 (arrecad.) — 1 200 000$ ou 8 000$/mês
» 50 m2 (gaveto) + 55 m2 (cv) — 1 125 000$ ou 7 500$/mês

VENDEM-SE:

ANDAR RECUADO c/ 4 ass. + 48 m2 de terraços + garagem comum — 527 500$00

ANDAR RECUADO c/ 5 ass. + 62 m2 de terraços + garagem comum — 795 000$00

Frentes para:

Avenida Marechal Carmona — Praceta ao Calhariz de Benfica — Estrada de Benfica.

— Local da expansão moderna de Lisboa, em oreve mais importante que a Avenida de Roma, entre os futuros cruzamentos da Av.ª da Liberdade e Av.ª António Augusto de Aguiar com a Av.ª Marechal Carmona

Trata-se no local (Lote 1327) da Praceta ao Calhariz de Benfica — EDIFÍCIO BEGÓNIA —; ou no escritório: SOLCONFOR, R. Augusta, 280-3.º e 2.º — Telfs.: 33 246/32 21 39/32 14 52

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela Antes de renovar os livros da sua escrita, consulte a Papelaria Ferros — R de S Julião 64-66

CAMINHOS DE FERRO

A C P proporciona-lhe durante os meses de Julho a Outubro um bom domingo passado na Curia com o seu bilhete turístico emitido em Lisboa ao preço de:

Esc ..... 305$00

Neste preço está compreendido o transporte em caminho de ferro em comboio rápido almoço na Curia entrada no Parque e «lanche» para a viagem de regresso

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas

Capitais

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
Ficando na mesma de sua propriedade
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
E FICARÁ SATISFEITO
Rua 1. de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44 / 32 31 72

HIPOTECAS
sobre
PROPRIEDADES
E AUTOMÓVEIS
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 4 46 02 - 53 65 69

SE TEM AUTOMÓVEL
Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses
SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO
T 560713

PROPRIEDADES
PRÉDIOS • ANDARES • MORADIAS
OU TERRENOS

DESEJA COMPRAR, VENDER OU HIPOTECAR NAS MAIS VANTAJOSAS CONDIÇÕES:

CONSULTE:

ORCOSI

R. 1.º Dezembro, 45-3.º — Telefs. 32 31 72 - 36 74 44

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA LDA

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV ALMIRANTE REIS, 104-2. - TELEF 53611/2/3

CAPITAIS

Colocam-se com todas as garantias e nas melhores condições hipotecárias

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

MEDIADOR OFICIAL

Praça da Alegria, 58-2. — Telefones: 362228 - 366731 366812

CAMINHOS DE FERRO

SERVIÇO ESPECIAL PARA CORUNHA POR OCASIÃO DAS FESTAS DE VERÃO

DE 1 A 31 DE AGOSTO

Bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos

A C.P. em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE), vende nas estações de Áfife Âncora, Barcelos Braga, Caminha, Cerveira, Guimarães, Moledo do Minho Monção, Porto (S. Bento) Valença e Viana do Castelo bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos para a estação de Corunha por motivo das Festas de Verão.

Validade dos bilhetes:

Ida: 27 de Julho a 31 de Agosto.

Volta: 1 de Agosto a 9 de Setembro.

CAMINHOS DE FERRO

REGUENGOS DE MONSARAZ, S. PEDRO DO CORVAL, SANTIAGO MAIOR, TELHEIRO, MOURÃO, TERENA, GRANJA, VILA VIÇOSA, PARDAIS E ALANDROAL

Comunica-nos a C.P. que desde o dia 2 do corrente todas as estações de caminho-de-ferro despacham mercadorias incluindo pequenos volumes para Reguengos de Monsaraz, S Pedro do Corval, Santiago Maior, Telheiro, Mourão Terena, Granja, Vila Viçosa Pardais e Alandroal.

Por seu turno, em Reguengos de Monsaraz, Santiago Maior, Telheiro, Mourão, Granja e Alandroal, onde existem Despachos Centrais, expedem-se igualmente mercadorias incluindo pequenos volumes para qualquer estação de caminho-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos Não compre sem consultar Florindo M Coelho—Rua António Pedro, 40, cave Telef 44846

Contacto

ANÚNCIOS

Renault R-8, 1965; Opel 1700, 1964; Opel 1700, 4 p 1964; Volkswagen, 1966

Fac troc pag

Vende:

GARAGE BOA VIAGEM

R. Sampaio Pina, 56

Fiat 1500, 1967; Fiat 850 Coupé, 1967; Opel Kadett 1967; MG 1966

Auto Union F 102 de 4 portas, 1966; Opel Rekord 1700 de 4 portas, 1965 Simca 1000 GL, 1965 Fac troc pag

Vende:

ELO

João Crisóstomo, 47-C

ESTAMOS sempre compradores: Automóveis, Furgonetas e Utilitárias Pagamento imediato Antes de vender faça uma visita à nossa casa Garage Boa Viagem, Lda Rua Sampaio Pina, n.º 56/60, Lisboa. Telef 683737

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR.

● 53465	Santa Barbara 5-B	
● 49612	Gomes Auto	Rua Pontz Delgada 40-A-B
● 769848	EUROCAR	A. Barbosa du Bocage
● 42890	Taxis Universo Ld	Av Republica 76
● 537476	RETUR	R Rodrigo da Fonseca 56
● 727654	Auto Monumental do Areeiro Ldª	Av Padre Manuel da Nobrega 10-B
● 539168	539345	B R O NAUTO Rua Joaquim Bonifacio, 10-A
● 553033	SIATA	Rua Soc Farmaceutica 80-A

AUTOMÓVEIS

LOTUS ELAN	1966
NSU TT	1968
NSU PRINZ 4	1967
NSU 1000	1967
NSU 110	1965
TAUNUS 15 M TS	1968
MG 1000	1966
TAUNUS 12 M	1965
HENKEL	1965

CADILAC DESCAPOTÁVEL
CITROEN DS 19 DESCAPOTÁVEL
FAC. DE PAG. E TROCA
RUA CAMPOLIDE, 27-B
ABERTO AOS SÁBADOS

DESCAPOTÁVEIS

VENDEM-SE
CITROEN DS 19
óptimo estado
CADILAC — C/ NOVO
FAC. PAG. E TROCA
R. de Campolide, 27-B

TINTAS CIN

INFORMA QUE OS SERVIÇOS DA S/ DELEGAÇÃO DE LISBOA ENCERRAM NA 5.ª-FEIRA, 14, HORA HABITUAL, REABRINDO NA 2.ª-FEIRA, 18.

CORPORAÇÃO INDUSTRIAL DO NORTE, LDA.

(DELEGAÇÃO)

AV. DUQUE DE LOULÉ, 112/120 — LISBOA

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

Companhia Eléctrica do Alenteio e Algarve

CEAL
S A R L.

Capital: 70 000 000$00

Sede: Rua de D Francisco Manuel de Melo 23 A 6.º
LISBOA

Obrigações de 4 %, 1956 — 18 sorteio

Obrigações de 4 %, 1958 — 15 sorteio

Para os devidos efeitos se comunica que o sorteio de obrigações a amortizar em 1 de Setembro próximo se realizará na sede desta sociedade, no dia 25 do corrente pelas 11 horas e 30 minutos

Lisboa, 12 de Agosto de 1969

PELA COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE-CEAL
UM ADMINISTRADOR
José Cor... Pereira

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima
Responsabilid. de Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20
LISBOA

ADMINISTRAÇÃO
SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Previnem-se os portadores de obrigações das emissões a seguir indicadas de que em 1 de Setembro próximo futuro, pelas 11 horas, se procederá, na sede desta Companhia, em sessão pública, ao sorteio dos títulos a amortizar em 1 de Outubro de 1969, a saber:

420 — Obrigações de 4 1/2%, emissão de 1889, das linhas de Mirandela e Viseu;

10 390 — Obrigações de 4 1/2%, emissão de 1965, C. P.

Lisboa, 11 de Agosto de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

Volta a Portugal em Bicicleta

A VOLTA COMEÇOU «COM CHUVA» NA PISTA DAS ANTAS

O HÁBITO (AMARELO) DO EMILIANO

PORTO, 15 — As etapas em pista são o fogo de artifício de uma prova que só há-de aquecer na grande luta da estrada. Fazem falta, isso fazem, porque havendo uma coisa chamada despesas terá de se pensar na mesinha das receitas. Na «soirée» de ontem, cerca de vinte mil pessoas estiveram na bancada das Antas, apesar da chuva que caiu enquanto correram as três primeiras equipas. Foi talvez essa — a chuva de Agosto — a única verdadeira surpresa da noite. De resto, tudo correu normalmente e acabou também normalmente com a vitória de Emiliano Dionísio. Um hábito antigo, o do corredor sportinguista, este de ser o primeiro a vestir-se de amarelo.

REPORTAGEM DE
MÁRIO ZAMBUJAL
Enviado especial do
«DIÁRIO DE LISBOA»

O sorteio da etapa foi todo favorável a uma pontinha de emoção no espectáculo, pois reservou para o fim as três equipas mais fortes. Depois do Sangalhos, do Tavira e da Ambar, que tiveram a contrariedade de correr á chuva, e ainda dos novatos da Coelima, veio o Benfica aquecer o ambiente. Depois o Porto e, a fechar, o Sporting.

O tempo dos cinco primeiros dos oito ciclistas do Sangalhos — 11,51 — manter-se-ia como o melhor até a participação benfiquista. Aliás, a partir dos sangalhenses, cada equipa fez pior que a anterior: 12,07 os primeiros do Ginásio de Tavira, mais 20 segundos os da Ambar, mais dois segundos ainda os da Coelima.

*

Os doze ciclistas do Benfica acabaram por dividir-se em dois grupos, ainda com algumas diferenças de tempo entre os componentes de cada um deles. Isto aconteceu pelo ritmo que Mendes e Américo, principalmente estes, deram á sua prova na segunda metade. Simplesmente nas últimas três voltas, Fernando Mendes não pôde continuar no papel de grande animador, porque uma vez mais o azar o perseguiu na pista das Antas. Um azar que se dá pelo nome de furo. Poucos se terão apercebido do facto porque o benfiquista não descolou dos companheiros, mas a inferioridade em que correu essas três voltas finais não lhe permitira mais do que vir na roda daqueles. No final, Mendes estava verdadeiramente desolado com a sua pouca sorte nas Antas, onde já o ano passado lhe aconteceu o mesmo percalço.

Nove dos dez corredores do F. C. do Porto completaram as suas voltinhas em 11 m 36 s — apenas mais um segundo que o quinteto «encarnado» da vanguarda. E o único portista que se atrasou perdendo nada menos de dois minutos e meio foi o estreante António Carvalho. Também com um furo, mas este de mais alto preço.

Por fim o Sporting. Uma corrida caracterizada por colectivismo, a tal ponto que só no «sprint» final Emiliano ganhou um segundo aos seus dez parceiros. De qualquer modo, todos a apropriarem dos onze primeiros lugares da classificação inicial da «Volta». E a primeira camisola amarela lá a envergou como de costume o Emiliano Dionísio. Quando acabou a corridinha das Antas (depois da meia-noite) os ciclistas lá foram dormir, á pressa, pois esta manhã a função começava cedo. Com um contra-relógio individual, de 15 quilómetros apenas. O suficiente porém, para que a previsão geral fosse de que a camisola do Emiliano tinha as horas contadas. Mas ele já satisfizera o seu velho capricho de ser o primeiro a vestir-se de amarelo.

O publico portuense homenageou a representação portuguesa que esteve no campeonato mundial

JOÃO ROQUE RADIOGRAFADO

Felizmente que o acidente, sofrido em treino, não impediu João Roque de alinhar á partida da primeira etapa da Volta a Portugal em Bicicleta, ontem, á noite, disputada na pista das Antas.

Com efeito, o corredor «leonino» juntou-se aos companheiros, depois de ter sido anunciada a reserva da sua participação na grande prova, uma vez que se ignorava a gravidade das lesões sofridas.

À chegada ao Porto, porém, os responsáveis leoninos fizeram radiografar o seu estradista e do exame resultou a tranquilidade para o próprio João Roque que se mostrava visivelmente desgostoso com o sucedido: a radiografia não denunciou qualquer fractura, como tinha chegado a suspeitar-se. E o João Roque, agora contente e feliz, embora com muitas ligaduras, lá está hoje na estrada empenhado na luta pelos primeiros lugares de uma competição que já venceu.

SEVERO «CONTRÔLE» ANTI-«DOPING»

No final de cada etapa de estrada três ciclistas serão chamados aos testes anti-«doping». A luta contra o uso de estimulantes parece vir a ser, pela primeira vez na Volta a Portugal em bicicleta, firme e bem organizada e o simples anuncio de cuidados que se estão a tomar é capaz de dissuadir qualquer candidato á fraude.

Haverá três sistemas de convocação para os testes. Mas só no final de cada etapa será conhecido qual destes sistemas será perfilhado nesse dia. Mais concretamente: ao terminar a tirada será aberto um envelope que se encontra lacrado e só então se saberá se as análises vão recair:

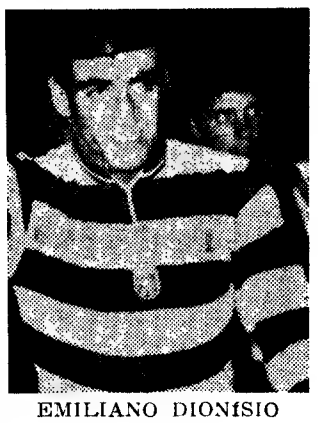
a) Sobre os três primeiros dessa etapa;

b) ou sobre os três primeiros da classificação geral;

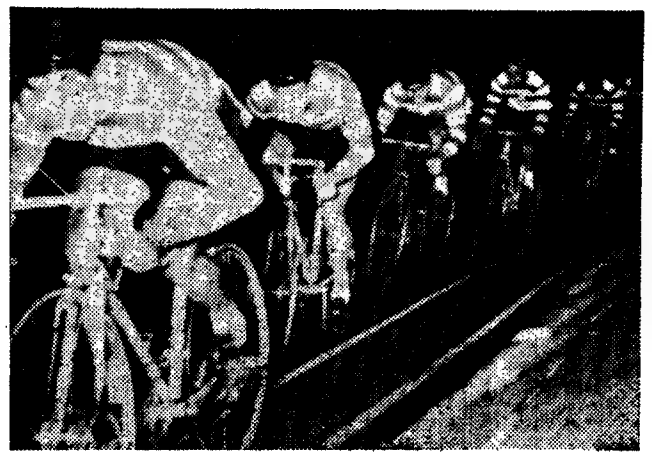
c) ou sobre três quaisquer outros ciclistas a definir por sorteio.

A punição prevista pelo uso de estimulantes traduz-se num acréscimo de 15 minutos ao seu «tempo» na etapa e, consequentemente, na classificação geral. Os casos de reincidência implicam a imediata expulsão da corrida e uma suspensão de toda a actividade desportiva pelo período de três meses.

Isto é, ao fim e ao cabo, o regulamento da União Ciclista Internacional. Em breve, porém, o desporto português terá a sua própria regulamentação sobre este famoso assunto do «doping». Aguarda-se a publicação de um decreto pelo qual, ao que se prevê, serão estabelecidas punições mais severas, incluindo a de prisão.



EMILIANO DIONÍSIO



A equipa do Sporting em prova nas Antas

CLASSIFICAÇÕES — 1. ETAPA

INDIVIDUAL

1	Emil. Dionísio (S.)	11 32
2	J. Agostinho (S.) ...	11 33
3	Leon. Miranda (S.), F. Bernardino (S.), J. Vieira (S.), João Roque (S.), N. Timóteo (S.), P. Domingos (S.), V. Tenazinha (S.), V. Rocha (S.) e Sérgio Páscoa (S.)	m. t.
12	Amér. Silva (B.) ...	11 35
	Pedro Moreira (B.), Fern. Vieira (B.), Aug. Fortes (B.), e F. Mendes (B.)	m. t.
17	C. Oliveira (P.)	11 36
	M. Sousa (P.), Joaq. Leão (P.), L. Pacheco (P.), Már. Silva (P.), José Azevedo (P.), H. Niel (P.), D. Ribeiro (P.) e Joaq. Leite (P.)	m. t.
26	P. Rodrigues (B.)...	11 45
27	E. Santos (B.)	m. t.
28	C. Oliveira (Sang.)	11 51
	J. Fonseca (Sang.), L. Santos (Sang.) e J. Andrade (Sang.)	m. t.
32	Man. Lote (Sang.)	11 54
33	António Graça (T.)	12 7
	José Nunes (Tav.) A. Teixeira (Tav.) M. Mestre (Tav.)	m. t.
37	F. Martins (Tav.)	12 15
	João Lopes (Tav.) João Pinhal (Bfc.) D. Vitorinho (B.) e V. Cardoso (Bfc.)	m. t.
42	M. Luís (B.)	12 18
43	Manuel Costa (B.)	m. t.
44	José Viegas (T.) ...	12 19
45	Wilson Sá (A.)	12 27
	J. Freitas (A.), H. Silva (A.), M. Castro (A.), J. Coelho (A.) e A. Alves (A.)	m. t.
51	J. Moreira (C.)	12 29
	S. Dias (C.), A. Domingos (C.), J. Pereira (C.), A. Pereira (C.), M. Miranda (C.), Ant. Salazar (C.), Arm. Mendes (C.) e A. Rodrigues (C.)	m. t.
60	M. Santos (T.)	12 31
61	R. Domingos (T.)	m. t.
62	H. Oliveira (Sang.)	12 32
63	N. Duarte (Sang.)...	12 40
64	S. Vieira (A.)	12 51
65	F. Machado (C.) ...	13 14
66	José Diogo (T.)	13 16
67	Fern. Brito (A.)	13 28
68	A. Carvalho (P.) ...	14 8

POR EQUIPAS

1. SPORTING

	M.	S.
Emiliano Dionísio ..	11	32
Joaquim Agostinho	11	33
Leonel Miranda ...	11	33
	34	38

2. BENFICA

	M.	S.
Américo Silva	11	35
Pedro Moreira	11	35
Fernando Vieira ...	11	35
	34	45

3. F. C PORTO

	M.	S.
Cosme Oliveira	11	36
Manuel Sousa	11	36
Joaquim Leão	11	36
	34	48

4. SANGALHOS

	M.	S.
Celestino Oliveira ..	11	51
João Fonseca	11	51
Lino Santos	11	51
	35	33

5. GIN. TAVIRA

	M.	S.
António Graça	12	7
José Nunes	12	7
António Teixeira ...	12	7
	36	21

6. AMBAR

	M.	S.
Wilson Sá	12	27
Joaquim Freitas ...	12	27
Henrique Silva	12	27
	37	21

7. COELIMA

	M.	S.
Joaquim Moreira...	12	29
Serafim Dias	12	29
António Domingos	12	29
	37	27

À VENDA EM TODO O PAIS
EM LISBOA:
LISÁGUA DISTRIBUI
Pedidos — Telefs. 553336 - 553809

EXTERNATO SÁ DE MIRANDA
ENSINO PRIMÁRIO
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
DIURNO — NOCTURNO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (A AL. REIS)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

A etapa desta manhã

Guardeiras-Azurara

(contra-relógio individual)

Fernando Mendes (Benfica) é o novo «camisola amarela»

(Continuação da 1.ª página)

sos individuais, a efectuar por ordem inversa da classificação, realizando-se um arranjo prévio, de molde a que não corressem próximo representantes do mesmo clube. Extensão da tirada: cerca de 12 quilómetros.

Herculano de Oliveira: o primeiro destaque

O primeiro corredor a completar o percurso foi Francisco Machado (Coelima). Gastou 17 m 20 s a atingir Azurara, ás portas de Vila do Conde. Outros ciclistas iam, entretanto, atravessando a meta: António Rodrigues (Coelima) que demorou 17 m 19 s; o seu companheiro de equipa Armindo Mendes, que demorou 17 m 10 s: António Carvalho (F. C. P.), 17 m 11s; António Salazar (Coelima) 17 m 41 s; Fernando Brito (Ambar), 17 m 35 s; Mário Miranda (Coelima) 17 m 58 s; José Diogo (Tavira), 18 m 3 s; António Pereira (Coelima), 17 m 56 s; Sousa Vieira (Ambar), 17 m 36 s; Norberto Duarte (Sangalhos), 17 m 33 s; José Pereira (Coelima), 17 m 27 s; e, também, Herculano de Oliveira (Sang.), que realizou 17 minutos exactos

Este ciclista foi, assim, do primeiro lote de corredores, o que efectuou o percurso em menos espaço de tempo.

Joaquim Coelho suplanta Herculano

Continuam a chegar mais ciclistas: António Domingos (Coelima), que gastou 17 m 31 s; Albino Alves (Ambar), que fez o percurso em 16 m 49 s; Serafim Dias (Coelima), 17 m 44 s; e o ambarense J. Coelho, 16 m 35 s; tempo que batia o estabelecido por Herculano de Oliveira.

Mais nomes e tempos: J. Moreira (Coelima), 17 m 17 s; Manuel de Castro (Ambar), 17 m 19 s; Marcolino Santos (Tavira), 18 m 10 s; Henrique Silva (Ambar), 16 m 36 s e Rogério Domingos (Tavira), 18 m 22 s.

Foi a vez de Joaquim Freitas (Ambar), atingir Azurara: fê-lo gastando 16 m 37 s. Seguiram-se Manule da Costa (Benfica), 17 m 55 s; Wilson de Sá (Ambar), 17 m 5 s e Manuel Luís (Bfc.) 17 m 46 s.

Efectuada a prova de 26 concorrentes, prevalecia como tempo «record» o que foi gasto por Joaquim Coelho: 16 m 35 s

Joaquim Andrade: novo «record»

Continuam os ciclistas a completar as suas provas: José Viegas (Tavira), 17 m 46 s; Valdemiro Cardoso (Bfc.), 17 m 39 s; Daniel Vitorino (Bfc.), 17 m 13 s; Fernando Martins (Tav.), 18 m 24 s; João Pinhal (Bfc.), 17 m 25 s e Manuel Mestre (Tav.), 16 m 56 s.

O tavirense António Teixeira gasta 17 m 27 s. E, logo a seguir, conhece-se o tempo gasto por Joaquim Andrade: 16 m 18 s, o melhor registado até este momento.

É a altura de informarmos que o estado do tempo é ameaçador: de manhã, choveu desabaladamente no Porto. Mas, aqui em Azurara, as nuvens levantaram um pouco, e a temperatura fresca facilitou a aplicação ao esforço por parte dos ciclistas, que atravessam Águas Férreas, Vilar do Pinheiro, Sontelo, Modivas e Mindelo, antes de chegarem a esta localidade.

Mais corredores vão completando as suas provas: João Lopes (Tav.), 17 m 26 s; seguido de Manuel Lote (Sang.), 17 m 44 s.

As partidas continuam a ser dadas com intervalos de 2 minutos. E as chegadas a processarem-se sensivelmente no mesmo ritmo. Mais ciclistas cortam a meta: José Nunes (Tav.), fez o percurso em 16 m 52 s; Lino Santos (Sang.), 17 m 12 s.

O tavirense Graça à frente

O tavirense António Graça (que correu recentemente no campeonato do Mundo, em Zolder), bate todos os tempos registados até então: gasta 16 m 15 s. E a chegada dos ciclistas prossegue: João Fonseca (Sang.) efectua o percurso em 17 m 15 s; Joaquim Leite (F.C.P.), 17 m 30 s; Celestino de Oliveira, 16 m 38 s, Duarte Ribeiro (F. C.P.), 18 m 2 s; José Santos (Bfc.), 18 m 21 s; Hubert Niel (técnico e ciclista do F.C.P.), 16 m 42 s; Pedro Rodrigues (Bfc.), 17 m 32 s; José Azevedo (Porto), 16 m 38 s; Sérgio Páscoa (Spt.), 17 m 33 s e, logo a seguir, o portista Mário Silva em 16 m 43 s.

Outros ciclistas vão chegando: Vítor Rocha (Spt.), 17 m 19 s; José Luís Pacheco (Porto), 16 m 42 s; Vítor Tenazinha (Spt.), 17 m 2 s e o portista Joaquim Leão, que cobre a tirada em 16 m 46 s

Prevalecia como tempo «record» o gasto pelo tavirense António Graça: 16 m 15 s.

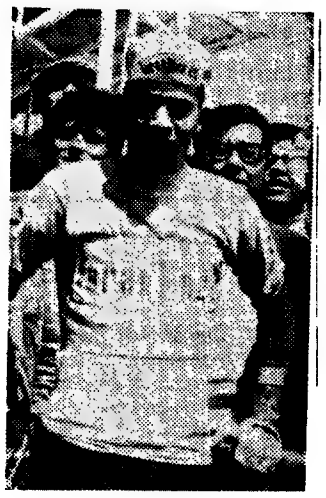
Queda de Agostinho

Cresce o entusiasmo entre o numeroso publico que se concentra junto á meta. Paulino Domingues (Sp.), 18 m; Manuel Sousa (Porto), 17 m 8 s; Norberto Timóteo (Spt.), 17 m 42 s; Cosme de Oliveira (Porto), 16 m 18 s; João Roque (Spt.), 17 m 39 s; Fernando Mendes (Bfc), 16 m 18 s; José Vieira (Sp.), 17 m 9 s; Augusto Fortes (Bf.), 17 m 48 s' Firmino Bernardino (Spt.), 17 m 14 s; Fernando Vieira (Bfc.), 17 m 20 s; Leonel Miranda (Spt.), 17 m 4 s e Pedro Moreira (Bfc.), 17 m 5 s.

Aparece, depois, Joaquim Agostinho (Spt.), grande favorito da tirada que deu uma queda perto da meta e, assim, apenas completou o percurso em 16 m 52 s.

Os ultimos ciclistas a completarem a tirada são Américo Silva (Bfc.), que gastou 16 m 35 s, enquanto que Emiliano Dionísio (Spt.), demorou 16 m 25 s.

A camisola amarela passa, portanto, a pertencer ao benfiquista Fernando Mendes com um segundo de avanço sobre o portista Cosme de Oliveira, 4 sobre Emiliano Dionísio, 16 sobre Joaquim Andrade e 17 sobre Américo Silva.



FERNANDO MENDES

Avarias da Volta

Primeiro atrasado: O LIVRO

Tem andado tudo aflito porque a «Volta» começou sem chegar — O LIVRO.

Bem, não se trata de uma súbita e violenta sede de leitura, não será uma febre intelectual aguda e colectiva. O livro cuja falta a todos mais ou menos aflige, mas mais fortemente aos directores-técnicos dos clubes e aos que têm de falar ou escrever deste colorido e ardoroso cortejo, é, tão só, o «livro da Volta».

Considera-se de boa norma que este indispensável guia esteja composto, impresso e entregue aos interessados um bom par de dias antes do início da caminhada. Pois este ano alguém se atardou, e os ciclistas já partiram, antes de chegar — O LIVRO.

Por modo que estamos todos um pouco ás cegas. Ontem, á noite, um técnico — Manuel Graça, do Sporting — confiava os seus embaraços pela falta do retardatário. E os outros, idem. É que o livro é a ementa da corrida, e só ele pode informar em pormenor e com segurança do que será o prato de cada dia.

Asseguram-nos que Sua Excelência O LIVRO chega hoje. Mas não deixa de ser o primeiro grande atrasado da «Volta de 1969». Para já, está penalizado em duas folhas, que se tornaram inúteis.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

OS CORREDORES EM PROVA

SANGALHOS
1 — Joaquim Andrade
2 — Celestino Oliveira
3 — Herculano Oliveira
4 — Norberto Duarte
5 — Lino Santos
6 — Manuel Lote
7 — João Fonseca

BENFICA
11 — Fernando Mendes
12 — Pedro Moreira
13 — Manuel Costa
14 — Américo Silva
15 — Manuel Luís
16 — Daniel Vitorino
17 — Valdemiro Cardoso
18 — Augusto Fortes
19 — Eduardo Santos
20 — João Pinhal
21 — Pedro Rodrigues
22 — Fernando Vieira

SPORTING
31 — Paulino Domingos
32 — Emiliano Dionísio
33 — Firmino Bernardino
34 — João Roque
35 — Joaquim Agostinho
36 — José Vieira
37 — Leonel Miranda
38 — Norberto Timóteo
39 — Sérgio Páscoa
40 — Vítor Tenazinha
41 — Vítor Rocha

AMBAR
51 — Manuel Castro
52 — Albino Alves
53 — Joaquim Coelho
54 — Joaquim Freitas
55 — Sousa Vieira
56 — Wilson Sá
57 — Fernando Brito
58 — Henrique Silva

TAVIRA
61 — António Graça
62 — António Teixeira
63 — Fernando Martins
64 — João Lopes
65 — José Nunes
66 — José Diogo
67 — José Viegas
68 — Manuel Mestre
69 — Marcolino Santos
70 — Rogério Domingos

F. C. PORTO
71 — Hubert Nie
72 — Mário Silva
73 — Cosme Oliveira
74 — Joaquim Leão
75 — José Azevedo
76 — Luís Pacheco
77 — Joaquim Leite
78 — Manuel Sousa
79 — Duarte Ribeiro
80 — António Carvalho

COELIMA
81 — Francisco Machado
82 — António Pereira
83 — Mário Miranda
84 — António Salazar
85 — Serafim Dias
86 — António Rodrigues
87 — Armindo Mendes
88 — Joaquim Moreira
89 — José Pereira
90 — António Domingos

CLASSIFICAÇÕES GERAIS

após a etapa desta manhã

GERAL INDIVIDUAL

		M.	S.
1.º	F. Mendes (Bf.)	27	53
2.º	C. Oliveira (PCP)	27	54
3.	E. Dionísio (Sp.)	27	57
4	J. Andrade (Sg.)	28	09
5.º	A. Silva (Bf.) ...	28	10
6.º	J. Azevedo (FCP)	28	14
7.	H. Niel (FCP) ..	28	18
8.º	L. Pacheco (FCP)	m.	t.
9.	M. Silva (FCP). .	28	19
10.º	A. Graça (Tav.)	28	22
11.º	J. Leão (FCP)...	m.	t.
12.º	J. Agost. (Sp.)...	28	25
13.	C. Oliveira (Sg.)	28	29
14.º	L. Miranda (Sp.)	28	34
15.º	V. Tenaz. (Sp.)...	28	35
16.	P. Moreira (Bf.)	28	40
17.	J. Vieira (Sp.)...	28	42
18.º	M. Sousa (FCP)	28	44
19	F. Bernard (Sp.)	28	47
20.	V. Rocha (Sp.)...	28	52
21.º	F. Vieira (Bf.)...	28	55
22.º	J. Nunes (Tav.)	28	59
23.º	J. Coelho (A.) .	29	02
24.º	H. Silva (A.) . .	29	03
25.	M. Mestre (Tav.)	m.	t.
26.	L. Santos (Sg.)	m.	t.
27.º	J. Frita- (A.) ...	29	04
28.	S. Páscoa (Sp.) ..	29	06
29	J. Leite (FCP)	29	06
30.º	J. Fonseca (Sg.)	29	06
31.º	J. Roque (Sp.)...	29	12
32.º	N. Timóteo (Sp.)	29	15
33	A. Alves (A.)	29	16
34.º	P. Rodrigues (Bf.)	29	17
35.º	A. Fortes (Bf.)	29	28
36.	D. Vitorino (Bf.)	29	28
37.	P. Domingos (B.)	29	33
38	A. Domingos (C.)	30	00
39.º	M. Luís (Bf.)..	30	04
40.º	J. Viegas (Tav.)	30	05
41.º	J. Santos (Bf.)...	30	06
42.º	A. Salazar (C.)...	30	10
43.º	N. Duarte (Sg.)	30	13
44.	S. Dias (C.)	m.	t.
45.	M. Costa (Bf.) ..	m.	t.
46.º	A. Pereira (C.) ..	30	25
47.º	M. Miranda (C.)	30	27
48.º	S. Vieira (A.)...	m.	t.
49.	H. Oliveira (Sg.)	29	32
50.º	Wilson Sá (A.)	m.	t.
51.º	A. Teixeira (Tav.)	29	34
52.	D. Ribeiro (FCP)	29	38
53.º	M. Lote (Sg.) ..	29	38
54.º	A. Mendes (C.)..	29	39
55.º	J. Pinhal (Bf.) .	29	40
56.º	J. Lopes (Tav.)	29	41
57.º	J. Moreira (C.)	29	46
58.º	M. Castro (A.) ...	m.	t.
59.º	A. Rodrigues (C.)	29	48
60.	V. Cardoso (Bf.)	29	54
61.º	J. Pereira (C.) .	29	58
62.º	F. Machado (C.)	30	34
63.º	F. Martins (Tav.)	30	39
64.º	M. Santos (Tav.)	30	41
65.º	R. Domingos (T.)	30	53
66.º	F. Brito (Amb.)	31	03
67.º	A. Carval. (FCP)	31	19
68.º	José Diogo (T.)	m.	t.

GERAL POR EQUIPAS

	H.	M.	S.
1.º F. C. Porto	1	59	14
2.º Benfica	1	59	28
3.º Sporting	1	59	34
4.º Sangalhos	2	01	14
5.º Ginásio de Tavira	2	02	45
6.º Ambar	2	04	30
7.º Coelima	2	07	50

Classificação da 2.ª etapa

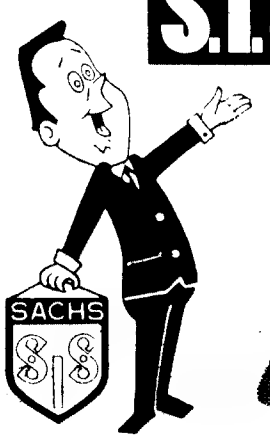
INDIVIDUAL

1.º	Ant. Graça (Tav.	16	15
2.º	F. Mendes (Bf.)	16	18
	C. Oliveira (FCP)	m.	t.
	J. Andrade (Sg.)	m.	t.
5.º	E. Dionísio (Sp.)	16	25
6.º	Amér. Silva (Bf.)	16	35
	J. Coelho (Ambar)	m.	t.
8.º	H. Silva (Amb.)	16	36
9.º	J. Freitas (Amb.)	16	37
10.º	C. Oliveira (Sang.)	16	38
	J. Azevedo (FCP)	m.	t.
12.º	L. Pacheco (FCP)	16	42
	H. Niel (FCP) . .	m.	t.
14.º	M. Silva (FCP) ...	16	43
15º	J. Leão (FCP)	16	46
16.º	A. Alves (Ambar)	16	49
17.º	J. Agostinho (Sp.)	16	52
18.º	J. M. Nunes (Tav.)	m.	t.
19.º	M. Mestre (Tav.)	16	56
20.º	H. Oliveira (Sg.)	17	00
21.º	Vítor Tenaz. (Sp.)	17	02
22.º	Leonel Mir. (Sp.)	17	04
23.º	Pedro Mor. (Bf.)	17	05
24.º	Wilson Sá (Amb.)	17	05
25.º	M. Sousa (Porto)	17	08

NA ETAPA — POR EQUIPAS

1.º	F. C. Porto	49	38
2.º	Ambar	49	48
3.º	Sangalhos	49	56
4.º	Benfica	49	58
5.º	Tavira	50	03
6.º	Sporting	50	19
7.º	Coelima	51	46

S.I.S.-SACHS



a victória da técnica!

SANTARÉM: A FUSÃO DOS CLUBES DESPORTIVOS

A população desportiva de Santarém vive, com certa paixão o seu problema: concordar (ou discordar) com a fusão das mais representativas colectividades locais.

Publicámos na passada terça-feira uma ampla reportagem sobre este tema: pronunciaram-se diversos associados das agremiações em causa e, também, o presidente da Camara Municipal de Santarém.

Ontem, recebemos no nosso jornal um telegrama subscrito por diversos escalabitanos que se manifestavam contra algumas afirmações dos entrevistados naquela reportagem. Hoje, a provar que existe larga controvérsia, recebemos outro telegrama com opinião diametralmente oposta.

Eis o seu teor: «Manifestamos apreço pela imparcial reportagem acerca fusão clubes desportivos Santarém consentindo expressão diversas opiniões sobre o assunto visando esclarecimento publico. Agradecemos publicação».

Assinam os srs. Manuel Luis Oliveira, José Manuel Castela, Jaime Fernandes e Francisco Robalo. As nossas colunas continuam, portanto, abertas a quantos queiram manifestar a sua opinião sobre «o caso desportivo de Santarém».

VALORIZAÇÃO DA ARBITRAGEM

Decorre no I. N. E. F. o curso de aperfeiçoamento

Uma centena de árbitros de futebol estão (desde ontem) concentrados nas instalações do I. N. E. F. Objectivo: valorização da arbitragem. Actualização e aperfeiçoamento da interpretação das 17 leis do jogo. Benefício (louvável) de um curso que visa, essencialmente, elevar os conhecimentos e melhorar as aptidões dos principais árbitros de futebol.

A sessão de abertura teve lugar ontem, á noite, e foi presidida pelo dr. Mascarenhas Ataíde, em representação da D. G. D. Presentes Raul Martins (director técnico do curso), dr. Caldeira Leite (F. P. F.), eng.º Sousa Loureiro (presidente da C. C. A.), Marques Bom (C. D. de Coimbra, e em representação das comissões distritais). Viegas Louro (A. F. L.), o nosso camarada Manuel Mota, além de várias dezenas de árbitros. As presenças do dr. Décio de Freitas e Manuel Lousada, que cessaram (por força do limite de idade) a sua actividade, significam o interesse que a arbitragem continua a merecer-lhes.

O presidente da Comissão Central abriu a sessão — que teve nove oradores em quarenta minutos — recordando os poderes conferidos na Lei V: *Há que meditar neles. Há que manter um aperfeiçoamento constante para se obter absoluta intangibilidade. Aos poderes que o árbitro dispõe responderá com total responsabilidade.* O descontentamento de alguns árbitros (os que baixam de categoria), merecem do eng. Sousa Loureiro algumas considerações, assim como a atribuição do galardão de «melhor do ano» ao «juiz» Joaquim Campos justificou algumas «explicações» do presidente da «Central».

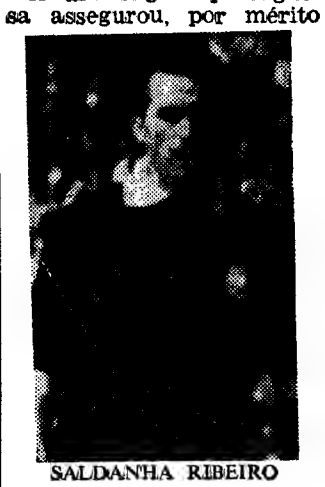
Outros oradores: Raul Martins, Joaquim Campos, Manuel Mota, Viegas Louro e dr. Caldeira Leite.

O representante da C. D. A. de Coimbra (Marques Bom), abordou — com objectividade e oportunismo — alguns problemas da orgânica. Apontou defeitos. Citou dificuldades. Apelou colaboração. Solicitou apoio. preconizou independência técnica, disciplinar e financeira.

Por último, o inspector dos desportos dr. Mascarenhas Ataíde dissertou sobre os problemas levantados: as relações das hierarquias, divagando sobre a conjuntura e estrutura do futebol português. A sessão terminara. O curso começou. Pois que seja para prestigio e dignificação dos árbitros.

JOAQUIM CAMPOS

ÁRBITROS PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO



SALDANHA RIBEIRO

A arbitragem portuguesa assegurou, por mérito próprio, «lugar reservado» no plano internacional. Na ultima temporada os nossos árbitros foram solicitados para todas as provas oficiais do «calendário na época que agora se inicia deram entrada na Co- europeu», tendo actuado em quinze encontros. Pois missão Central, três pedidos. Assim Joaquim Campos (árbitro), Henrique Silva e José Alexandre (auxiliares), actuarão na Holanda; Saldanha Ribeiro auxiliado por Fernando Leite e Ismael Baltasar, estarão presentes no Slovan-Dinamo de Zagreb e como é já do conhecimento publico Rosa Nunes foi designado para o Torneio «Ramon de Carranza», em Cádis.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Do Associação das Basquetebol de Lisboa

Foi convocada para o dia 25 a assembleia geral ordinária da Associação de Basquetebol de Lisboa para discutir e votar o Relatório e Contas da Gerência finda em 31 de Dezembro de 1968, com o parecer do conselho fiscal e do conselho técnico e nomear sócios de mérito sob proposta da direcção

Do Atlético

Está convocada para o dia 19 a assembleia geral do Atlético Clube de Portugal com a seguinte ordem de trabalhos:

Eleição de corpos gerentes para 1969-70 e

Eleição de delegados (efectivo e substituto) á Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio.

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

O F. C. Porto entregou a Festa a carta de desvinculação

★ O F. C. Porto acaba de entregar ao «internacional» Festa a carta de desvinculação. O jogador recebeu o documento sem quaisquer encargos e está livre para transferir-se.

ALBERTO FESTA

Ao que parece, Festa passará a representar o Tirsense, que se mostra empenhado em conseguir o seu concurso. O facto do ex-portista residir em Santo Tirso deverá facilitar as intenções do clube local.

★ *A aventual transferência do vimaranense Gualter para o F. C. Porto poderá motivar uma troca de jogadores, maneira de atenuar a importante verba (1200 contos) pedida pelo Vitória de Guimarães.*

Bernardo da Velha é o mais cotado dos elementos indicados pela colectividade das Antas e aquele que mais agrada aos dirigentes vitorianos.

★ *O Valência foi das equipas espanholas que mais se reforçou para a próxima época. Entre os novos recrutas figuram como elementos mais destacados Collar, Fuerts, Barrachina e Illumbe.*

★ Felix Ruiz que foi figura grada no Real Madrid, abandonou o futebol em consequência de uma série de lesões.

1.º MOTOCROSS DAS MERCÊS

Numa organização do Grupo Desportivo das Mercês, com a colaboração e patrocínio da Federação Portuguesa de Motociclismo e de duas firmas comerciais, realiza-se no dia 17 no Pinhal do Escouto, o 1.º Motocross das Mercês.

Na prova, disputada nas categorias de principiantes e consagrados, podem participar motos até 100 c. c. e com mais de 100 c. c.

A competição conta para o respectivo campeonato nacional.

Natação

NOVO «RECORD» DE 200 M COSTAS

LOUISVILLE, 15 — (F. P.) — O americano Gary Hall bateu o «record» do Mundo dos 200 metros. costas, em 2 m 6 s 6/10, vencendo a final do campeonato dos Estados Unidos na quinta-feira em Louisville.

O antigo «record» pertencia ao alemão de leste, Roland Matthes, com 2 m 7 s 4/10 tempo conseguido no mês passado em Santa Clara.

TOIROS EM ALMENDRALEJO
Quinta das Águias
Av. de Badajoz—Telef. 245

Nacionais de Remo

Com a participação das tripulações de 16 clubes, começam a disputar-se amanhã, em Aveiro, na pista do Rio Novo do Príncipe, os campeonatos nacionais de remo nas diversas categorias e tipos de embarcações.

As provas prolongar-se-ão até domingo á tarde.

HÓQUEI EM PATINS

ESTREMOZ-AZEITONENSE (6-0)

Em Estremoz, defrontaram-se ontem, á noite, em jogo a contar para o Campeonato Regional da II Divisão, as equipas do Estremoz e do Azeitonense. Os locais venceram por 6-0, com 1-0 ao intervalo.

Arbitrou Francisco Marques e alinharam e marcaram:

ESTREMOZ — Caldeira, J. Manuel, Cascais (2), Chouriço (2) e Gonçalves (2).

AZEITONENSE — Pinto, Mendes, Deitado, Antunes, Sargaço, Mira e Carvalho.

MÁQUINAS DE SOMAR ELÉCTRICAS
«RICOMÁC modelo 211», fabrico japonês apresentadas com as seguintes características: soma, subtrair e multiplicar — saldos negativos — capacidade 10-11 e de 0-00-000.
Máquinas de escrever «BROTHER», portáteis, representante em Portugal:
A PRESTAMISTA MERCANTIL, LDA.
Av. Almirante Reis 10-C — LISBOA

REGATA OCEÂNICA CASCAIS-SESIMBRA

O Clube Naval de Cascais projecta realizar no próximo dia 6 de Setembro, uma regata oceânica para barcos à vela, com largada de Cascais, rondagem de duas boias ao largo, e chegada a Sesimbra; e simultâneamente um passeio náutico, englobando barcos de vela e motor, com destino também àquela vila.

Um jantar de confraternização em restaurante local terminará a jornada, que está despertando o maior interesse em todos os desportistas náuticos das regiões de Lisboa, Sesimbra e Setubal.

Inauguração de uma piscina em Viana do Castelo

O ministro das Corporações e Previdência Social inaugura amanhã em Viana do Castelo a piscina construída naquela cidade pela F. N. A. T.

Para o festival inaugural foi elaborado um interessante programa.

Gincana de perícia automóvel em Coruche

Integrada nas festas de Nossa Senhora do Castelo, realiza-se em Coruche, no campo de jogos do Grupo Desportivo «O Coruchense», uma gincana de perícia automóvel, para a qual foram instituídos valiosos prémios.

CAETANO NOGUEIRA PEDIU A DEMISSÃO DE ÁRBITRO DE FUTEBOL

Surpreendentemente, o conhecido e ex-internacional árbitro portuense Caetano Nogueira, apresentou o pedido de demissão. Ao que nos foi dado saber, a razão determinante desta atitude baseia-se no facto de haver sido afastado do quadro «internacional».

Mais uma baixa num sector onde escasseiam os valores positivos. Depois de Pinto Ferreira, Edmundo Carvalho e Salvador Garcia, surge mais um caso litigioso entre árbitros e dirigentes. E o futebol é a grande vítima.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — A MINHA PROFISSÃO É MATAR — EDEN — CAÇADOR DE ESPIÕES — EUROPA — O BOM GIGANTE — ALVALADE — ÂNSIA DE AMAR — CONDES — HOMENS DESESPERADOS — ROMA

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 21.45
ESTREIA
Technicolor — Techniscope
A MINHA PROFISSÃO É MATAR
Às 18.30 — (M. 12 anos)
POUCOS DÓLARES POR DJANGO

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Estreia às 21.30
CAÇADOR DE ESPIÕES
(Veja anúncio especial)

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15.15, 18.15 e 21.30
em Technicolor
O BASTARDO
«THE BASTARD»
c/ Rita Hayworth e Giuliano Gemma

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 21.30
A iniciar o ciclo do cinema francês, um filme de Alain Cavalier-Françoise Sagan
A CHAMADA
com Catherine Deneuve e Michel Piccoli

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Uma extraordinária história de amor
William Holden e Nancy Kwan em
O MUNDO DE SUZIE WONG

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 e ás 21.30
EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL
O FILME DE QUE TODOS FALAM:
NÃO ESPERES, DJANGO... DISPARA!
c/ Sean Todd e Rada Rassimov
CADA BALA ERA UMA SENTENÇA DE MORTE
Eastmancolor — Cromoscope

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
O INSPECTOR CLOUSEAU
c/ Alan Arkin e Frank Finlay

ALVALADE
(M. 6 anos) Tel. 763080
HOJE ESTREIA
Às 21.45
O BOM GIGANTE
(Veja anúncio especial)

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 21.45
Um poderoso «western»!
A VINGANÇA DO CONDENADO
com Thomas Hunter, Henry Silva e Dan Dureya
Techniscope — Technicolor

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
Às 15.15, 18.15 e 21.30
GRANDE ÊXITO!
UM FILME DE ACÇÃO HERÓICA ATRAVÉS DE UMA MISSÃO SECRETA
O PIRATA DO REI
com Dong McClure e Jill St. John (TECNICOLOR)

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
O CASAMENTO
(Le Mariage ou Mazel Tov)
com Claude Berri e Elisabeth Wiener
EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde e 9.30 da noite
63.ª SEMANA
do maior êxito de todos os tempos:
MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Christopher Plummer
Exclusivo desta sala

VOX
Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45 (M 21 anos)
3.ª Semana de lotação esgotada
HELGA
(O segredo da maternidade) comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade àquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

CONDES
Telefs. 322523 - 326710
HOJE ESTREIA (Adultos)
Já às «matinées» — Às 15.15, 18.15 e 21.30
ÂNSIA DE AMAR

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra fundamental de Roman Polansky
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Fucueaux

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
QUEM ROUBOU A COROA?
com Michael Crawford e Oliver Reed
AR CONDICIONADO

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
O PERIGO VEM DAS MULHERES
DOUTOR, VAMOS A ISTO

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
A GUERRA SECRETA DE HARRY FRIGG
XEQUE A SCOTLAND YARD

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 (M 17 anos)
RAQUEL, RAQUEL
Realização de Paul Newman
Interpretação de Joanne Woodward

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
NINGUÉM FOGE PARA SEMPRE
com Rod Taylor e Christopler Plummer

QUINTA DAS ÁGUIAS
ELVAS
RESTAURANTE
Av. de Badajoz — Telef. 245

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
ESTREIA
Um filme de alta espionagem
HOMENS DESESPERADOS
com Ty Hardin, Michael Rennie e Graziella Granata
Eastmancolor
AR CONDICIONADO

IMAGEM DO DIA

Começa hoje a 63.ª SEMANA, agora anunciada como a ultima, do famosíssimo êxito e rigoroso exclusivo do TIVOLI: «MÚSICA NO CORAÇÃO».

Não há adjectivos que classifiquem este notabilíssimo espectáculo que continua presente no entusiasmo do publico que não se cansa de aplaudi-lo. Quem ainda não o viu, não deve perder esta ultima semana de exibições, para se deixar encantar por JULIE ANDREWS que, ao lado de Christopher Plummer, constitui uma das maiores atracções de «MÚSICA NO CORAÇÃO».

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES
V. Ex.ª vai para fora? Aproveite a oportunidade para mandar limpar, restaurar ou tingir as suas tapeçarias.
Consulte os serviços técnicos da
FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO
Pedidos aos escritórios: Rua Conde Redondo, 64, 2.º, Dir
Telefone 59288
ORÇAMENTOS GRÁTIS

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)
TEATRO GIL VICENTE — Às 22: «A maçã» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Os 3 sargentos de Bengala» (12 anos)
PARIS — Às 21: «002 contra Al-capone» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Ouro de Londres» (12 anos)
ROYAL — Às 21: «Os bravos não morrem» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Tobruk» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «As bandeiras verdes de Alá» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 9: «A fechadura misteriosa» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 5 e 15 e 21 h.: «O Fidalgo Aventureiro» (12 anos)
IDEAL — Às 21: «O corrasco de Veneza» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 15 e 30 e ás 21 h.: «Quem dispara primeiro» (12 anos).
S. L. BENFICA — Às 21 e 15: «O Filho de El Cid» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «7 Noivas para 7 irmãos» (12 anos)
CASTANHEIRA — Às 21 e 30: «Os Dez Mandamentos» (12 anos)

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O comboio fantasma» e «O Homem, o Orgulho e a Vingança» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O cavaleiro do terror» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «O Inspector Clouseau» (12 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «O justiceiro de Rugovo» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O escroque elegante» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Gigantes em duelo» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Bonança & C.ª» (12 anos)
CACÉM — S. JOÃO — Às 21 e 30: «Quando tu não estás» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30 «O alto e o baixo e o gato» (12 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — CARLOS MANUEL — Às 21 e 5 «Hotel da malandrice» (17 anos)
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «No calor da noite» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 5: «A volta ao Mundo em 80 dias» (12 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «O velho e a criança» e «As aventuras do Santo» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21: «Cinderela em Paris» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 30: «Espia sem nome» (17 anos).

ARRUDA DOS VINHOS
SÁBADO, 16 DE AGOSTO DE 1969
IMPONENTE CORRIDA DE TOIROS
ÀS 18 HORAS
CAVALEIROS:
JOSÉ M. CORTES
ALFREDO CONDE
E O AMADOR
JORGE DE CARVALHO
ESPADAS:
JOSÉ JÚLIO
ANTÓNIO LOMELIN
Forcados Amadores de Santarém, chefiados por
José Manuel Souto Barreiros
8 — BONITOS TOIROS — 8
da Ganadaria ANTÓNIO MANUEL LAMPREIA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno C

ALVALADE — Sanex, Av. do Igreja, 3-C (776905) ✲ Aeroporto, Av. Gago Coutinho, 101-D (á Av. D. Rodrigo da Cunha) (722384) ✲ Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (á Av. Estados Unidos da América) — (721409)
ALCÂNTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 14 (660182)
ALMIRANTE REIS — Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (44373)
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (á Alameda) (728277)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da Republica, 58-D-E (77166) ✲ Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) ✲ Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha, 4 (41845) ✲ Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324)
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av. Rovisco Pais, 32-A-B (534027)
AREEIRO — Algarve, Av. de Roma, 1-B (777478).
ARROIOS — Bastos, Rua Morais Soares, 9-F (844350).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 4! (311216)
BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 26 (326575).
BELÉM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias 63-A (611454).
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704828) ✲ Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) ✲ J. Ribeiro, Estrada da Luz, 99-A (780969).
CAMÕES — Sanitas, Pr. Luís de Camões, 24 (322798).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 131-133 (686640) ✲ Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (686176) ✲ Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 9 (662838)
CAMPO DE SANTANA — Silmar, R. de S. Lázaro, 128 (42829).
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco de Morais, 1 (771469)
ESTRELA E LAPA — Tagus, Proceto da R. Possidónio da Silva, 62-A (669485) ✲ Mota Capitão, Rua de São Félix, 45-A (660720)
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-222 (772397).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969)
CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424)
GRAÇA — Silva, Calçada de St.ª André, 6 (862074) ✲ Branquinho, Rua dos Sapadores, 87 (842725)
ESTEFÂNIA — Pancada, R. Rebelo da Silva, 9 (43340)
JANELAS VERDES — Reis Garrido, R. das Jan. Verdes 90 (662327)
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 17 (790480).
MARQUÊS DE POMBAL — Liberal, Av. da Liberdade, 29 (43641)
OLIVAIS — Central dos Olivais, Rua Alferes Barriaro, Ruas I-C Olivais-Norte (3 5539) ✲ Antunes Rosas, R. C — Lote 99 Olivais-Sul (3 3610)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A (728395-720703)
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (68947).
REGO — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 60-62 (76 085)
RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz, 10-A (á Encosta do Restelo) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Sucs., R. da Junqueira, 326 (638 93) ✲ Costa, R. dos Lusíadas, 32 (636704) ✲ Dilena, R. Aliança Operária, 49-A-B (636620)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calç. D. Gastão, 30-32 (38279)
S. BENTO — Fenix, R. do Cruz, dos Polais, 52 (67853)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 2 2070).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE — Alsir — Av. Gago Coutinho — B. das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel. 26186)
MONTE ESTORIL — Ostende, Rua de Espinho, (260391).
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 9, 41 (Telefone 280141) Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel. 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Fiema — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av.ª D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970528)
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) ✲ «Zeller, R. da Republica, 83 (950045)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T. 29100 21)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (98039)
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos de Costa, 10 (Tel. 234 31)
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA — Central — R. de Olivença, 1 (Tel. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional, 74 (22 43 02).
BARREIRO — St.ª Marta — R. do Lavradio, 77-C (Tel. 2272 41).
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (270 21)
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 6 (Tel. 239029)
MONTIJO — Montepio, R. Almirante Reis, 93 (230035)
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028) (45 58)
SETUBAL — Rosado Pinto, P. do Bocage (22484) ✲ Nova, Rua Gen. Gomes Freire (22052).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 5 (Tel. 22 858)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas 361358 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla 538821 ✲ Gazcidla (dom. e feriados 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✲ Voluntários 538524
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

PROGRESSO
Restaurante ✲ Snack-Bar ✲ Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2
Telef. 40115
Aos dom ngos especialidade da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS À RIBATEJANA
e COELHO À CAÇADOR
E LANCHES DE CASAMENTO

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
PATO À MODA DO RIO FRIO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

RESTAURANTE
antónio
COZINHA TIPICAMENTE PORTUGUESA
DIÁRIAMENTE AÇORDA DE LAGOSTA
✲ Ar condicionado — Encerrado aos Domingos ✲
R. Tomás Ribeiro, 63 — LISBOA — Tel. 538780
(Junto da Estação do Metro das Picoas)

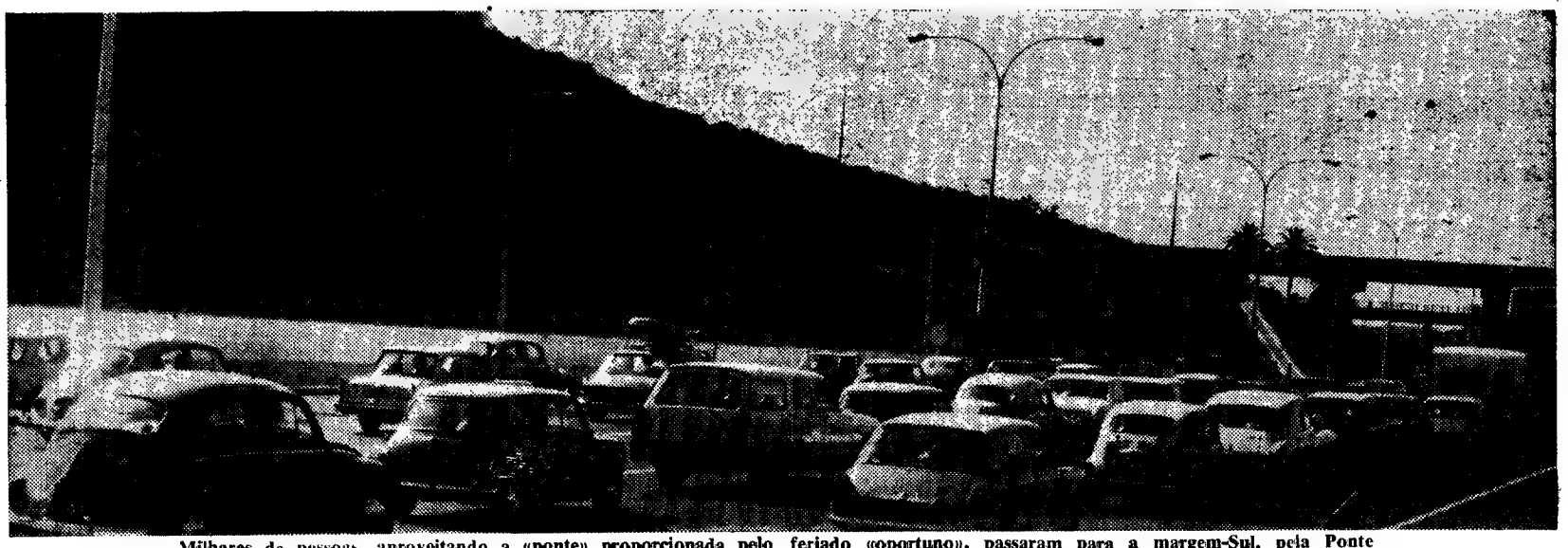
NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

PELA PONTE PARA A «PONTE»

Milhares de automóveis atravessaram para a margem sul do Rio Tejo



Milhares de pessoas, aproveitando a «ponte» proporcionada pelo feriado «oportuno», passaram para a margem-Sul, pela Ponte sobre o Tejo. Como a gravura mostra, havia bichas no recinto da portagem

• Prevêem-se dificuldades para o regresso no domingo

Elevado número de lisboetas, beneficiando do oportuno feriado que se «colou» ao sábado — e permitiu a chamada «ponte» — estão, desde a tarde de ontem, a abandonar a capital, em busca de três dias de férias caídos do céu. E, embora Agosto seja já de si o mês em que todos procuram gozar a licença — e a demonstrar bem que muitos o não conseguem... — filas de automóveis seguiram, durante as últimas horas, para fora da cidade, em demanda de praias predilectas ou de algum recanto campestre, onde repouso não seja apenas uma palavra, mas sim uma realidade indiscutível.

Nesta manhã em que todos os domingos vão dar ao feriado, a Ponte, como é lógico, registou desusado movimento, e os veículos formavam «bichas» no recinto da portagem, com condutores ansiosos por pagar os sacramentais 10 ou 20$00...

Ontem: 12 630 automóveis para a margem-sul. Hoje (até às 10 horas): 5476

Durante o dia de ontem, 22 008 veículos transitaram pela Ponte (12 630 para a margem-sul). Hoje, até ás 10 horas, já haviam passado 7000 (5476 para Sul).

Próximo do meio-dia, o trânsito ainda era intenso e, a julgar pelas aparências, assim continuaria por mais algumas horas.

De um modo geral, o lisboeta «motorizado» escoou-se um pouco por todas as saídas da cidade, e fê-lo com tanta ânsia de aproveitar a «ponte» (não metálica, mas onde se vai gastar algum metal...) que a marginal oferecia, esta manhã, um aspecto desusadamente calmo. Nem buzinadelas, nem engarrafamentos. Os que ficaram na cidade — há sempre quem não tenha «pontes», mesmo pagando a portagem... — podem, por outro lado, desfrutar de ruas quase sem trânsito e de transportes muito pouco colectivos. Apenas alguns turistas (de dentro e de fora) olhavam pacatamente as montras da Baixa, dando algum uso aos empedrados. E o trajo de Verão era regra, pois quem fica dentro dos «muros» do burgo também tem o direito de andar á fresca!

No domingo é que vão ser elas!

Pelo numero de automóveis que deixaram Lisboa, é possível desde já, e sem fazer grandes esforços de imaginação, prever um domingo ruidoso (buzinadelas, impropérios, conselhos em voz zangada e outras «armas» de efeito psicológico). Milhares de condutores, na verdade, vão tentar chegar depressa (ou o mais depressa possível...) ao conforto dos lares (mais ou menos doces).

Também a Ponte, dado o elevado numero de carros que por ali têm passado em direcção ao Sul, vai oferecer — julga-se — espectáculo digno de ver-se.

De qualquer forma, e por muitas que sejam as zangas (em família e interfamílias) motivadas pelos engarrafamentos (garantidos) a outra «ponte» já está «passada» — e esperemos que com boas recordações.

tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal continental, a norte do rio Tejo, o céu estava geralmente muito nublado e caía chuvisco em alguns locais. A sul do rio Tejo predominava céu pouco nublado e o vento era fraco

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 29°,5; mínima. Penhas do Saude, 9°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, Portalegre e Porto, 19°; Faro, 23°; Funchal, 22°; Lisboa, 2[illegible], Penhas Douradas, 11°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 23°, na água do mar: 17°,5.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

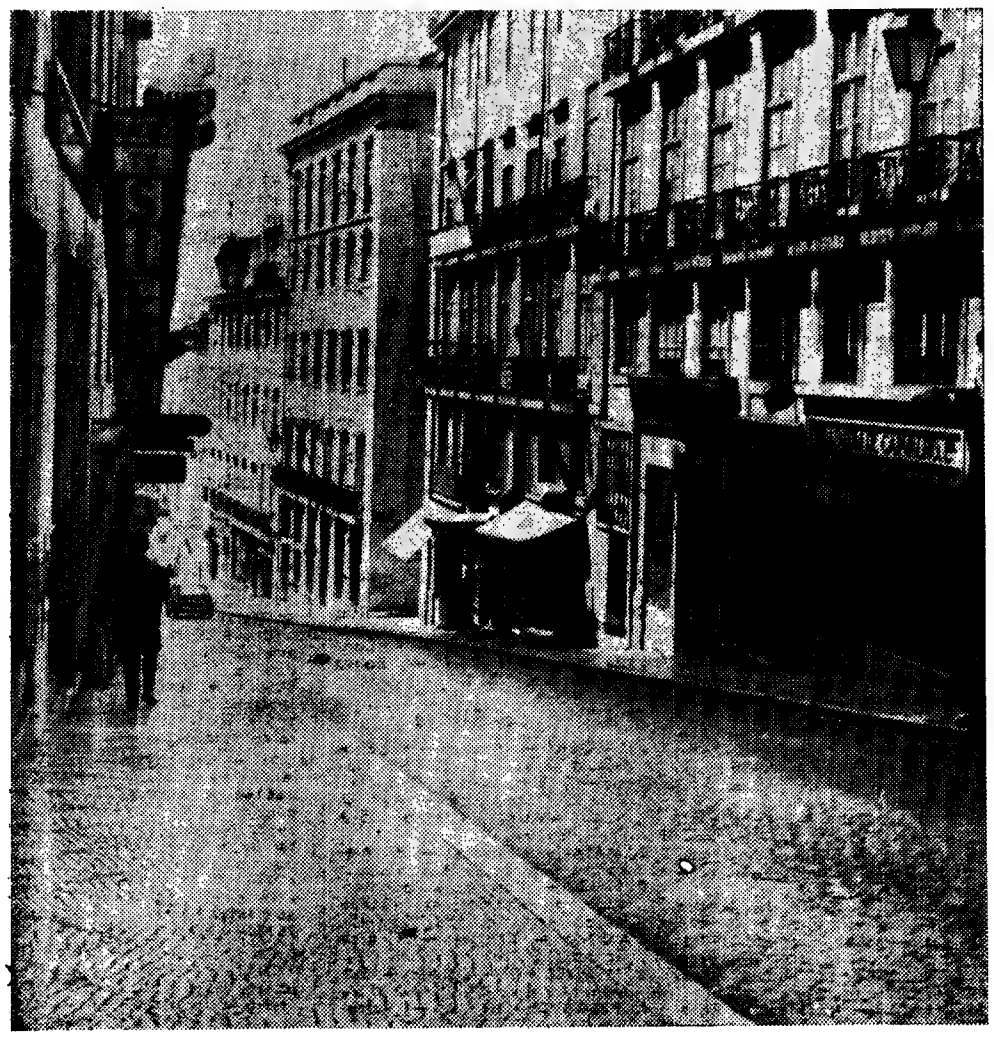
Períodos de céu muito nublado nas regiões do Norte e Centro, tornando-se pouco nublado a partir do fim da tarde. Nas regiões do Sul, céu pouco nublado ou limpo, vento fraco a moderado de N.

Amanhã
Nascer ás 06 e 51
Ocaso ás 20 e 31

Dia 20 Dia 27 Dia 3 Dia 11

MARES

PREIA-MAR: Dia 15 — 5 e 30 (3,8 m); 17 e 40 (4 m). Dia 16 — 6 (3,8 m); 18 e 10 (4 m). Dia 17 — 6 e 29 (3,8 m), 18 e 40 (4 m). BAIXA-MAR: Dia 15 — 11 e 03 (1 m), 23 e 30 (0,9 m). Dia 16 — 11 e 38 (1 m). Dia 17 — 0 [illegible] 0' (0,9 m); 12 e 12 (1 m



A semelhança de muitas outras artérias da capital — abandonada por muitos dos seus habitantes, pelo espaço de três dias — a Rua Nova do Almada oferecia este aspecto desusado

Está aberta uma subscrição para um busto ou uma estátua a erigir ao prof. Mira Fernandes

Como o «Diário de Lisboa» oportunamente preconizou, está a concretizar-se a homenagem devida ao prof. Mira Fernandes. Com efeito, já o «Diário do Alentejo» deu começo a uma subscrição publica destinada á erecção de um busto do ilustre matemático em Mértola, terra da sua naturalidade. Todas as pessoas que desejem participar nesse acto de verdadeira justiça, podem desde já enviar donativos para aquele periódico alentejano.

Vem a propósito lembrar que, desde 1954, um homem se tem vindo a bater denodadamente para que tal espécie de homenagem seja prestada ao prof. Mira Fernandes. Referimo-nos ao sr. dr. Tomaz Lança Revez, que jamais pôde esquecer a ciência de um mestre e o civismo e a humildade de um cidadão.

Aliás, em carta dirigida a este senhor, o eng. L. de Sá Pereira, também se faz apologista da homenagem, propondo, porém, não um busto, e sim uma estátua, pois se trata de um português de grande estatura mental: «Homens inferiores a Mira Fernandes — afirma — tiveram consagração maior».

A Vidigueira ganhou um concurso de cantares alentejanos

BEJA, 15 — Integrado na feira anual desta cidade, e promovido pelo Município, efectuou-se um concurso de cantares alentejanos, nele participando grupos de várias localidades.

A classificação conhecida esta manhã, é aseguinte: 1.º — «Vindimadores», da Vidigueira; 2.º — «Camponeses», de Pias; 3.º — «Ceifeiros», de Cuba; 4.º — «Capricho», de Beja; 5.º — «Guadiana», de Mértola; e 6.º — «Cantadores do Roxo», de Rio de Moinhos, Aljustrel.

DIÁRIO DE LISBOA

O nosso prezado colega «Comércio do Funchal», que se ocupa do significado do conflito entre Eusébio e a direcção do S. L. Benfica, transcreve parte da entrevista do nosso estimado camarada de redacção Joaquim Letria com aquele futebolista internacional, que teve larga repercussão.

Começou hoje em Viana do Castelo a famosa romaria à Senhora da Agonia

VIANA DO CASTELO, 15 — Depois de uma noite em que choveu a intermitências, a cidade acordou sob um céu razoávelmente luminoso, para viver o primeiro dia da tradicional e sempre concorridissima romaria á Senhora da Agonia.

O publico afluiu em grande numero, imprimindo á «Princesa do Lima» um ar festivo, cheio de cor e movimento.

Os numeros de maior sensação de hoje são constituídos pelo «Cortejo da Mordomia», procissão e, ás 21 e 30, festival no Jardim Publico.

Amanhã prosseguem os festejos.

Qual o principal problema da sociedade portuguesa?

Respondem Melo e Castro e Mário Soares

(Página 3)

MESA REDONDA

A DESVALORIZAÇÃO DO FRANCO

Regresso da França ao redil internacional

PAUL FABRA

Houve um tempo em que a comunidade dos Seis figurava, no oceano monetário internacional (cada vez mais agitado, desde a desvalorização da libra, em Novembro de 1967) como um porto de abrigo onde vinham reabastecer-se os navios em apuros. A partir do mês de Maio passado, o sector francês do porto tornou-se, por sua vez, uma passagem perigosa. Em que situação se encontrarão, daqui a semanas ou meses, os outros molhes da Europa monetária?

A primeira constatação que se impõe ao espírito, se tentarmos avaliar as consequências internacionais da desvalorização francesa, é esta: o Mercado Comum vinha, desde 1958, a conhecer o êxito que sabemos, devido, sem dúvida, ao facto de nenhum acidente «monetário» ter vindo perturbar o desmantelamento progressivo das barreiras alfandegárias, a laboriosa elaboração de uma política agrícola comum, cujo carácter artificial vai agora ser claramente posto à luz do dia. Hoje, novo elemento entra em jogo: a instabilidade das taxas de câmbio que, a longo prazo, é absolutamente incompatível com a liberdade das trocas. Dizer isto é mostrar a importância que tem, para a Europa, a parada da nova partida, que agora se iniciou, em circunstâncias, pelo menos, incertas.

O Governo de Paris, consciente da quebra de cotização do franco, decide amputar-lhe o valor. Quais serão os efeitos desta verificação sobre o comportamento do franco belga, da lira italiana, cujas reservas diminuem também a ritmo rápido em consequência da fuga da poupança italiana, que sai da Itália e se dirige para a Suíça, a caminho dos fundos de colocação de capitais e bancos americanos, instalados em Lugano (como que para recolherem o dinheiro que a península despeja) e, para lá da fronteira da

(Continua na página 5)

Jogos Olímpicos e Política

JOSÉ ESTEVES

Muitos dos nossos leitores ainda se lembrarão, com certeza, da maneira como a Alemanha hitleriana se aproveitou da realização dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, para deles fazer uma directa e impressionante manifestação de propaganda política. De tal modo os organizadores se excederam, que os desportistas estrangeiros àquele país — os que ali foram e os que apenas seguiram o acontecimento pelos jornais e pelo cinema — justamente se escandalizaram... Mas, dentre a quase totalidade das vozes discordantes, duas sobressaíram, todavia, para defenderem o indecoroso abuso do Comité Olímpico Alemão e da omnipotente máquina do partido então no Poder. Pois essas vozes foram, precisamente a do velho barão Pierre de Coubertin e a do americano Avery Brundage, que, nessa altura, passou de presidente do Comité Olímpico Americano a membro do Comité Olímpico Internacional.

O barão Pierre de Coubertin, logo após as competições de Berlim, respondeu impetuosamente ao jornalista francês André Lang: «O quê? Os Jogos desfigurados? A ideia olímpica sacrificada à propaganda? Mas isso é inteiramente falso! O êxito grandioso dos Jogos de Berlim serviu magnificamente o ideal olímpico!» E ainda: «Hitler é um dos maiores espíritos e um dos maiores construtores da actualidade (...) Hitler serviu o ideal olímpico, evitando a tempo a sua desfiguração.»

Quanto a Avery Brundage, bastará dizer que também ele não teve qualquer pejo em render, expressamente, a sua homenagem ao Reich hitleriano. Fê-lo em Nova York no Madison Square Garden, perante 20 000 pessoas, afirmando: «Temos muito que aprender com a Alemanha. Também nós, se quisermos defender as nossas instituições, devemos combater o

(Continua na página 10)

DESENHO DE JOÃO ABEL

ASSIM VAI O MUNDO

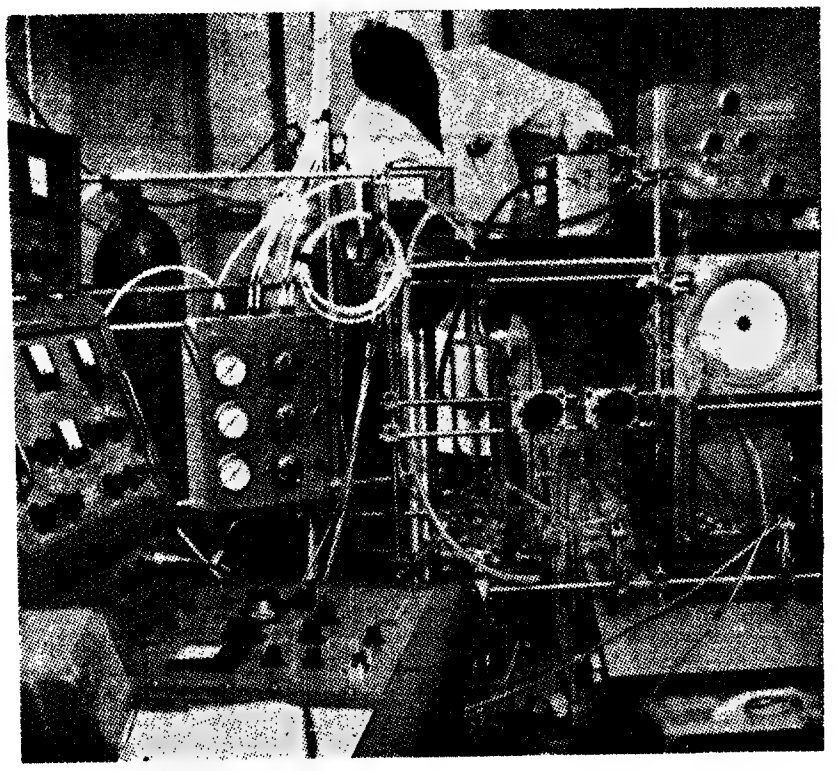
Férias

«As férias são mais do que um alívio da rotina do trabalho: são um escape e uma oportunidade para os homens meditarem no que são e para que vivem.»

A frase é do Papa. Pelos vistos, para Paulo VI, o descanso anual não é como pensam algumas pessoas — simples mania...

Técnicos

Qualquer país que pretenda ganhar terreno e ultrapassar a mediocridade no domínio da industrialização e da competição nos mercados internacionais não pode ficar-se pelo esforço e pelos fundos que consagra aos cursos de Humanidades. Há outros sectores e outras matérias a que tem de dedicar a sua atenção, num trabalho porfiado, baseado numa imaginação pródiga, numa política esclarecida e sequente. Um exemplo a ter presente neste campo é a criação, em França, de um curso superior de técnica. Desse curso constam 42 especializações e a sua duração é de dois anos. Para o frequentar são necessárias habilitações equivalentes ao nosso curso dos liceus ou a diploma de um curso técnico de nível médio. Findo o curso os estudantes recebem um diploma de «Técnico Superior». Refira-se ainda que do conjunto dos candidatos 40 por cento optou por disciplinas ligadas ao sector da metalurgia.



ASSIM VAMOS NÓS

Reolhar

Quando se olha muito tempo para um local mais ou menos limitado ou para um tempo com fronteiras estreitas, inevitàvelmente se começará a ver mal o que se está a olhar, inevitàvelmente se começará a perder a faculdade de (re)olhar, com olhos de ver, outros espaços e outros tempos.

Aqui e agora *se passa o que mais nos diz respeito. Mas não se pode perder o treino de encarar tudo o resto. Tudo o resto que também nos diz respeito.*

C. U. F.

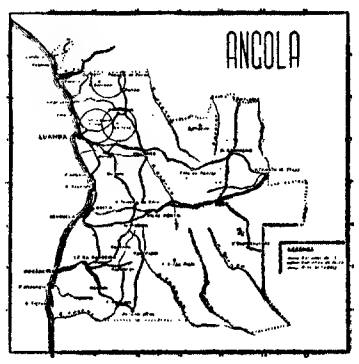
O progresso da C. U. F. acentua-se: a companhia requereu autorização para a montagem de uma nova instalação fabril. Trata-se de uma fábrica de ácido sulfúrico a instalar no seu aglomerado do Barreiro, com a capacidade de produção de 625 toneladas por dia. A nova fábrica, destina-se a substituir duas unidades de produção daquele ácido

Pescas

Por portaria do titular da pasta da Marinha já enviada para o «Diário do Governo» foi nomeado presidente da nova Junta Nacional de Fomento de Pescas o sr. Almirante Henrique dos Santos Tenreiro, que exercia as funções de delegado do Governo junto dos Organismos das Pescas.

Angola

Quinze milhões de contos é o montante dos investimentos programados para o período 1968-1973 em Angola, segundo notícia divulgada pelo diário luandense «O Comércio». Ainda segundo o referido jornal, os totais a atingir naquele período estimam-se em 857.722 contos quanto às indústrias extractivas e 2.033.340 contos às indústrias transformadoras.



O momento eleitoral

O próximo acto eleitoral foi objecto, durante a semana, das atenções do público, devido, fundamentalmente, a um parecer da Procuradoria Geral da República, publicado nos jornais de 9 de Agosto, e á nota do Ministério do Interior do passado dia 11.

O primeiro documento dizia, em conclusão:

1.º — Não é lícita a existência da Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de... ou de outras com idêntica finalidade independentemente do prévio reconhecimento exigido pelo artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 39 660, de 20 de Maio de 1954;

2.º — Aos que dirigirem, administrarem ou participarem na actividade das aludidas associações não reconhecidas são aplicáveis as sanções do artigo 6.º do mesmo diploma, se se verificar o elemento subjectivo da infracção (dolo), e, tratando-se de actividades de natureza subversiva ainda as sanções do Decreto-Lei n.º 37 447;

3.º — Aos promotores e aderentes a tais associações poderá ainda ser aplicada a medida da segurança do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 40 550, se tiverem natureza comunista; se propuserem actividades subversivas; praticarem crimes contra a segurança do Estado ou utilizarem o terrorismo como meio de actuação.

Quanto ao segundo documento — a nota do Ministério —, depois de informar que as eleições para deputados deveriam ser antecipadas para o último domingo de Outubro e de prometer que durante o período eleitoral será dada expressão legal ás comissões de propaganda dos candidatos, diz:

4.º — **O parecer da Procuradoria Geral da República, recentemente publicado no «Diário do Governo», limitou-se a reputar ilícita a actividade das comissões eleitorais independentemente do acto de reconhecimento expresso exigido pelo art.º 2.º do Decreto-Lei n.º 39 660, de 20 de Maio de 1954**

O Despacho Ministerial que homologou este parecer em nada colide, como é evidente, com a intenção que o Governo reafirma de assegurar igualdade de condições a todos os candidatos

Acerca da mesma questão — legitimidade das comissões eleitorais democráticas — publicou também o «Diário da Manhã» um artigo de fundo intitulado «Reuniões Livres», de que parece oportuno transcrever o seguinte passo:

...Voltando ao caso das reuniões, não se trata de estas poderem ou não realizar-se, senão de exigirem sempre o conhecimento e a confirmação prévia das autoridades administrativas competentes e responsáveis.

Transplantações

Começou este mês a fase de organização do primeiro Centro Italiano para as Transplantações de Órgãos. O centro ficará instalado nas instalações, convenientemente adaptadas para tal fim, de um antigo instituto ginástico, próximo de Roma. A actividade científica e terapêutica, pròpriamente dita, com a admissão dos primeiros enfermos, começará no início do próximo ano, informa a revista «Tribuna Médica», de Madrid. E acrescenta a revista: «Dois conhecidos biólogos, os professores Modiano e Morpurgo, afirmaram que a introdução em Itália da transplantação cardíaca, prevista pelo anteprojecto de lei elaborado pelo Conselho Superior de Saúde — violaria as leis do Estado Italiano.

Disseram Modiano e Morpurgo:

«Trata-se de justificar uma lei perigosa e inumana em nome da civilização, uma lei que na realidade foi promovida por alguns clínicos de grande fama que vêem nela um meio para fazer publicidade. Pouco importa que para isto tenha de enganar-se a opinião pública, obviamente incapaz de julgar os problemas científicos.»

Empréstimo

O «Banco do Nordeste» (Brasil) receberá do «Stálni Banka Ceskoslovenská» um empréstimo equivalente a 5 milhões de dólares. O empréstimo será cedido a empresas industriais do Nordeste brasileiro, interessadas na aquisição de máquinas e equipamento, na Checoslováquia.

Cooperação

O «Instituto Médico-Farmacêutico Internacional S. A.» (Maiorca) assinou um acordo de cooperação técnica com o «Vsesojuzoje Exportno-Importnejé Objédinénijé» (Moscovo) para o fabrico de especialidades farmacêuticas, sob licença, do «Instituto Politécnico do Ural» e do

«Instituto do Estado para a Investigação Científica, Química e Farmacêutica».

Este é o primeiro acordo assinado entre a U. R. S. S. e a Espanha

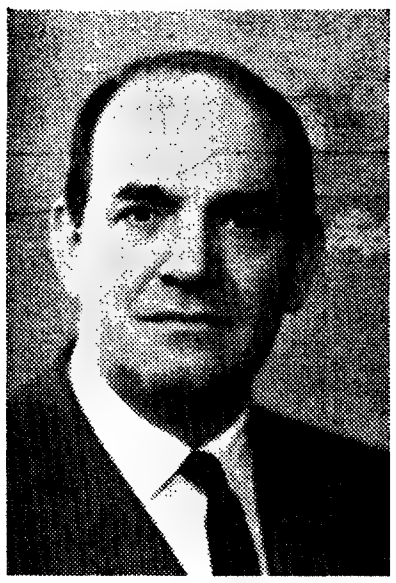
inquérito

Qual o principal problema da sociedade portuguesa?

O debate de ideias na vida portuguesa é um princípio salutar, uma condição fundamental à convivência e ao diálogo. É condição do repeito mútuo entre cidadãos, entre membros de pleno direito da mesma sociedade, entre os construtores quotidianos de um País que se deseja ver prosperar, que pretende integrar-se no ambiente e no estilo de vida europeus.

«Mesa-Redonda» surgiu com o intuito de contribuir para a abertura de espírito de todos os portugueses, para a discussão franca e respeitosa dos cidadãos provenientes dos mais diversos quadrantes ideológicos. Despontou no panorama da Imprensa nacional decidida a ajudar os portugueses a pôr em comum ideias e aspirações, sentimentos e desejos. Surgiu consciente do enorme caminho que temos a percorrer para derrubar barricadas, para atenuar cidadelas dominadoras e triunfantes. Apostou na via da tolerância contra as inquisições e as teimosias. Advoga a compreensão e a serenidade no debate. Defende um Portugal onde caibam todos os portugueses.

Depois do inquérito «Que entende por esquerda e direita?» encetamos novo confronto de opiniões, desta vez sobre «Qual o principal problema da vida portuguesa?». Abrimos o inquérito com as respostas de duas figuras marcantes e significativas da vida nacional: a do dr. José Guilherme de Melo e Castro, presidente da Comissão Executiva da União Nacional e a do dr. Mário Soares, um dos «leaderes» da oposição. Outras individualidades foram convidadas a apresentar o seu depoimento. E temos de convir que as circunstâncias não têm sido propícias a que se revelem todos os valores, a que se pronunciem todos os homens que têm força interior e mensagem válida e construtiva a transmitir. Neste e noutros inquéritos tentaremos dar-lhes a palavra. Falo-emos de espírito aberto e sem intenções reservadas.



Dr. Melo e Castro

Participação não é coisa de agrado dos extremistas

— Com pronto interesse respondo ao inquérito «Diário de Lisboa» sobre «*qual o principal problema da sociedade portuguesa*, não considerando a situação no Ultramar. Muito interesse me despertou também o outro inquérito sobre «*esquerda e direita*», Só que esse interesse não foi pronto... como agora. Em todo o caso, quem me tenha beneficiado com alguma atenção ao breve discurso que disse, no passado 30 de Julho, em Barcelos, terá entendido que «direitas e esquerdas», «esquerdas e direitas» são conceitos que entendo — e ao abrigo de boa lição — como expressão tradicional — e portanto, não valerá muito a pena procurar outra — dos dois polos duma opinião politca sã e estruturada: — o polo do progresso e o da estabilidade; — o polo da liberdade e o da autoridade. E não só legítimos mas necssários para que a participação de todos renda efectivamente em integração cívica, em bem-estar generalizado, em paz. É claro — repito, e sempre «*sem nos zangarmos*», como quis assinalar a prudente «Nota do Dia» do Diário de Lisboa» a respeito daquela minha fala minhota, — quando o extremismo não participe. Melhor dito, quando não se atravesse ou não pese, porque participação não é coisa de agrado dos extremistas; dos que, na oposição, só vêem saída pela insurreição e pela iconoclastia, e dos que, chegados ao poder ou nele mantidos, só vêem conservação pela monotonia do autoritarismo e pelo cepticismo na filosofia politica.

O principal problema... Certos trabalhos de consulta à opinião pública, que estamos a organizar na «União Nacional», permitem-me responder com alguma objectividade. Quero dizer, transmitir não um ponto de vista pessoal mas o de um significativo grupo da opinião pública.

Está em curso uma série de sondagens àcerca de alguns dos principais problemas da nossa vida pública. Um questionário (trinta pontos correspondendo a: — «*motivações de base*»; «*aspirações relativas à representação parlamentar*»; «*problemas de políticas sectoriais*» —) vai ser enviado, dentro de dias, a uma amostra representativa da população activa da Metrópole. A amostra é de dois por mil da população e abrange grupos etários e grupos socio-profissionais representados proporcionalmente.

Esperamos, lá para Outubro, poder apresentar os resultados desta sondagem. Mas, entretanto, o grupo de técnicos que está a organizar estes trabalhos, realizou já uma primeira tarefa, diria, um «treino» para o serviço que lhe está cometido. Reuniram, no passado dia 9 de Junho, aqui em Lisboa, representantes das Comissões Distritais da «União Nacional» dos 22 Distritos da Metrópole. Tinha-lhes sido pedido e todos apresentaram relatórios acerca dos principais problemas regionais, locais e reflexos de problemas nacionais nos respectivos distritos.

Esses relatórios foram examinados pelo grupo técnico que trabalha na «União Nacional», classificados por grupos os variadissimos assuntos neles focados e a cada grupo atribuída uma pontuação conforme a frequência por que apareceram nas exposições dos dirigentes distritais, que na grande maioria, haviam ouvido os concelhios. Pois, o resultado foi o seguinte: — «*Política da Educação e Juventude*» (15); «*Política agro-pecuária*» (14); «*Política das Comunicações e Transportes*» (12); «*Política financeira — crédito e fisco*» (11); «*Movimentos da população — emigração*» (10); «*Vida política em geral*» (10); «*Organização corporativa*» (10); «*Política económica em geral*» (9); «*Trabalho, emprego, problemas de mão-de-obra*» (8); «*Política de Obras Públicas — melhoramentos rurais*» (7); «*Reforma administrativa — situação dos funcionários públicos*» (7); «*Política da saúde e assistência* (7); «*Política do fomento e da reorganização das indústrias*» (6); «*Política da previdência social*» (6); «*Habitação e problemas de urbanismo*» (5); «*Preços e custo de vida*» (4); «*Turismo*» (2); «*Desporto e tempos livres*» (1).

(De anotar que, na atribuição da pontuação, não foi ponderada a população relativa de cada Distrito).

Quando dispusermos dos resultados da sondagem que, como dizia, está em curso, muito mais ampla, dirigida a uma amostra seleccionada sem qualquer referência a posições políticas, veremos melhor quais os problemas que mais interessam a opinião pública. (Prevenindo razoáveis críticas, esclarecerei que a «União Nacional» só organizou ela própria a sondagem — embora por meio de um grupo técnico — por não haver ainda, entre nós, organizações para prospecção da opinião politica e ter-se revelado não só dispendiosíssimo mas também muito moroso o recurso a organizações estrangeiras).

Entretanto, no «ensaio» realizado, face ao resultado — Problema número um «*Educação e Juventude*» — não se pode dizer que não sejam prospectivas as preocupações dominantes dos dirigentes distritais e concelhios da «União Nacional».

A minha opinião pessoal? O esforço que estamos a fazer — tenho a impressão de que, pela primeira vez, entre nós — para conhecer, de modo objectivo, a opinião pública, como preparação de acções de participação política, não me dispensará, agora, de adiantar as minhas próprias opiniões? Claro que as tenho. Há até quem me acuse de expender opiniões a mais para quem tem de servir — acompanhando o que desejamos muitos bons portugueses — uma política de «*Continuidade e de Evolução*».

Uma opinião pessoal, em todo o caso, não deixo de adiantar. A de que me agradaram muitíssimo as duas conclusões anteriores: problema número um *Educação;* segunda conclusão, dirigentes políticos, da banda de onde alguns poderiam esperar passadismo, têm as vistas postas na construção do futuro.

Dr. Mário Soares

As guerras no Ultramar condicionam todas as opções básicas

Para mim, o principal problema da vida portuguesa é o da liberdade. Quero eu dizer: da institucionalização, em Portugal, de formas de convívio político entre cidadãos que pensam de maneiras diversas, de modo a que as diferentes correntes ideológicas e políticas que compõem o agregado nacional, sem quaisquer discriminações, se possam livremente exprimir e organizar, como é de uso nas sociedades abertas de tipo democrático.

Quando digo que o principal problema da sociedade portuguesa é este não quero aludir apenas às chamadas liberdades políticas (liberdade contra o medo, de Imprensa, de reunião, de associação, de participação na vida pública, a todos os níveis) mas também à liberdade sindical, isto é: ao direito a que os cidadãos de determinado ramo profissional se associem livremente em organismos específicos para a defesa dos seus interesses de classe, podendo vir ou não a congregar-se em grandes confederações sindicais

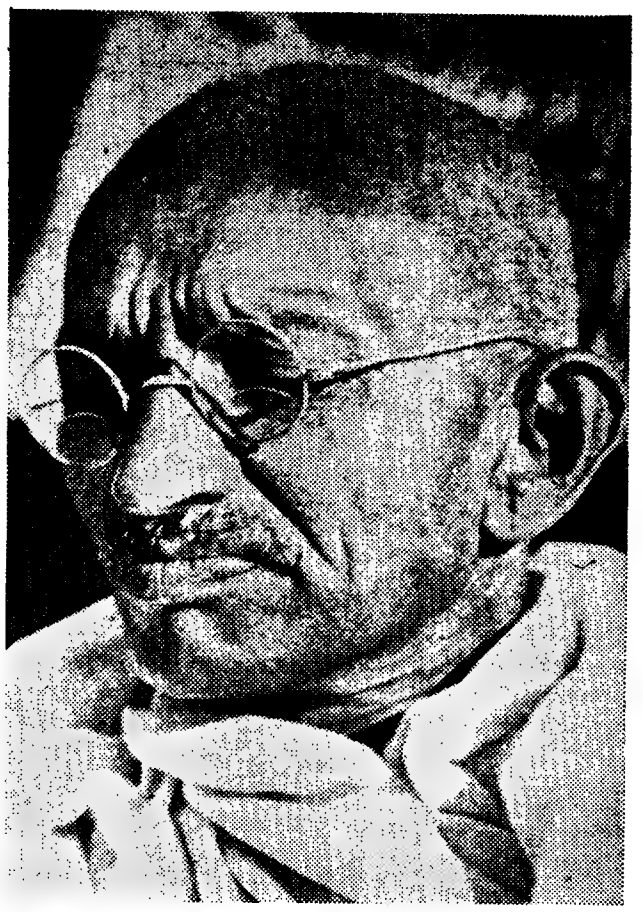
(Por outro lado, não quero com isto dizer que o problema da liberdade seja mais importante — na hierarquia dos valores e das necessidades sociais — do que as exigências do pão, para todos, e a reivindicação de padrões de vida dignas e *europeus* nos domínios fundamentais da educação, da assistência da previdência e seguros sociais, do trabalho, da repartição do rendimento e da organização da propriedade. Pretendo tão só significar que a liberdade se me afigura como *prioritária*, ou melhor dito: um *instrumento necessário*, embora não suficiente, para a realização de uma política sèriamente concebida e executada de desenvolvimento económico acelerado. Mais: que uma tal política — que deverá ser a aspiração máxima e a meta a atingir pela colectividade nacional na próxima década — *postula* a liberdade como pressuposto básico essencial, isto é: a livre crítica e a discussão e debate livres, numa palavra, a existência do pluralismo democrático.

Eu sei que a planificação autoritária, feita através da forçada mobilização das massas populares, numa dada conjuntura revolucionária, tem produzido, historicamente, resultados incontestáveis, especialmente em países nitidamente subdesenvolvidos. E que, por outro lado, o diálogo, no âmbito das regras tradicionais da democracia política, é, muitas vezes, moroso e implica atrasos e dificuldades inevitáveis. Porém, tem também vantagens e virtualidades iniludíveis. De resto, relativamente à sociedade portuguesa em concreto — e no contexto da Europa dos anos 70, em que nos situamos — quero bem crer que não há outro caminho mais *viável* nem que possa poupar ao Povo Português tantos sacrifícios.

Na pergunta formulada deixa-se de fóra, intencionalmente, o problema das guerras no Ultramar, o qual condiciona, como é evidente, todas as opções básicas da vida portuguesa e até a própria *imagem* que cada um de nós tem do que seja — ou deva ser — Portugal. Mas mesmo nesse campo, tão decisivo e fundamental para a elaboração no nosso destino colectivo, me atrevo a sustentar que se coloca, *determinante*, um problema prévio de liberdade.

Gandhi nasceu há 100 anos

A. VILLAVERDE CABRAL



«A luz extinguiu-se das nossas vidas e a escuridão reina por toda a parte. Queria dirigir-vos algumas palavras mas não sei o que dizer nem como dizê-lo. Sei apenas que o nosso amado chefe, Bapu, como costumávamos chamar-lhe, já não existe. Talvez me engane ao afirmar tal, mas a verdade é que nunca mais o veremos como o víamos ao longo destes anos todos. Nunca mais correremos para ele a pedir-lhe conselho e conforto, e não serei eu o único afectado, mas milhões de seres irão sentir a sua falta.

«A luz extinguiu-se, disse eu, e todavia enganei-me. É que a luz que brilhava neste país não era uma luz vulgar. A luz que nos iluminou durante todos estes anos continuará a iluminar-nos por muitos mais e, passados mil anos, essa luz poderá ainda ser vista por todos os indianos, o mundo inteiro vê-la-á e inumeras almas encontrarão nela o conforto ansiado. Porque essa luz encarnou a verdade viva e o homem eterno esteve junto de nós com a sua eterna verdade, indicando-nos o bom caminho, livrando-nos do erro, conduzindo este país á liberdade.

«Tudo isto aconteceu. Mas há muito ainda a fazer. Ele tinha ainda tanto que fazer! Nunca poderemos pensar que já deixara de ser necessário ou que já completara a sua tarefa, mas neste momento, quando deparamos com tantas dificuldades, a sua ausência é um golpe ainda mais difícil de suportar.

«Um louco pôs termo á sua existência...»

Foi com estas palavras que Jawaharal Nehru anunciou ao povo indiano e ao mundo a morte de Mohandas Karamchand Gandhi, o Mahatma, no dia 30 de Janeiro de 1948, uma sexta-feira.

Nesse dia morreu, talvez, o ultimo grande idealista da Liberdade, da não violência, da renuncia. Depois dele, ninguém conseguiu atingir a grandeza quase absurda deste indiano magro, calvo e de óculos de aros redondos pendurados no grande nariz.

Passados 21 anos sobre a sua morte e no ano em que Gandhi faria 100 anos, precisamente no dia 2 de Outubro, as palavras de Nehru aparecem-nos bastante desactualizadas. O exemplo do Mahatma perdeu-se por completo. As lutas do terceiro mundo não podem mais ser conduzidas por ascetas. A política da renuncia, da pura desobediência civil pacifica já não pode levar os povos á verdadeira independência. Isto se é que, na verdade, alguma vez os levou. Poderá até perguntar-se se a India, caso tivesse sido governada por homens como Gandhi, não estaria em situação bem pior á que se encontra hoje.

Mas o Mahatma foi um homem que entrou na História, que conduziu, de facto, á independência política o segundo maior país do mundo.

Gandhi não era um político, nem um grande administrador, nem um homem muito culto ou que arengasse bem ás multidões. Não, a sua força vinha-lhe da sua enorme estatutra moral e da sua extraordinária capacidade de agir.

A evolução de Gandhi foi lenta.

Nascido numa familia de administradores, o jovem Mohandas pertencia a uma casta classificada em terceiro lugar na hierarquia indiana — a casta «Vaisya». Acima dos «Vaisya» estão os «Bramanes», no topo, e os «Kshatriyas», os soldados e governadores. Pouco abaixo dos «Vaisyas», que na origem eram comerciantes ou agricultores, surgem os «Sudras», os trabalhadores. Mohandas era o mais novo dos filhos de Karamchand Ghandi, primeiro-ministro do minusculo estado de Porbandar, na península de Kathiawar.

Começou os estudos na India e formou-se em Direito em Londres. Aí tornou-se vegetariano convicto. O hábito que criara por educação foi depois substituido por uma convicção.

De Londres, onde se recusou a receber o jovem Charlie Chaplin por se tratar de um «cómico», Gandhi regressou á India e começou imediatamente a exercer advocacia em Bombaim. O seu êxito foi tão grande que o convidaram para ir para a África do Sul.

Foi aí que o Mahatma, que em sânscrito quer dizer grande alma, descobriu a sua vocação. Indignado com a segregação a que estavam sujeitos os asiáticos (o «apartheid» só mais tarde se oficializou, mas já existia naquela altura), organizou o seu primeiro movimento de resistência não violenta. O movimento triunfou e os indianos, chineses e japoneses da Africa do Sul viram-se novamente de posse das suas regalias de imigrantes. O Governo não se deixou bater às primeiras. Reagiu e prendeu Gandhi três vezes, assim como milhares de asiáticos. Porém, tal como iria acontecer na India, o movimento não parou.

Ao regressar ao seu país o jovem advogado tomou, pela primeira vez conhecimento de um movimento de emancipação politica, chefiado pelo Congresso Nacional Indiano. Gandhi defendeu nessa altura em plena primeira guerra mundial

(Continua na pág. 10)

FRIGORÍFICOS
FIDES
·Interior em esmalte
·Congelador a toda a largura
FRIGORÍFICOS DE QUALIDADE EXTRA NAS MELHORES CONDIÇÕES DE AQUISIÇÃO EM:
ELECTRODOMÉSTICOS
LUSALVA
R. Andrade Corvo, 4-A-Tel. 58884
VISITE-NOS: FICARÁ CLIENTE E AMIGO.

BOMBAS ELÉCTRICAS SUBMERSÍVEIS
WEDA
O MÁXIMO EM TÉCNICA DE DRENAGEM

As bombas eléctricas submersíveis WEDA são fruto da técnica mais avançada no domínio da drenagem na construção e em muitos outros trabalhos de engenharia civil, minas, hidro-eléctricas e na indústria em geral. De extrema resistência e grande potencial, podem ser adquiridas em 6 tamanhos diferentes com capacidades que vão dos 375 aos 5600 lts/min. Possuem vários tipos de impulsionadores que permitem uma óptima aplicação nas mais diversas operações de drenagem e uma bóia de controle incorporada no corpo da bomba, de forma a reduzir ainda mais os respectivos custos operacionais. Para mais informações sobre as bombas WEDA contacte com qualquer das delegações Atlas Copco.

Lisboa (Linda-a-Velha) • **Porto** • **Vila Viçosa**

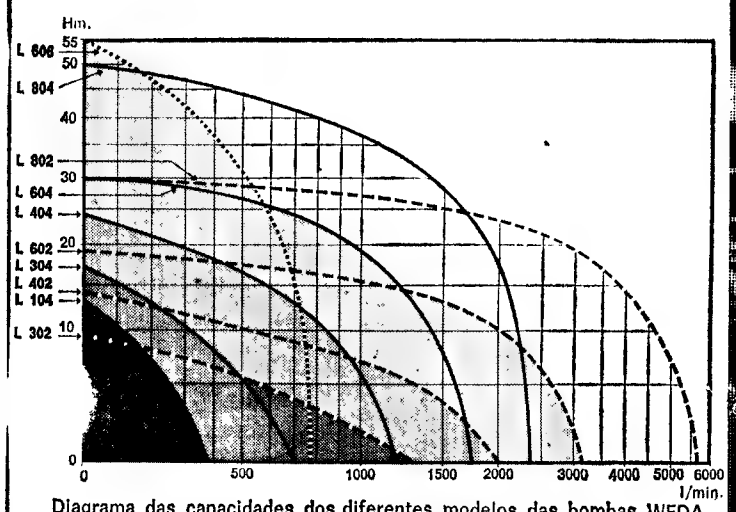
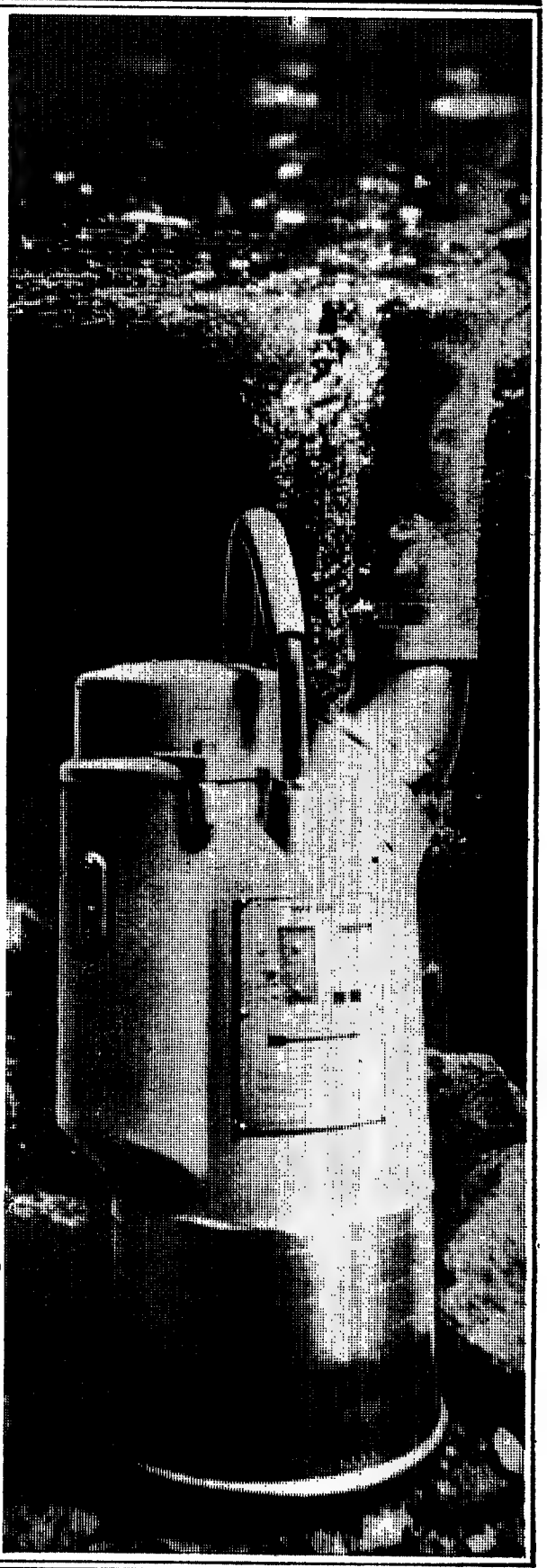


Diagrama das capacidades dos diferentes modelos das bombas WEDA

Representação da Sociedade Atlas Copco de Portugal, LDA.

Atlas Copco

CIESA-NCK-ADAPT



Reflexos da desvalorização do franco

As remessas de emigrantes têm tido um papel importante na economia portuguesa, durante esta década. A balança de pagamentos, em nome da «economia nacional», reflecte-o. Em «transferências provenientes do estrangeiro» observava-se, em 1965, 3 4 milhões de contos, em 1966, 4,8 milhões de contos, em 1967, 6,3 milhões de contos e, em 1968, 7.9 milhões de contos. Em 1968, passou a ser o mais importante saldo da balança de pagamentos, um vez que o turismo baixou de 7.4 para 5.8 milhões de contos, entre 1967 e 1968.

Em termos de população portuguesa, sobretudo nos meios rurais, importa referir que essa rubrica da economia pública se traduz em vultosos meios de pagamentos à disposição dessas populações.

Anotamos estas observações para referir a desvalorização do franco e as repressões que imutàvelmente terá para a «economia nacional» e as «populações rurais».

Parcela importante dessas transferências tem vido de França. Se nada se alterar no ritmo da actividade económica francesa, o que será difícil dados os efeitos depressivos-naturais e provocados de uma desvalorização, e se, portanto, as remessas a contabilizar para 1969 não sofrerem amputação em francos, valerão, a partir da medida Giscard d'Estaing-Chabam-Delmas-Pompidou, menos 12,5% em escudos.

E os turistas? Em cada oito dias, os franceses cortarão um dia de férias no estrangeiro.

S. R.

Debilidade

O ano de 1969 iniciou-se com uma situação de debilidade do franco.

É claro que, em Dezembro de 1968 a França podia dispor ainda, aparentemente, de uma reserva não negligenciável de ouro e divisas estrangeiras convertíveis.

(...) Um facto excepcional é suficiente para revelar essa incerteza no que se refere ao futuro da moeda: no decurso do primeiro trimestre de 1969, os levantamentos das «caixas de poupança» foram mais importantes que os novos depósitos, os levantamentos afectaram particularmente as cadernetas ordinárias que são as da clientela. Até então, um tal fenómeno só se tinha verificado em período de guerra ou de muito graves dificuldades económicas e sociais, o que não era o caso do início de 1969. Nesta altura limitava-se a ser um reflexo de profundas inquietações sobre o futuro do poder de compra do franco que, uma vez mais, era considerado uma moeda doente com incertos amanhãs.

(...) Verifica-se que a evasão de capitais, em 1938, custou à França, em divisas, pelo menos *nove vezes mais* que o conjunto do *deficit* das operações com o exterior relativas a bens e serviços, e turismo: 12,4 milhares de milhões de francos em exportações de capitais contra 1.4 milhares de milhões de *deficit* em bens, serviços e turismo.

Vê-se que o agravamento do *deficit* da balança de pagamentos derivado dos movimentos de capitais a curto prazo ou líquidos, em relação a 1967, foi de 14.8 milhares de milhões, e só foi de 1.8 milhares de milhões, de um ano para o outro, em relação às operações sobre bens serviços e turismo.

(...) A evasão de capitais em grande escala, que está na origem das graves dificuldades do franco em 1968/69 é devida, no essencial, aos mais poderosos capitalistas franceses, por intermédio dos grandes bancos.

(De um artigo de Jacques Kahn, *«L'évasion des capitaux en 1968*, publicado em Économie et Politique, de Julho de 1969).

Regresso da França ao redil internacional

(Continuação da página 1)

Europa dos Seis, sobre a libra esterlina?

Limitemo-nos, por agora, a frisar o carácter incompatível das políticas praticadas nos diferentes países, numa altura em que não se fala senão de concerto internacional. Mas nenhum concerto a seis, sete ou dez poderá

Pompidou — Equilíbrio?

vir a alterar em nada a desordem reinante, quando a França, a Grã-Bretanha e alguns outros países põem as suas esperanças, não exactamente na restauração de um equilíbrio interno duradoiro, mas antes numa espécie de corrida contra o tempo.

O regresso ao equilíbrio para a França, por exemplo só seria possível se as importações francesas, superiores em cerca de um quarto às do ano passado, diminuíssem. Como o Governo, no entanto, teima em confundir crescimento com inflação, continua a felicitar-se pelo alto grau de actividade da indústria e conta com a desvalorização para melhorar a competividade da indústria francesa, e aumentar, do mesmo passo, as exportações. Mas num mundo onde em todos os países industriais (com excepção da Alemanha e da Suíça) os preços sobem, pelo menos, 5 a 6% por ano, a competividade já não tem qualquer sentido.

OS VASOS COMUNICANTES

Se o desenvolvimento das indústrias francesas de exportação continua a ser financiado por meios inflacionistas, não haverá regresso ao equilíbrio mas perpetuação do «deficit». A França, como a Grã-Bretanha, procura a salvação na expansão das vendas no estrangeiro, mas as vendas forçadas de uns são as compras excessivas de outros

Todos os meses, os técnicos e os operadores dos mercados de câmbios olharão, com uma atenção, ainda mais rígida que no passado, os números da balança comercial da França, da Grã-Bretanha, dos E. U. A. sem se aperceberem muito bem de que, quando se regista uma melhoria aqui, ela se traduz, quase inevitàvelmente, numa deterioração ali. Mas, dir-se-á, o grande problema é o de operar uma transferência entre, de um lado, a Alemanha excedentária, e, de outra, o grupo dos países deficitários. Contudo, os enormes excedentes comerciais alemães não são mais que a contrapartida do excessivo crescimento das importações inglesas, francesas, americanas, etc. E assim voltamos ao problema anterior.

Numa palavra, não se vê como a desvalorização francesa poderia ser um factor de regresso à calma, salvo se for acompanhada de medidas enérgicas de restauro, o que só dentro de semanas poderá ser determinado. Nas circunstâncias actuais, o único acto de solidariedade internacional que um país pode praticar é o de restaurar o equilíbrio dos seus assuntos internos.

Entretanto, a decisão de desvalorizar consagra definitivamene o regresso da França ao redil internacional. De há um ano para cá que a França tem vindo constantemente a recorrer às facilidades de crédito a curto prazo que lhe foram concedidas pelos bancos centrais estrangeiros, sobretudo pelos dos E. U. A., e da Alemanha Federal. Fortemente endividada (em, pelo menos, bilião e meio de dólares), a França precisa agora, mais do que nunca, da boa vontade dos parceiros, porque deve fazê-los aceitar as consequências (prejudiciais para eles) da desvalorização do franco.

Esta boa vontade não lhe faltará, como o atestam as primeiras reacções chegadas de Washington, Bonn, etc. A questão a pôr-se, a partir de agora, nas negociações internacionais será a de saber em que campo alinha verdadeiramente a França.

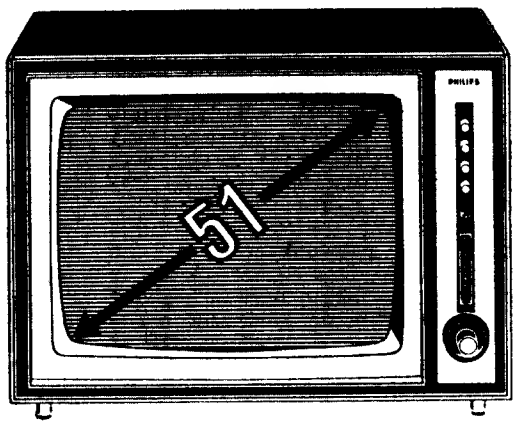
Tomemos o exemplo da próxima abertura dos direitos de tiragem especiais. A França irá continuar a alinhar no jogo «europeu» que consiste em limitar ao máximo o apetite dos ingleses e dos americanos, desejosos de aumentar, por todos os meios, as disponibilidades líquidas? Ou então, pelo contrário, a França, país devedor, irá aproximar-se, cada vez mais, de

Delmas — Confusão

Londres e de Washington para tirar o máximo partido possível da «rica» Alemanha? Uma primeira indicação poderá ser dada em fins de Setembro, por altura da assembleia-geral do Fundo Monetário, assembleia geral que, dadas as circunstâncias, fará, talvez, as vezes dessa conferência monetária internacional, cuja ideia é cara a alguns.

Contudo, o que agora se passou na França ilustra, mais que nunca, esta verdade: a própria expressão «sistema monetário internacional» é capaz de fazer perder o raciocínio, levando a crer que bastaria uma reforma (que de resto, não se sabe qual seria) para repôr o mundo no seu devido lugar. A verdade é que a salvaguarda da liberdade dos pagamentos internacionais, que é a verdadeira parada, só é possível, se os diferentes países, que, no seu conjunto, formam o sistema, praticar em casa, políticas internas equilibradas, sem tentar atirar para cima da comunidade internacional (como necessàriamente acontece de cada vez que se produz uma desvalorização) as consequências das suas desordens internas.

51 cm.
nova medida de imagem nos tele-receptores
PHILIPS
MODELOS 20T641/681 E 20T644/684



Philips, famosa no campo da electrónica pela constante aplicação industrial dos resultados obtidos nos seus laboratórios de investigação científica, apresenta mais uma inovação técnica: Tele-receptores com cinescópio de 51 cm. de "écran", quase rectangular, portanto, com maior superfície de imagem do que os antigos aparelhos de 48 cm (19").

PHILIPS
COMANDA O PROGRESSO

A profissão de futeboli

A PROFISSÃO DE FUTEBOLISTA é um assunto que está na ordem do dia. Que se passa efectivamente no mundo agitado do futebol profissional? Que interesses se contrapõem e colidem? Que regras sociais se atropelam na coexistência jogadores-clubes?

O «Diário de Lisboa» juntou, em mesa-redonda, um grupo de homens que conhecem os bastidores do «jogo das multidões»:

ACÁCIO ROSA — dirigente de um clube (Belenenses); COSTA PEREIRA — antigo jogador profissional, agora treinador; DR. JORGE SAMPAIO — advogado, interveniente em processos entre jogadores e clubes; PROF. JOSÉ ESTEVES — professor de educação física e estudioso do fenómeno desportivo; SEVERIANO CORREIA — treinador português que trabalha actualmente no estrangeiro (Grécia); TONY — jogador profissional (Benfica); e VÍTOR SANTOS — chefe de redacção do jornal desportivo «A Bola».

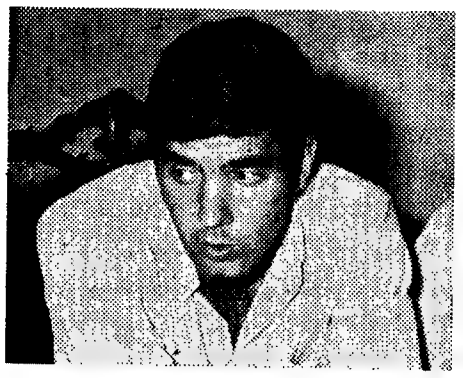
Como moderador esteve MÁRIO ZAMBUJAL, chefe da secção desportiva do «Diário de Lisboa».

MODERADOR — Há alguns pontos que me parece não podermos ignorar na nossa conversa, sem prejuízo de outros que no decorrer dela venham a ser abordados. Esses pontos são: o problema da opção do clube sobre o jogador o que não se verifica em qualquer outra actividade, relativamente à empresa e aos seus contratados; os ganhos dos jogadores, atendendo-se ao facto de, nalguns casos, serem esses ganhos superiores aos que se auferem na maioria de outras profissões; a curta vida profissional de um futebolista; os riscos de incapacidade e a inexistência de qualquer espécie de previdência ou de seguro social; os direitos dos clubes sobre os futebolistas; os exageros que se possam ter cometido ou que se cometam nesse aspecto, e as dificuldades dos clubes perante o fu
fis

Penso que nesta conversa sobre futebolistas não será errado dar a palavra primeiramente a um futebolista: Tony. O que pensa da sua profissão, das vantagens que ela proporciona e das desvantagens que lhe são inerentes?

TONY — A profissão de um futebolista é dura. Dura e curta, porque nós só conseguimos jogar à bola durante dez, doze anos. Se durante esse período
os proventos neces-
desafogada,
teremos toda a nossa vida restante comprometida. Os jogadores dos grand
que pagam melhor, habituam-se a um nível de vida determinado. Se de repente esse nível de vida se torna impossível, pode muito bem acontecer um descalabro, com os problemas familiares que daí decorrem, para aqueles que tenham constituído lar, problemas que podem ir até ao desentendimento. Isso só acontecerá se se for capaz, durante o período em que se ganha dinheiro, de assegurar o futuro.

Mas a vida de futebolista tem outros inconvenientes: sou um jovem, e no entanto, com o rigor do profissionalismo, perco a minha juventude, uma juventude mais alegre, mais própria da que vivem os rapazes da minha



TONY: «Uma vida dura»

idade. Estou sujeito a estágios, privado de muita coisa, alheado do tipo de vida dos jovens da minha geração.

MODERADOR — Pode o sr. Acácio Rosa, na sua qualidade de dirigente de um clube desportivo, definir a situação dos clubes perante os problemas relativos à situação do jogador, levantados aqui por Tony?

ACÁCIO ROSA — Tenho a impressão de que deve existir um meio termo ao apreciar-se bem o que é a profissão de futebolista. Todos nós sabemos que

ACÁCIO ROSA: «O problema reside na estrutura»

futebolista tem dez, doze anos de profissão. Também sabemos que nesses dez doze anos o profissional económico poderá amealhar o suficiente para ter, depois de terminar a sua carreira de futebolista, à vontade, vinte anos de economias. E como abandona o futebol ainda novo, ele está absolutamente apto a exercer uma determinada actividade.

O que me parece é que há uma ambição ilimitada. E nós sabemos perfeitamente que, por vezes, não é por se estar melhor pago que se tem melhor nível de vida. Este é que é o grande problema. Infelizmente o jogador de futebol — com raras excepções — é recrutado em níveis que não lhe proporcionaram a capacidade necessária para retirar vantagens materiais da profissão.

Dentro do nível de vida português, quando hoje se tem um vencimento e quatro, cinco mil escudos, todos reputamos um excelente vencimento. Ora um futebolista ganha, em média, o dobro e o triplo desta importância.

Afigura-se-me que há, urgentemente, que rever toda esta estrutura desportiva. Ela é que assenta sobre um fundo inteiramente falso: estamos ligados a um regulamento e relações entre clubes e jogadores que eu considero desumano, anti-social e flagrantemente injusto. Através deste regulamento, a ambição o jogador é desmedida, o direito do clube é infinito. Entendo que a profissão de futebolista devia ser enquadrada nos seus direitos e deveres — direitos que não subjuguem ao clube nem deveres que ultrapassem a capacidade da própria entidade patronal.

A TRIBUTAÇÃO FISCAL DOS CLUBES

Todos sabemos que as empresas para darem melhores benefícios aos seus funcionários têm de ter administrações equilibradas e prósperas. Infelizmente, no nosso País, não há ainda uma mentalidade que permita enquadrar bem a actividade desportiva. Considera-se esta actividade em piores circunstâncias que a comercial ou industrial. Sabemos, por exemplo, que a actividade comercial e industrial só está sujeita a impostos através dos seus lucros. Sabemos que se dá a possibilidade de parte desses lucros poderem ser aplicados no desenvolvimento das próprias empresas. Sabemos da existência de isenções fiscais para o progresso das empresas. Vamos para a organização desportiva: o nosso código fiscal ignora a actividade desportiva, considera-a obrigada a encargos, mesmo sob regime deficitário. A organização dá prejuízo, mas o Estado cobra o seu imposto, o que está perfeitamente em desacordo com todas as outras actividades.

Se houvesse possibilidade de encontrar por parte da Administração uma ideia de maior objectividade na função do desporto, estou certo que os clubes encontrariam só nessa observação um outro caminho na sua economia privada.

Sabemos que os encargos incidem sobre venda de bilhetes e não sobre o resultado das organizações.

Entendo que há que definir o problema das relações entre clube e jogador especialmente neste ponto: a proposta do jogador, a contra-proposta do clube, e o clube continuar com todo o absolutismo sobre o jogador. Discordo inteiramente. Estamos num século que não permite uma situação desta natureza. E como dirigente não concordo também com os ordenados auferidos pelos jogadores. Penso que deveria definir-se um ordenado mínimo e um ordenado máximo para o jogador profissional e, depois, o problema das «luvas». Como? Encontrando um número justo, para que não haja casos como os de jogadores que nos seus clubes são amadores e que, para se vincularem exigem centenas de contos.

Defendo como princípio: o jogador terminou o seu contrato; está no plenissimo direito de pedir as suas «luvas». O clube está no plenissimo direito de fazer as suas contas e verificar quanto pode dar de «luvas». Há desacordo: os regulamentos têm de descobrir uma maneira de decidir. Quanto a mim, a maneira de resolver o problema seria uma forma de avaliar o valor real da carta do jogador. Um exemplo: no meu clube um jogador tem, em média, 80 mil escudos de luvas e quatro contos de vencimento. São, portanto, 108 contos anuais. Multiplique-se por três épocas. O valor do contrato seria, portanto, de 324 contos. Suponhamos que o jogador queria 400 ou 500 contos, e o clube só lhe dá os 324. Como deveria o problema ser resolvido? A carta desse jogador seria avaliada em 324 contos. O jogador passaria automàticamente ao clube que lhe entregasse os 324 contos, e esta colectividade daria ao jogador o valor que entendesse ele merecer de «luvas».

Antes de definir, porém, os direitos e deveres de jogadores e clubes, há que assentar no que é um jogador de futebol profissional. Pela legislação, é ganhar 1200$00. Isto é ridículo. Por outro lado, em muitos clubes, a receita da actividade desportiva e a quotização não chegam, nem de longe, para fazer face aos encargos do profissionalismo.

CONTRA O PROFISSIONALISMO EXCESSIVO

No meu clube havia, em 1966-67, quarenta profissionais, com uma média de vencimentos de sessenta contos. Hoje há vinte e um profissionais, com uma média de 108 contos. Houve, portanto, um aumento de 70 por cento nos vencimentos, em dois anos. Isto só é possível tendo cada vez menos profissionais. Cada vez se torna necessário desviar em menor número o jogador de futebol para a profissão de futebolista. E hoje todo o junior, todo o juvenil, deixa de preocupar-se com o seu futuro, porque pensa que passa a ser um «astro», a ter um automóvel, a ter um óptimo nível de vida.

Hoje, em Portugal, os clubes vivem de mecenas, de subscrições, de donativos. Tudo isto para que possa profissionalizar-se o futebol, como já vai acontecendo até na III Divisão. Está tudo errado.

E pode falar-se de outros factores: o desporto está a servir o Totobola, em vez de ser o Totobola a servir o desporto.

Em contrapartida, vivemos ainda sem iniciação desportiva, sem escolas, sem o auxílio aos clubes modestos. É isto o nosso desporto, infelizmente.

Quanto aos dirigentes, também aqui se põem problemas. As pessoas que dirigem o nosso futebol são quase sempre escolhidas devido á sua posição social. Assim, umas não têm tempo nenhum; outras nunca viveram nenhum problema de futebol, e não estão, por isso, habilitadas. Assim vamos continuando, assim vamos assistindo a estas legislações feitas sobre o joelho. E os clubes continuam a viver do eterno idealismo e da dedicação do seu associado.

MODERADOR — O sr. Acácio Rosa denunciou a actual legislação desportiva de que disse serem vítimas não só os jogadores mas também os clubes. O que pensa o prof. José Esteves sobre este assunto?

OS ÍDOLOS ANTIPÁTICOS

JOSÉ ESTEVES — No capítulo das relações dos clubes e jogadores profissionais, o que mais me impressiona é a dependência, a quase escravatura destes, em relação àqueles. Várias vezes tenho assinalado este curioso paradoxo: os idolatrados jogadores do futebol profissional são, como trabalhadores, ditos privilegiados, os mais impopulares de todos os países em que domina, desportivamente, aquela modalidade. Na Europa e na América Latina, em que o futebol e os seus «astros» são motivo de verdadeira paixão e de grande prestígio nacional, a admiração em que são tidos, como praticantes, fàcilmente se transforma em antipatia violenta, em casos de conflitos de trabalho... Quer da parte dos próprios aficionados, como dos detractores do espectáculo desportivo...

Esse traço comum verifica-se, ainda, na diferenciada perspectiva dos sistemas sociopolíticos: a impopularidade profissional tanto se regista nos países capitalistas de qualquer tipo ou nível de desenvolvimento económico, como naqueles de governação socialista-democrática ou trabalhista, como ainda nos próprios países comunistas... Para não falar, já, do horror e anáte-

JOSÉ ESTEVES: «A quase escravatura»

mas dos «puristas» do Movimento Olímpico...

Essa antipatia formula-se, por via de regra, na «imoralidade» dum praticante da modalidade tirar partido económico especial, pelo simples facto de «dar uns pontapés na bola»! Vezes sem conta, ao ouvir semelhante argumentação, eu costumo lembrar estes factos elementares: se os jogadores é que fazem o espectáculo, e se nas bilheteiras caem milhares e milhares de contos, porque não hão-de os artistas sacar os benefícios monetários correspondentes ás suas habilidades, como, aliás, sucede com os artistas dos outros espectáculos?

Para me confundirem, os que se me opõem fazem comparações neste género: «O senhor acha bem que o Eusébio ganhe mais, num ano, que um professor de Educação Física, com todo o seu trabalho educativo, em trinta ou quarenta anos de actividade?» Quando tal oiço, limito-me, também, a fazer outras perguntas, como estas, por exemplo: «E porque motivo uma rapariga inglesa, que venceu um «campeonato» europeu de canções ligeiras — e tem, por isso, tanto valor artístico internacional como o Eusébio — ganhou mais, nesse ano do seu êxito de palco, do que o jogador do Benfica nunca receberá em toda a sua forçosamente curta vida desportiva, e com menos riscos e obrigações? E porque há pessoas que só pelo facto de servirem de intermediários na compra e venda de bens, sem nada lhes acrescentarem de valor, enriquecem com o respeito e a consideração que sabemos? E porque outras, ainda, só pelo facto de terem ascendentes, ricos, são milionários sem qualquer esforço pessoal?»

...olista

Na realidade, se há problemas estruturais a resolver, na sociedade em que vivemos, é um bocado forte levantarem com tanta simplicidade, o problema das remunerações dos homens que arrastam as multidões aos estádios e levam tantos milhões de espectadores a acompanhar os jogos pela Televisão.

Claro que é toda esta falsa argumentação que impede os Governos de todos os países onde há federações de futebol, a intervirem da única maneira possível, a de fazerem integrar, nas suas leis gerais do trabalho a «clandestina», desumana e antidesportiva legislação correspondente ás transferências dos jogadores. E é por isso que, na libérrima Suécia a Federação respectiva proíbe — e porquê? — o profissionalismo integral, e nos países comunistas (com excepção da Jugoslávia), os benefícios são limitados, oficialmente; e na sindicalista Grã-Bretanha os contratos impostos pelos patrões que são os clubes estabelecem ordenados máximos, e de tal modo que, ainda há poucos dias, o Manchester United foi multado por ter pago aos seus atletas mais do que se encontra estabelecido; e na vizinha Espanha a Federação continua a proibir a organização do Sindicato dos Jogadores conforme circunstanciada notícia publicada no «Diário de Lisboa» no dia 28 do passado mês de Maio...

Para terminar esta minha primeira, ou simples intervenção, quero recordar a realização, ainda há poucos anos, dum colóquio internacional universitário, entre especialistas europeus do Trabalho, efectuado na Universidade da Lovaina (Bélgica) e promovido pelo prof. dr. Roger Blangain. Pois como não podia deixar de ser, as conclusões da reunião foram categóricas sobre as «leis» da F. I. F. A. e suas filiadas, que são perfeitamente ilegais e juridicamente nulas, por se oporem à generalidade dos princípios constitucionais em vigor no comum dos países.

Em resumo: o professional desportivo tem de ser livre, ao fim de cada época, e ser livre, portanto, nas mesmas condições de qualquer outro trabalhador.

MODERADOR — O dr. Jorge Sampaio, na sua qualidade de advogado que já se tem debruçado sobre o problema ds relações entre os clubes e os seus jogadores, considera que a respectiva regulamentação serve igualmente ambas as partes?

UMA PROFISSÃO POR DEFINIR

JORGE SAMPAIO — Não me parece que o problema seja primordialmente de regulamento. Os regulamentos podem existir, podem ser melhores ou piores, tudo resulta daquilo que se pretende servir quando eles se fazem. O regulamento das relações entre os clubes desportivos e os jogadores de futebol não aparece por acaso, não serve determinados objectivos por acaso: insere-se, no meu entender, num determinado momento da orgânica desportiva nacional. Esse regulamento tendia a proteger fundamentalmente os clubes — mas não é esse para mim o problema essencial. O problema mais importante insere-se na linha da intervenção do prof. José Esteves, que me parece ser a mais exacta.

Pessoalmente tenho a convicção de que todas as sociedades têm necessidade dos seus divertimentos, dos seus espectáculos, das suas manifestações. Ou têm necessidade disso ou isso é criado, e aqui está o essencial, como uma necessidade que importa apresentar ao respectivo consumo. Ora bem: em Portugal, como em quase todo o mundo, o futebol aparece muito menos como uma manifestação desportiva «tout court», mas mais como um espectáculo — um espectáculo desportivo, o que é coisa bastante diferente. Com uma «nuance» extremamente grve: enquanto a maioria dos espectáculos — cinema, arte, teatro — têm ou deveria ter uma regulamentação de carácter geral que enquadra os respectivos trabalhadores, tendo em conta o seu tipo de actividade, os seus objectivos, etc., aqui procurou criar-se a profissão do futebolista esquecendo duas coisas fundamentais: uma, a de saber as possibilidades das entidades patronais (aqui não digo mais nada porque o sr. Acácio Rosa, como dirigente desportivo já disse o suficiente para nos esclarecer sobre as dificuldades dos clubes); outra, a de definir a profissão de futebolista. E por isso me parece absolutamente natural que os clubes combatam a sua exaustão financeira sacrificando os proveitos dos seus futebolistas, como me parece também natural e integrado no sistema que os futebolistas, e sabendo que têm apenas dez anos de «vida», cumpram a velha máxima «salve-se quem puder». Isto de resto sucede em todas as actividades, com uma ressalva muito importante para o futebolista, que é a deste terminar a sua vida profissional com trinta e poucos anos de idade. Portanto: deveríamos pegar no problema da regulamentação do profissional de futebol duma forma que aponto para discussão: o que é que pode ser e o que é que deve ser o espectáculo do futebol em Portugal? Em segundo lugar: o que é que deve ser e o que é que pode ser a profissão do futebolista dentro do condicionalismo do País (porque não me parece que se possa continuar a fomentar uma superestrutura idolátrica a volta do jogador de futebol, como se isso fosse a verdadeira essncia do portuguesismo; o futebolista deve ter a mesma consagração social que qualquer outro profissional).

SEGUROS SOCIAIS

Como é que se poderiam resolver os problemas do dinheiro, que me parecem aliás ser a causa fundamental da nossa vinda aqui, a propósito do contrato do Eusébio? Só uma forma me parece justa para se caminhar nesse sentido: partindo-se do princípio que a extracção do futebolista é, na maior parte dos casos, uma extracção modesta (vai-se para o futebol como os negros dos Es-

JORGE SAMPAIO: «A questão não é de regulamentos»

tados Unidos não podem fugir a certas necessidades da sociedade de abundancia e mesmo que vivam num «ghetto» têm, contudo, um frigorífico e, se puderem, têm á porta um «Cadillac», mesmo que seja comprado a prestações), o que eu vejo como necessário é que deve ser assegurado pelos clubes ou, então, supletivamente pelo Estado, uma educação real e concreta que obrigue o jogador a ter outra profissão, logo que a primeira cesse. E em segundo lugar, se isto não for possivel, a maneira de trazer as coisas á devida proporção portuguesa — muito modesta como todos sabemos — só a vejo através das criações de seguros sociais, que pudesse assegurar uma reforma ao futebolista, de modo que não fosse proporcionada através de uma «extorsão» ao clube, ou pela via da profissão de treinador, porque não me parece que todos os jogadores de futebol possam vir a ser treinadores.

Enquanto tudo isto não se fizer, parece-me que o problema central reside, como disse o sr. Acácio Rosa, na estrutura desportiva. Não me parece que possam ser os clubes — estruturas antiquadas perante realidades inteiramente diversas — a resolver os problemas do profissionalismo. Enquanto se não vir como é que é possível adequar a estrutura desportiva ás necessidades concretas, enquanto se não vir como isto se entronca muito mais no espectáculo que na verdadeira formação desportiva — que não me parece fazer-se em qualquer dos grandes estádios por aí existentes—estamos a criar uma mentalização á volta de uma realidade que é incontrolada e que não tem nada a ver com as possibilidades.

O regulamento existente é uma emanação clara de uma determinada forma de conceber o desporto profissional em Portugal, que «coisifica» o jogador de futebol, preso ainda a uma estrutura antiquada Este regulamento é, portanto, consequência de uma determinada situação. Se quisermos modificar as coordenadas em que toda a estrutura desportiva assenta, isso representará a necessidade de um grande trabalho, de uma larga discussão. E então sim, nessa altura aparecerá o regulamento que responda ás novas necessidades.

MODERADOR — Vitor Santos, como pessoa que acompanha o desporto português desde há muito, desde os tempos em que não havia profissionalismo no futebol, acha que há possibilidades de prosseguir no alargamento de profissionalismo que se observa, com futebolistas profissionais na primeira, na segunda e, agora, até na terceira divisão?

A DESUMANIZAÇÃO DO JOGADOR

VÍTOR SANTOS — A vitória do espectáculo desportivo em Portugal, como aliás em todos os países do mundo, insere-se, naturalmente, num clima sociológico e cada país terá as suas particularidades. Em Portugal evidentemente que esse espectáculo desportivo assentou numa realidade sócio-económica que algumas pessoas querem desconhecer, mas que, na verdade, constitui o extracto primeiro sobre o qual tudo foi realizado.

Ao criar a organização técnico-financeira do espectáculo desportivo, o regulamento das relações entre clubes e jogadores tem de considerar duas partes: o empresário do jogador, e o jogador, o actor do espectáculo desportivo. Num país como o nosso, cujo índice sócio-económico é bastante baixo, como todos sabemos, a macrocefalia do futebol colocou gravíssimos problemas, principalmente porque se quis enquadrar no mesmo regulamento uma série de clubes de dimensão completamente distinta. Na ideia da generalização, criou-se uma injustiça bilateral do jogador para o clube e do clube para o

VITOR SANTOS: «O jogador é o actor do espectáculo»

jogador. É muito difícil deixar de inserir o profissional de futebol em relação ao clube que esse profissional serve, se não dimensionaremos cada um desses clubes e não assentarmos esse dimensionamento no clima demográfico, sociológico, etc., do País. Tenho defendido a criação de uma liga profissional, para que os clubes que neste aspecto são análogos se distingam doutros.

O actual regulamento dá ao jogador quase a desumanização de uma «coisa». Quando se fala em «comprar um jogador» ou em «vender um jogador», como se compra ou vende um móvel, confesso que sinto ferida a minha sensibilidade. Essa desumanização vem exactamente do desencontro entre as realidades do espectáculo desportivo, ainda indefinido, e indefinível enquanto não for resolvido um problema focado pelo sr. Acácio Rosa: o da tributação fiscal do espectáculo desportivo.

Quanto aos jogadores, penso que o atavismo de um sentido de desporto ante-profissionalismo, ante-espectáculo desportivo reconhecido, é marcado em todas as relações e conduz muitas vezes os dirigentes a um tipo de esclavagismo de todo ultrapassado e que não está nada de harmonia com a época que vivemos. Chega-se ao ponto de impedir um jogador de falar, atropelando assim um direito inalienável do indivíduo. Por outro lado, penso que há um travão, que é o direito de opção. Parece-me ser esse direito o reduto do esclavagismo em relação ao jogador de futebol. Ainda admito o direito de

(Continua na página seguinte)

A profissão de futebolista

(Continuação da página anterior)

opção sobre os jogadores criados no próprio clube, que ele promoveu socialmente arrancando-os do bairro, da travessa, da província. Mas quando o direito de opção se exerce sobre um artista do espectáculo desportivo que está hoje num clube X como um actor está num teatro A ou num teatro B, parece-me injusto e contrário ás realidades sociais em que vivemos.

PROFISSIONALISMO QUE FOSSE A SELECÇÃO DOS MAIS APTOS

Em relação á ideia do ordenado máximo, posta aqui pelo sr. Acácio Rosa, queria manifestar o meu desacordo. Penso que só devia ser regulamentado o ordenado mínimo. A regulamentação de um ordenado máximo significaria um travão á ânsia de superação que vive em todos os homens.

Penso também que deveria chegar-se ao profissionalismo através de uma selecção dos mais aptos: não ser jogador de futebol quem quer ser jogador de futebol, quem o decide aos quinze ou dezasseis anos, sacrificando uma vida de utilidade social e acabando tantas vezes por tornar-se um elemento inútil. Da mesma maneira que não é de desejar que chegue a ser médico aquele a quem o pai tem dinheiro para pagar os estudos, mas aquele que é especialmente dotado para essa profissão e não para outra.

Disse-se aqui que quando um jogador de futebol termina a sua actividade ainda está a tempo de enveredar por outra profissão, de se integrar socialmente. Tenho as minhas duvidas a esse respeito. Considero que o jogador dificilmente poderá, depois de suportar as agruras da sua actividade profissional, o impacto de se encontrar perante a sociedade de mãos vazias, sem um oficio; excepção feita áqueles que têm a sorte de enveredar por um caminho de relações publicas, por exemplo, em que aproveitam a sua popularidade.

Em resumo: a dignificação da pessoa do jogador de futebol e a dignificação do empresário do jogador com essa realidade social que já ninguém consegue destruir têm que ser feitas em moldes sérios, que decorram do meio ambiente em que vivemos, a começar no Estado e a acabar em cada um de nós, de modo a que seja possivel a desejada moralização.

MODERADOR — Costa Pereira, uma pergunta: já uma vez foste multado, na tua qualidade de jogador, de futebol por fumares um cigarro? E já alguma vez multaste algum jogador, pela mesma razão, na tua qualidade de treinador?

«TODO O DIREITO DO JOGADOR É NÃO TER DIREITO ALGUM»

COSTA PEREIRA — Parece-me na realidade, que há que definir as relações entre os clubes e os jogadores na base dos direitos e dos deveres, como disse há pouco o sr. Acácio Rosa. Para

COSTA PEREIRA: «A profissionalização de juvenis é um crime social»

se ver como faz falta essa definição conto isto: um dirigente amador de um clube de jogadores profissionais mandou um dia os jogadores deitarem-se ás 8 e 30 da noite, quando o regulamento interno determinava que a hora de deitar fosse às 10 horas. O dirigente fez isto porque vinha, talvez, aborrecido com qualquer problema da sua empresa. Mas os jogadores tiveram de obedecer, porque não temos nada que nos defenda. Depois de todos estes anos de profissão — e apesar de hoje ser treinador de futebol — cheguei á conclusão de que todo o direito que o jogador tem é não ter direito nenhum. Temos um caso recente: o do Eusébio. Fez uma proposta, o clube não aceitou e fez uma contraproposta; o jogador não baixou a sua proposta e, perante o estatuto, o clube é possuidor de tal carta, o jogador nunca mais joga. Pergunto: Eusébio vai fazer o quê? Vai sustentar a sua família como?

Acerca da questão do cigarro: fui de facto, multado em 1000$00 por ter fumado um cigarro. Como treinador não proibo os jogadores de fumar. Se o fizesse eles não deixariam de fumar muito mais sem que eu visse, e a medida seria, pois, contraproducente. A função do treinador não é simplesmente disciplinar marcar estágios, proibir de fumar de comer, etc. O treinador precisa de ser, sobretudo, um educador. A preparação do jogador deve fazer-se nos juvenis. Mas não com estes já profissionalizados, para se perderem na maior parte dos casos e andarem por ai, sem saber que fazer, sem uma carreira para seguir. A profissionalização dos juvenis é um crime social.

MODERADOR — Severiano Correia, na qualidade de treinador português que está a trabalhar no estrangeiro, que diferenças encontra, no sistema de relações clube-jogador, entre o que se passa aqui e o que se passa na Grécia, país onde está a trabalhar

SEVERIANO CORREIA: contra o direito de opção

SEVERIANO CORREIA — Disse-se aqui que há diferenças em todos os países no que respeita ás relações clube-jogador. Não há dúvida. Quando recebi a primeira vez o regulamento de relações entre clubes e jogadores, constatei que não estava bem, na medida em que não concordo de forma alguma em que o jogador não fique desvinculado do clube a que pertence depois de terminado o seu contrato. Se não posso deixar de aceitar que um carpinteiro ou um serralheiro abandonem o seu patrão no dia em que o seu contrato acabou, também não posso admitir que aos jogadores este procedimento esteja vedado. Quando, recentemente, mostrei aos dirigentes do futebol grego, a seu pedido, o regulamento de relações entre clubes e jogadores, a fim de permitir um estudo para o regulamento que vai ser elaborado naquele país (onde o profissionalismo tem dois anos, tantos como a minha presença ali) obtive do director-geral dos desportos grego esta resposta: «Não serve para a Grécia, porque não é peixe nem carne».

A situação do jogador na Grécia é inteiramente diferente no que se refere a relações com os clubes. Quando há dois anos se iniciou o profissionalismo na Grécia, foi formada a primeira divisão com profissionais, e a segunda também na seguinte situação: o jogador não pode fazer um contrato com o clube nem por menos nem por mais de três anos, mas ao fim de três anos, ao mudar de clube fica absolutamente livre. Não há opção. Parece-me que assim é que está certo.

UM FUTURO ASSEGURADO... OU TALVEZ NÃO

Quanto ao problema que aqui se focou da insegurança do futuro do jogador de futebol, aí ponho um ponto de interrogação: não acho que sejam o clube ou a actividade futebolística os responsáveis pela situação que ele criou. Cito um exemplo: quando em 1928 entrei para o Benfica, comecei logo por ganhar 5$00 cada domingo, o que em 1928 era dinheiro. Sou, portanto, profissional há quarenta anos. Sempre ganhei dinheiro. Tenho tido períodos maus, como muitos jogadores e muitos treinadores. Uns souberam aproveitar melhor do que outros: não creio que seja o futebol responsável pela sua situação. Se o Matateu não aproveitou os doze anos que esteve no Belenenses o Coluna, que é a antítese deste caso, soube aproveitar o futebol para se fazer respeitar e para assegurar um futuro liberto de preocupações.

Posso dar mais exemplos: na Grécia, onde o clube primeiro classificado do campeonato arrecadou esta época 21 000 contos, o segundo 19 000, o terceiro 16 000 e o meu clube, que é um clube modesto, 11 500 contos, um jogador ganha em média, e embora os ordenados sejam por regulamento de 4000$00, cerca de 15 a 20 contos, com os prémios. Pois conheço jogadores que estão muito bem e outros que estão mal.

MODERADOR — Trata-se de saber se o futuro do jogador está ou não assegurado depois dos seus dez ou doze anos de actividade profissional. Suponho que o dr. Jorge Sampaio tem uma palavra a dizer.

JORGE SAMPAIO — Considerando que se trata de um problema social (há centenas ou milhares de pessoas que fazem do futebol a sua profissão) não me parece que possa servir de argumento a circunstância de alguns destes profissionais conseguirem preparar preventivamente o seu futuro ou arranjar uma nova vida profissional. Em primeiro lugar, não vejo como na maioria dos clubes do País, com a sucessão de estágios e exigências, se pode permitir que os jogadores estudem, mesmo em cursos nocturnos. Em segundo lugar, trata-se de uma profissão de grande desgaste nervoso, que obriga a uma tensão constante, que não permite, concerteza, nos grandes clubes uma formação extraprofissional através do estudo. Em terceiro lugar, existe o problema da ascensão social dos jogadores de futebol.

Da mesma maneira que o ensino tem de ser democratizado, para que não possam ser médicos apenas os filhos dos médicos, mas para que todos que o queiram ser o possam ser, assim no futebol o que se pretende é que sejam dadas a todas as pessoas a noção exacta do que é a transitoriedade da sua vida futebolística, o que é a transitoriedade da sua consagração popular (o público deixa de se preocupar com os jogadores quando eles estão em crise).

Haver um jogador como o Coluna, que já tem o suficiente, ainda bem. Mas isso não resolve o problema de toda a gente. Este é um problema social e só pode ser resolvido em geral.

DESPORTO É ESPECTÁCULO DESPORTIVO

JOSÉ ESTEVES — O próprio Coluna afirma, aliás, que não há nenhum jogador rico no futebol português, nenhum daqueles milionários que o Severiano Correia afirma existirem na Grécia. Mas se não há jogadores ricos, por outro lado também não há em Portugal clubes que vivam bem. Um dos argumentos que eles apresentam para justificar a prisão do jogador, depois de terminarem os respectivos contratos é o de que, afinal, as empresas gastam mais dinheiro do que recebem. Este argumento não conta por um motivo que me parece fundamental: nós temos de distinguir entre o que é o desporto e o espectáculo desportivo. Em princípio o desporto vai ser praticado pelo clube E o espectáculo em prncípio devia ser organizado por empresas comerciais com a finalidade do lucro.

Se o clube quiser conciliar a sua situação de praticante com a de empresa do espectáculo desportivo e se quiser conciliar os réditos e as despesas, esse clube tem que arranjar um «modus vivendi» muito diferente do actual. Terá profissionalismo, semiprofissionalismo ou amadorismo, de acordo com as suas possibilidades. Se vão para o profissionalismo, podem, por exemplo escolher este esquema: os jogadores serão um pequeno ordenado-base e depois os lucros finais serão distribuidos pelos jogadores. Se é um clube amador, então não há problemas, os praticantes pagam tudo e o clube tem a sua questão financeira sempre resolvida. É claro, no entanto, que não é isto que sucede. E não sucede por uma simples razão: é que o público que vai ao futebol fá-lo por uma questão de frustração pessoal, familiar, social. Procura no futebol uma compensação das suas frustrações quotidianas, uma distracção, uma identificação com as vedetas. E porque é assim em todos os clubes, todos procuram reforçar-se o mais possível com as subscrições, as quotizações, com os mecenas e agora com o Totobola. Simplesmente, a continuar este sistema, o problema manter-se-á sem solução.

MODERADOR — Ao sr. Acácio Rosa queria pôr duas questões. A primeira sobre se está de acordo em que os clubes nada fazem para assegurar o futuro dos seus jogadores de futebol; a segunda sobre se não considera que já é tempo de se separar nos clubes as funções da prática desportiva e da organização de espectáculos desportivos?

ACACIO ROSA — O problema, quanto a mim, assenta fundamentalmente sempre nas bases em que se mantém a existência dos clubes. Como é possível que uma empresa cumpra a sua função social se muitas vezes ela não dispõe de dinheiro para pagar aos seus jogadores e quando chega o dia 8 tem de recorrer a empréstimos, às vezes com juros, para fazer face ás suas obrigações?

CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA PARA OS CLUBES

Tem de se criar condições de existência melhores para os clubes. Dou um exemplo: em Espanha, o clube que subiu agora á primeira divisão, Málaga, recebe dos seus associados uma quota de 300 pesetas. Mesmo pagando esta importância mensal o sócio terá de pagar mais 400 pesetas só para ter o direito de assistir aos jogos. Isto os sócios de menor escalão. Porque há os que vão até ás 3600 pesetas. Ora como é possível cumprir com quotas de 25$00, como acontece em Portugal? Por outro lado, há clubes da segunda divisão que não conseguem, no fim da época uma receita superior a dez contos. Como é possível, portanto, o profissionalismo nestas condições?

Creio que existe profissionalismo a mais em clubes onde não estão criadas as condições necessárias a esse profissionalismo. O problema exige uma revião total.

MÁRIO ZAMBUJAL: «O profissionalismo terá consequências tristes»

MODERADOR — Vitor Santos: creio que há dois tipos de sócio, o que paga as suas quotas para ajudar o clube e o que o faz com sentido comercial. Que pensa disto?

VÍTOR SANTOS — Tenho ideia que se vive no delírio do número de sócios e se pretende ter nesse número a razão da grandeza dos clubes. As nossas colectividades são todas omnisportvas, muitas dão-se ao luxo de ter mais de vinte secções desportivas, umas *chamadas amadoras* e outras profissionais. A quotização não pode chegar para tudo isto.

Por outro lado, esquece-se muitas vezes que os sócios fazem um bom ne-

(Continua na página seguinte)

O PLANO DE NIXON CONTRA A POBREZA

Reformar sem bulir nas estruturas

A luta contra a pobreza nos E. U. A. mereceu agora decisiva atenção de Nixon. Depois do New Deal, **de Roosevelt e da** «Grande Sociedade» **de Johnson, Nixon adopta o** «Novo Federalismo». **Consistirá este «novo federalismo» numa como que «descentralização» das responsabilidades e dos meios financeiros em matéria de assistência aos pobres.**

E, assim, os Estados e as colectividades locais, ficarão obrigados a «encarregarem-se» dos seus pobres, para o que serão financiados pelo Governo Federal. Parte do produto dos impostos federais será anualmente distribuída pelos vários Estados.

O novo programa baseia-se, além disso, na «igualdade de socorros à escala nacional» e no «incitamento ao trabalho». O programa custará 116 milhões de contos por ano (4 biliões de dólares). O Governo considera oficialmente que 25 milhões de americanos são pobres. Ser pobre é, nesta acepção, ter um rendimento anual inferior a 100 000$00 por família de quatro pessoas. No entanto, mesmo que nós — povo bem menos feliz, nos recusemos a considerar essas pessoas pobres, a verdade é que elas o são, no contexto económico-social em que vivem. E verdade é também que há, além desses 20 milhões, mais 5 milhões de americanos que vivem (ou, melhor, subvivem) com rendimentos inferiores aos da simples subsistência.

Nos termos deste novo programa (que pretende fazer tábua rasa de todos os anteriores) adoptar-se-ão subídios familiares mínimos mensais de 30 dólares (cerca de 850$00), tendo em vista subsídios de 50 dólares (cerca de 1500$00) para doentes necessitados e pessoas em idade avançada.

Encarando estes termos do programa, não serão de esperar as veementes oposições que fizeram malograr, em grande medida, o ambicioso programa de Roosevelt. No entanto, se nos lembrarmos que

o New Deal **propunha um vasto programa, à escala nacional, onde se continham alíneas como a da estabilização dos preços, programas de trabalhos públicos, fixação de normas a impor às grandes empresas, em domínio de preços, salários, horas de trabalho, além dos seguros sociais e outras medidas de auxílio aos lavradores e operários. Veremos como o programa de Nixon se fica por um plano muito mais superficial, sem qualquer incidência nas estruturas económicas e sociais da nação.**

Resta agora saber como é que este programa poderá ajudar certas comunidades rurais, como a da região da Agrakaches por exemplo, a sairem da absoluta miséria em que se debatem.

Em zonas como esta «a igualdade de socorros» e, sobretudo, o «incitamento ao trabalho» revelar-se-ão simples letra no papel. Na verdade, a que «trabalho» poderão essas populações ser incitadas, em regiões onde as indústrias extractivas vão «delapidando» a terra, e onde a cultura rural das pessoas impede qualquer adaptação a uma vida urbana? Mesmo a industrialização (aliás inexistente?) dessas zonas não resolveria os probelmas das populações, que, eminentemente rurais, não conseguiriam adaptar-se, nos anos mais próximos, às exigências de um estilo de vida, a que são inteiramente alheias.

Presentemente, a iniciativa de certas ordens religiosas tem procurado resolver, com um novo dinamismo e por processos psicológica, social e econòmicamente mais eficazes que os antigos, os problemas imediatos de alguns núcleos pobres dos E. U. A.

No entanto, cabe perguntar se essas iniciativas e esse «novo federalismo» serão exactamente aquilo de que os pobres dos E. U. A. necessitam. Não será tempo de os E. U. A. concluirem da validade do velho princípio, segundo o qual «a certas causas correspondem certos efeitos» e daí retirarem o óbvio corolário?

Quando anunciou o novo programa Nixon disse que, há uma geração, se julgava impossível alcançar a Lua, daí concluindo que «o pleno acesso de cada americano à partilha das riquezas do país», agora aparentemente impossível, poderá ser uma realidade daqui a uma geração.

Talvez. No entanto, a nossa geração sabe que o desiderato do presidente não é nada impossível. Consegui-lo é que é seguramente mais difícil que conquistar a Lua.

A. N.

A profissão de futebolista

(Continuação da página anterior)

gócio: a troco de 25$00, 30$00 mensais, têm direito a assistir gratuitamente a dois jogos — jogos em que estão envolvidas centenas de contos — como ainda a tomar parte nas assembleias e a discutir os problemas do clube, muitas vezes sem a mínima possibilidade de ajudar a resolver esses problemas. Não é com essas quotas que podem manter-se as duas faces da actividade do clube: a organização de espectáculos desportivos e a manutenção das várias secções desportivas.

MODERADOR — Tony, um profissional de futebol desconta para a Previdência e para o Fundo de Desemprego. Pergunto: tem alguma retribuição; asseguram estes descontos algumas garantias de futuro?

TONY — O jogador de futebol está muito desprotegido. Foi para mim agradável constatar que quase todos os presentes estão a favor da classe desprotegida do jogador profisional. Nós todos estamos sem uma Caixa, ou um Sindicato, que nos possam dar qualquer auxílio no caso de sobrevir impossibilidade de trabalho. Durante esta época, por exemplo, entre ordenados e luvas descontei para o Fundo de Desemprego 10 500$00. Apenas durante cinco meses. Quando terminar a minha carreira terei descontado duzentos contos. E nessa altura não terei nenhuma reforma, nenhum auxílio, nada.

UM SINDICATO DE JOGADORES UMA HERANÇA PESADÍSSIMA

Precisamos, de facto, de protecção. Creio que o José Augusto já entregou no Ministério das Corporações um documento assinado por 600 futebolistas solicitando a criação de um Sindicato dos jogadores. Seria um passo importante para a defesa da classe.

MODERADOR — Uma pergunta mais. Eras estudante e futebolista e agora és só futebolista. Resolveste por tua iniciativa continuar os estudos ou consideras que é impossível conciliar essa actividade com a tua vida profissional?

TONY — Quando vim de Coimbra tinha a intenção de continuar os estudos, mesmo com maior lentidão. Cheguei porém, à triste conclusão de que é impossível. Ainda fiz uma frequência — de Direito Romano — mas depois a série de estágios, a série de viagens que coincidiram com a segunda chamada, o desgaste nervoso que existe durante toda a época, tiraram-me toda a oportunidade de estudar. O meio ideal para conciliar o futebol com os estudos é Coimbra — e sendo o único, nem mesmo esse já vai sendo possível para alguns.

MODERADOR — Severiano Correia: pode dizer-nos as diferenças que encontrou entre o nosso País e a Grécia quanto à organização dos clubes?

SEVERIANO CORREIA — Na Grécia, desde que se criou o profissionalismo há dois anos, os clubes estão a tomar mais o aspecto de empresas que de colectividades desportivas. De tal modo que, por lei, esses clubes não podem ter mais de 300 sócios. As quotas que pagam, porém, dão-lhes apenas o direito de votar nas assembleias anuais. Nos jogos de futebol pagam os seus bilhete como quaisquer outros espectadores.

Por outro lado, os clubes embora tenham grandes receitas ainda beneficiam da grande distribuição feita pelo Totobola, que existe só unicamente para o desporto. De tal modo que a direcção dos desportos está a construir uma dúzia de estádios em todo o país. E está a construir um estádio que custa 250 000 contos tudo isto com receitas do Totobola.

MODERADOR — Todos os jogadores que dirige na Grécia são exclusivamente futebolistas ou alguns dedicam-se também a outras actividades?

SEVERIANO CORREIA — Embora se acentue a tendência para o profissionalismo, há jogadores que aliam à sua condição de profissionais de futebol os seus empregos, sem prejuízo do cumprimento das suas obrigações profissionais para com os clubes.

UMA HERANÇA PESADÍSSIMA

MODERADOR — Entendo que o profissionalismo do futebol em Portugal poderá ter uma consequência socialmente triste. Há muitos clubes que não podem proporcionar aos seus jogadores empregados condições de vida para o futuro. Não ficará uma herança pesadíssima, não teremos tristes casos de desemprego, de pessoas incapazes de se adaptarem ao meio, de pessoas que não aprenderam uma profissão, pessoas que se vêm impossibilitadas de singrar numa vida para a qual não estão preparadas? Que pensa disto o dr. Jorge Sampaio?

JORGE SAMPAIO — A resposta é afirmativa, claro. Simplesmente, não vejo que o problema seja muito mais vasto aqui que em qualquer outra camada social neste país. Neste país, efectivamente existe toda uma série de pessoas deserdadas de fortuna, não instruídas e que constituem, portanto, um impressionante lastro de subdesenvolvimento. O problema não é portanto apenas dos futebolistas enquanto tais mas é um problema geral de capacidade que urge fomentar. A *nuance* fundamental em relação ao futebolista é que ele foi no seu tempo uma pessoa com uma certa consagração, contrapondo-se a milhares de pessoas que não têm consagração, nenhuma, de que ninguém fala.

MODERADOR — Não lhe parece que depois dos trinta anos, a idade em que o futebolista termina a sua carreira, é tarde para iniciar outra vida, começar outra profissão?

JORGE SAMPAIO — Acho que sim. Seria muito interessante que as entidades competentes fizessem um estudo sobre os futebolistas que abandonaram a carreira nos últimos dez anos, de modo a determinar o número daqueles que puderam reorganizar a sua vida. O problema, no entanto, parece-me ligeiramente desfocado. Resta saber quantos daqueles que são futebolistas teriam possibilidades de aprender outra profissão

SENHORES CAPITALISTAS

DESEJAM COLOCAR O VOSSO CAPITAL NAS MELHORES CONDIÇÕES?

A NORTENHA é uma organização devidamente autorizada pelo Decreto-Lei n.º 43.767, colocando dinheiro com TODA A SEGURANÇA, SIGILO E RAPIDEZ, sobre hipotecas de propriedades a juro compensador permitido por Lei.

Prestamos toda a assistência até reembolso total do capital emprestado, nada cobrando de comissão aos srs. Capitalistas, tratando também de toda a documentação, registos, etc.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

MEDIADOR OFICIAL

LISBOA	PORTO	COIMBRA
P. da Alegria, 58-2.º	P. D. João I, 25-1.º	Av. Fernão de Magalhães, 288-2.º
Telef. 3 33 08	Telef. 2 00 85	Telef. 2 90 45

Jogos Olímpicos e Política

(Continuação da página 1)

comunismo. Também nós devemos tomar medidas para evitar o declínio do patriotismo» Estas declarações fazia-as Brundage para, de algum modo fugir às críticas dos liberais e dos judeus americanos, que muito antes daquelas competições, já garantiam o seu aproveitamento, pelos alemães, para a sua execrável propaganda política. Se, previamente, Avery Brundage condenava as suspeições dos judeus do seu país — «os judeus têm de compreender que não podem utilizar os Jogos para boicotar os nazis», dizia ele — ao regressar aos Estados Unidos, só lhe restava uma saída, pretensamente airosa: a do patriotismo anticomunista. Posição aliás, que não prejudicava o Movimento Olímpico, sabendo-se que nessa data, ainda não havia países comunistas nos Jogos... (A própria União Soviética só apareceria nas competições de Helsinquia, em 1952). Entre o reconhecimento dos justificados receios de uma parte dos americanos, e o reconhecimento dos méritos da ideologia nazi, Brundage não hesitou e fez a sua natural opção...

Trinta e dois anos depois, o mesmo dirigente — agora na presidência do Comité Olímpico Internacional — move toda a sua força, para fazer expulsar dois americanos pretos, por terem «misturado o desporto com a política.» Pela primeira vez, na história do olimpismo da modernidade, se verifica uma exclusão disciplinar de tal monta, a pretexto de uma inqualificável profanação do «ideal» desportivo Expulsão decidida, em ultima análise, pelo Comité Olímpico Americano, o qual, por lamentável e significativa coincidência, apenas é constituído por cidadãos brancos...

E tudo isto, na realidade, como se os Jogos Olímpicos não fossem, desde sempre uma autêntica e inevitável manifestação de políticas habilidosas e oportunistas dos mais variados matizes. À semelhança, naturalmente, de toda e qualquer outra actividade humana...

Entre um braço levantado e a mão aberta, como em Berlim, e um braço erguido e um punho enluvado, como no México, talvez haja para Avery Brundage algumas distinções nítidas. Talvez elas sejam, por exemplo, as que resultam, simplesmente, das suas convicções pessoais; ou o imperioso desejo de mostrar a sua autoridade, frente a dois jovens de uma etnia desfavorecida, no país comum; ou, ainda, o prudente receio de não escandalizar os governos de certos países, como era o caso de Berlim, em 1936 — para não prejudicar o brilho dos Jogos...

Acerca deste receio de melindrar as entidades nacionais, convém recordar alguns factos mais recentes, para mostrarmos até que ponto o presidente do Comité Olímpico Internacional é tão político, manhoso e oportunista... como qualquer outro político.

Diremos, em primeiro lugar, que, para não impedir a comparência dos países comunistas, ninguém lhes exige o cumprimento de uma importantíssima disposição regulamentar: a que diz respeito à independência absoluta dos comités olímpicos nacionais, perante os Governos dos países respectivos... Assim, os problemas que Brundage tem tido, por exemplo, com o teimoso general de Gaulle - que tem pretendido, e até agora sem resultado, meter alguns representantes oficiais, no Comité Olímpico Francês — nem por sombras o americano presidente os quer levantar com os países de Leste. Na realidade, e a cumprir-se o rigor dos regulamentos, as nações comunistas deveriam ser excluídas, sem apelo. Até porque, atendendo à sua feição autoritária e centralizadora, seria, nelas, inconcebível uma organização desportiva independente de tudo o mais.

Um outro sábio esquecimento dos responsáveis olímpicos é o da participação dos militares, em especial no Hipismo, no Tiro, no Atletismo e no Pentatlo Moderno, mas também sem esquecer as restantes modalidades Sabendo-se que a sua presença apenas se torna possível com uma preparação toda ela conduzida em moldes profissionais — como autênticos e privilegiados «atletas» do Estado» — há muito, já, que eles não deveriam ser admitidos a participar nos Jogos. Decisão esta que a todos os títulos seria pertinente, para a defesa rigorosa dos ideais apregoados: o amadorismo e o pacifismo... Decisão, naturalmente, que nunca ninguém tomou, para não prejudicar o esplendor das competições e o prestígio dos seus dirigentes... E não nos venham dizer que estes não sabem de nada, nem sequer das espectaculares promoções dos soldados, sargentos e oficiais de todos os países concorrentes, quando eles ganham as ambicionadas medalhas de ouro, as ambicionadas condecorações nacionais e as ambicionadas divisas ou galões dos postos imediatos.

Recordemos, também, que uma das mais lamentáveis e recentes decisões do C. O. I. foi a da exclusão dos atletas, brancos e negros, da África do Sul, já depois do seu Governo racista, e do seu não menos racista comité olímpico nacional, terem aceite as condições impostas por aquele primeiro organismo. É verdade que os governantes sul-africanos, sujeitando-se a tais imposições, apenas o faziam por oportunismo, e numa breve deslocação além-fronteiras. Mas, também, é verdade que essa mesma aceitação havia sido apresentada como uma grande vitória pelo C. O. I. O qual, mais tarde, como é sabido, se negou descaradamente logo que surgiu a ameaça (também política e antiolímpica...) de não comparência da União Soviética e das nações afro-asiáticas...

E que dizer da mais recente decisão que o mesmo Comité Olímpico Internacional tomou, na cidade do México, no respeitante às equipas alemãs? Pelos jornais, ficámos a saber que, a partir de agora, as duas Alemanhas, do Leste e do Oeste, serão representadas por equipas independentes, com os seus hinos e bandeiras oficiais... (Até agora, embora existissem duas equipas alemãs, ambas elas tinham a mesma bandeira tricolor, com os anéis olímpicos sobrepostos, e um mesmo hino — por sinal, um pequeno fragmento da 9.ª Sinfonia de Beethoven). O que, natural, vai criar um terrível problema diplomático ao Governo e entidades da Alemanha Federal, que, de há muito, já, estão a preparar as competições de 1972, a realizar na cidade de Munich...

Com igual facilidade, e na mesma altura, o C. O. I. resolveu também o problema da designação olímpica de dois países asiáticos. Assim, decretou que, para os Jogos Olímpicos do México, a «Coreia do Norte» e a «Formosa» (nomes aliás repudiados pelos Governos respectivos) ainda seriam assim chamados; e que só a partir de Munich seriam conhecidos pelas suas designações oficiais e internacionais: a República Popular Democrática da Coreia e a República da China... decisão esta que irritou de tal maneira os coreanos que eles se retiraram imediatamente do México, e definitivamente das actividades olímpicas, ao que então afirmaram...

Entretanto, e como sempre, o senhor Brundage e os seus acólitos vão gritando a sua entusiástica indignação, o seu mais vivo protesto, pelo mal que os políticos estão a causar ao Olimpismo. O qual, para o multimilionário presidente, e além doutros valores, também «é uma revolta contra o materialismo do século XX»!

Gandhi nasceu há 100 anos

(Continuação da pág. 4)

que se prestasse o maior auxílio à Inglaterra. Esperava ele com isso que Londres, uma vez terminado o conflito, desse à Península do Industão uma ampla autonomia política.

Desiludido por ver que as suas esperanças eram infundadas, Mohandas lançou a palavra de ordem: «Só no *Satyagraha* poderemos ter esperança.» Assim nasceu o movimento pacífico e não violento que acabaria por conduzir à independência da India.

Em 1919, depois de uma greve geral, Gandhi foi preso pela primeira vez no seu país. Dois anos mais tarde era eleito presidente do Congresso. Preconizou então a recusa de pagar impostos, o abandono das escolas e das repartições. Pediu também aos indianos que passassem a usar os tecidos manufacturados pelos seus compatriotas e não as fazendas vindas dos teares ingleses.

Até à independência da India em 15 de Agosto de 1947 (faz hoje precisamente 22 anos), o Mahatma jamais deixou de lutar. Foi preso inúmeras vezes. Fez jejuns enormes. De uma vez esteve sem comer nada, alimentando-se apenas de um copo de sumo de laranja por dia, durante 29 dias. Os seus jejuns faziam tremer o Governo inglês. As massas populares erguiam-se em unissono contra o estrangeiro quando Bapu, o pai, jejuava por elas.

Mas o dia da independência foi um dia triste para Gandhi. Foi triste porque coincidiu com a divisão da India em duas partes: a União Indiana e o Paquistão. Isso para ele era o maior dos pecados Mas nada pôde fazer contra o desejo dos ingleses e de um punhado de maometanos oportunistas chefiados por Jinnah. A religião de Ghandi era superior ao induismo, ao maometanismo, ao budismo e ao cristianismo. Ou melhor, ele era tudo isso. Ele próprio o afirmou quando lhe vieram contar que Jinnah o havia acusado de querer uma India unida mas governada por indús.

A política tinha-o definitivamente ultrapassado. Daí até à morte, o Mahatma passou a ser apenas o conselheiro de quem lhe vinha ainda pedir conselho. O seu espírito, porém, continuava jovem. Escreveu artigos sobre o socialismo como ele o pretendia: religioso, igualitário e não violento.

A agricultura era e é a actividade a que se entrega a maioria do povo indiano. Por isso o Mahatma afirmava em 1916:

«Sempre que ouço falar na construção de um grande palácio numa grande cidade da India, quer na India britânica, quer na India governada pelos nossos grandes senhores, digo logo: Oh, é o dinheiro que veio do camponês... Não podemos ter espírito de autogovernação enquanto tirarmos ou permitirmos que tirem aos camponeses quase tudo aquilo que constitui o fruto do seu trabalho. A nossa salvação só pode ser atingida através do camponês. Não são os advogados, nem os médicos, nem os ricos latifundiários que a vão conquistar.»

ERRATA: No último número de «Mesa Redonda» saiu, por engano, no artigo «VIETNAM DA ARROGÂNCIA DE JOHNSON AOS SORRISOS DE NIXON», na 5.ª coluna, 39.ª linha, «civicamente» e teve ler-se **cinicamente.** Na mesma coluna 61.ª linha, onde se lê 125 anos, dev ler-se 25 anos.

DOMINGO 17 DE AGOSTO A VIANA DO CASTELO
ROMARIA DA SENHORA DA AGONIA
IDA E VOLTA 150$00
BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO) E LISBOA (S.TA APOLÓNIA)
CP DEPARTAMENTO COMERCIAL

Ferrania 3M
FIDELIDADE EM CÔR
*FAÇA AGORA OS SEUS DIAPOSITIVOS COM DIA28 entregue-os de manhã
PROJECTE-OS À NOITE AO SERÃO
*FILME A PRETO E BRANCO 8 ou 16 entregue-os às 3as f. ou 5as f.
*FILME A CORES EM SUPER 8 entregue-os às 3as f. ou 6as f.
*FILME A CORES EM 8 ou 16 entregue-os às 4as feiras
PROJECTE-OS 24 HORAS DEPOIS
LABORATÓRIOS FERRANIACOLOR – LISBOA

ICING SUGAR HORNUNG
AÇÚCAR ESPECIAL PARA COBERTURA DE BOLOS
fabricado pela REFINARIA DO ULTRAMAR

O mais comum dos motores

BANDEIRA DE LIMA

As pessoas exigem frequentemente dos motores dos automóveis uma quantidade de «coisas» a respeito das quais nos temos perguntado muitas vezes se um maior conhecimento de certos valores não constituia uma natural limitação.

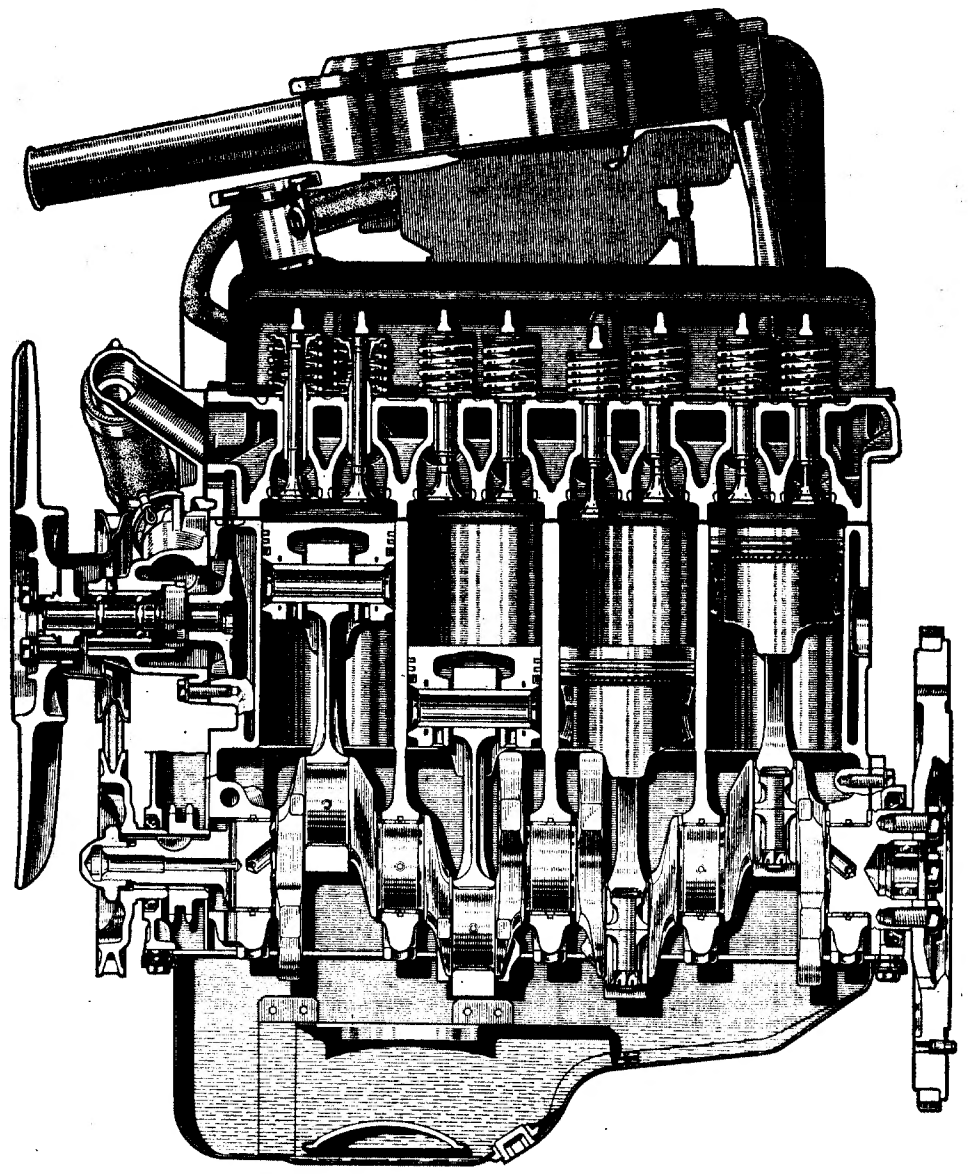
Mesmo na mais frequente versão aplicada ao automóvel, que é o motor de quatro cilindros, extremamente simples e, pode dizer-se, completamente sem «segredos» no que toca à sua aplicação ao carro de todos os dias, construído de forma a proporcionar um mínimo de «dores de cabeça», o motor de explosão é uma pequena maravilha da engenharia cujo funcionamento implica toda uma série de operações síncronas que se passam em tempos demasiadamente pequenos para que a imaginação os possa entender.

Raro é o motor que hoje não é capaz de girar a 6000 rotações por minuto (r. p. m.). Bem, isso corresponde a nada menos do que 100 voltas por segundo, ou seja, uma rotação em cada centésimo de segundo. Na realidade têm de ser extraordinários os lubrificantes fabricados pelas companhias de boa reputação, já que todos eles são capazes de manter um motor funcionando com segurança a semelhantes regimes, a despeito de o rigor de fabricação das peças não excederem o que é industrialmente permitido pela fabricação de grande série.

Mas toda a série de operações acessórias e de movimentos sincronizados que acompanham um regime de funcionamento daquela natureza é ainda mais impressionante — a 6000 rpm, em cada segundo a cambota de um motor de quatro cilindros recebe nada menos de duzentos impulsos cuja duração é de cerca de metade de uma rotação e que num motor de 1000 a 1100 cc. de cilindrada correspondem a outras tantas «pancadas» de mais de duas toneladas cada uma sobre os pequenos pistões de menos de 8 cm de diâmetro.

Tudo isto, no entanto, só é possível a semelhante regime de rotação, se a bobina for capaz de disparar, sem falhas, duzentas faíscas por segundo, em momentos perfeitamente determinados e se cada uma das oito válvulas do mesmo motor de 4 cilindros puder abrir e fechar, também em ocasiões rigorosamente fixadas e sincronizadas com o movimento dos pistões, o melhor de 50 vezes em cada segundo.

A engenharia do motor de automóvel é hoje, realmente, capaz de coisas extraordinárias quando «autoriza» os mais baratos dos motores de grande série a operarem sem falhas e durante 100 000 quilómetros ou mais nas condições que acabamos de referir.



4 cilindros: o mais comum dos motores de automóvel

A Fiat nas margens do Volga

Em seguimento ao contrato efectuado com as Fábricas Fiat, de Turim, a U. R. S. S. está a construir uma enorme fábrica de automóveis ao longo das margens do Volga. Vai ser ali fabricada uma versão adaptada do Fiat 124.

A companhia belga Elphiac, recentemente fundada (uma associada da Philips — ACEC, departamentos electrotérmicos) recebeu uma encomenda para fornecer todos os fornos de indução para equipar a forja ultramoderna da nova fábrica.

É, sem dúvida, a maior encomenda do género até hoje realizada. A encomenda eleva-se a muitas dezenas de milhões de francos belgas.

Graças á longa experiência obtida neste campo pelas duas associadas, a nova empresa foi a única que apresentou equipamento de funcionamento comprovado para aquecimento segundo várias técnicas de forja, com aplicação na indústria automóvel.

A potência de média frequência a instalar será de 19 000 kW, consumindo aproximadamente 23 000 kW. Os 52 fornos, dos quais oito são de alta voltagem (800 a 3000 kW) completamente automáticos, produzindo peças acabadas a partir do lingote ou bilete.

Estes processos automáticos foram estudados pela Elphiac em colaboração com construtores de prensas de forjagem de renome mundial.

Alguns esclarecimentos complementares:

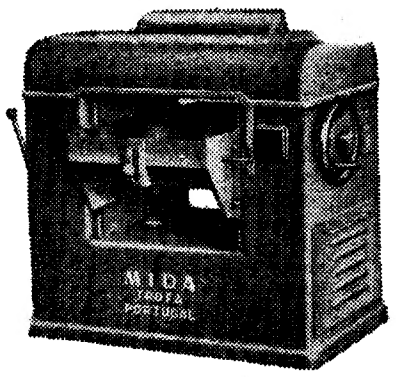
Quando a forja trabalha a toda a potência, pode aquecer 47,5 toneladas de aço por hora de 20 a 1200° C.

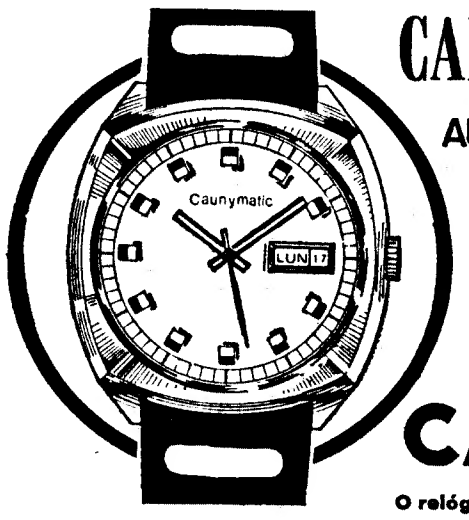
Isto representa um cilindro de aço de 1 dm² de secção transversal e 6 km de comprimento.

Ou, um rendimento de 400 peças forjadas por minuto de 2 kg de média de peso.

TRAVE COM Raybestos
Calços para travões
Discos para Embraiagem
PEREIRA & BESSONE
Av. 24 Julho, 52, 1.º-D.

EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS
Ducellier
para viaturas francesas
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-77
LISBOA

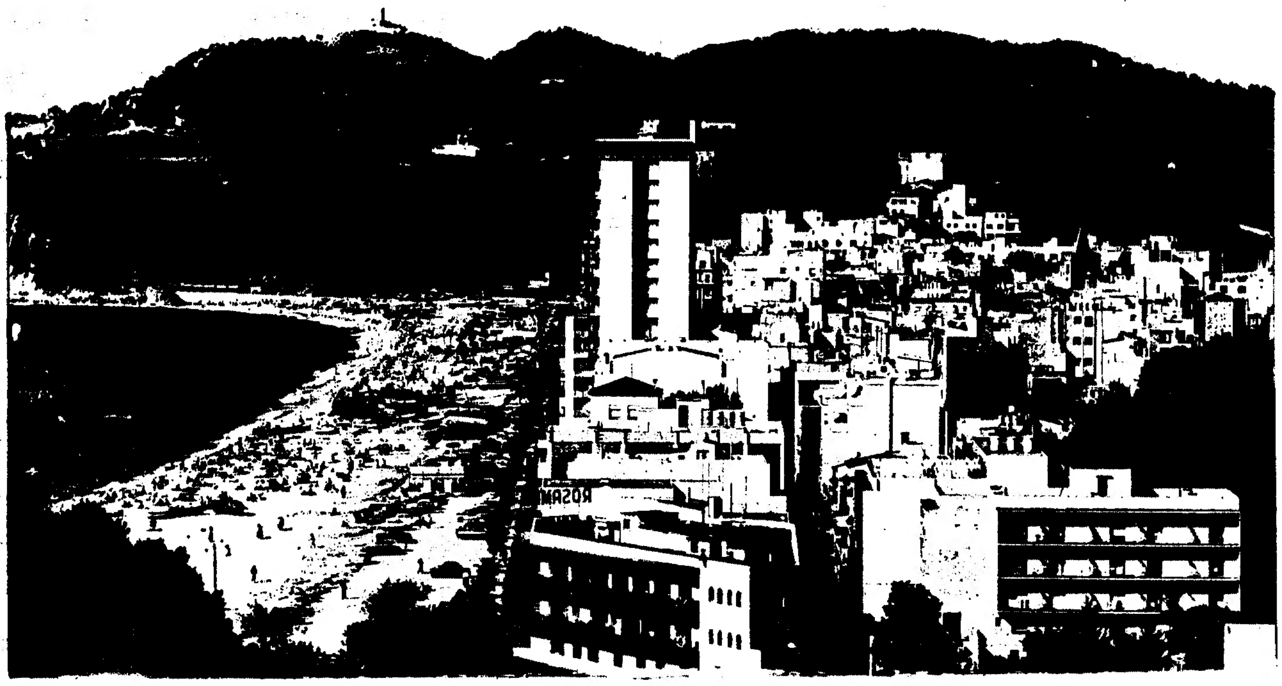
«MIDA»

DESENGROSSADEIRA
Mod 510-610-810
UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:
* SERRAÇÃO
* CARPINTARIA
* MARCENARIA
Fábrica: — TROFA (Tel. 94123/4/5)
Filial em Lisboa:
Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)


CALENDÁRIO
AUTOMÁTICO
MELHOR QUALIDADE
MAIOR EXACTIDAO
MAIOR PERFEIÇAO
MAIOR BELEZA
CAUNY
O relógio suiço para toda a vida
O relógio Cauny vale muito mais de que custa

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legítimas estação de serviço e oficinas

Cortina
J. Mendes Coelho, Lda.
Concessionários Ford
Rua Alexandre Herculano, 6-A
Escort



Paragem em Tarragona

URBANO TAVARES RODRIGUES

Três dias na Costa Brava deixam a quem há já meia duzia de anos não passava por Barcelona a impressão de um fabuloso desenvolvimento turístico.

Entre Casteil de Fers e Tarragona onde corre sobre o Mediterraneo uma estrada de maravilhosas perspectivas, bordada de pinheiros e agaves e com o azul refrescante do mar quase sempre á vista, são tantos os carros de matrícula francesa e alemã que não se pode circular práticamente a mais de trinta á hora. E se o visitante for tentado a tomar de preferência a estrada da montanha, cujo piso é gualmente bom, sentir-se-á defraudado, pois, sendo a paisagem menos colorida e capitosa, ali vai encontrar, além de um acréscimo de camiões, a mesma avalancha de automóveis de matrícula estrangeira e nacional.

N[illegible]aino a que descende a *cornic[illegible]* abandonando os altos varandins que cheiram a tomilho e onde as clinas do vento morno se enredam na copa redonda dos pinheiros, descobre-se Sitges, a cidade cujas vielas de pedra antiga são completamente juncadas de flores na Primavera. E a cada passo há uma surpresa, desde as descobertas arquitectónicas ás pálpebras cor de opala das turistas, ás camisas bordadas dos *hippies* de estimação. Toda a gente de fato de banho nas ruas, nos restaurantes. E enfim uma igreja gótica quase a pique sobre a praia, sobre os rochedos que lembram os de Génova. As gaivotas mecanicas esventrando o mar. O calor empastando o areal, cheio de chapéus de sol. Corpos que mergulham no azul doçura das piscinas naturais entre a renda áspera da margem, cortada como a de certas ansas do Guincho, mas em serenidade sensual sem rumor de espumas.

Em Tarragona marcaram *rendez-vous* este Verão hostes desinibidas de jovens franceses, que levam a contestação a todos os terrenos da vida. Há um furor de construção que põe no coração escaldante de Tarragona a trepidação constante do martelo perfurador e da misturadora. Hotéis, vivendas, sobretudo prédios de apartamentos na zona da Torre Forte erguem-se quase de um dia para outro, isto ao lado dos vestígios majestosos das civilizações fenícia, grega e romana.

Se há urbe latina que logo desde a entrada me restitua ao clima romano das legiões que traziam o código na ponta da lança (apesar do remoinho de progresso, tão actual que o comércio atesta, e do pitoresco espanholíssimo dos sinaleiros, dos *carabineiros*), é bem Tarragona. Será por causa da Torre dos Cipiões, do Arco de Bará, das muralhas exasperadas de sol. Tudo aquilo fala ainda das guerras Púnicas. Tarraco, capital da Hispânia Citerior. Colunas aqui e além, restos de templos, de um foro. E outra leitura na pedra da Catedral, na cintura do povoado medievo: a expansão da Catalunha ponto Mediterrâneo. A vida económica está também impressa nos casarões ricos do século passado, particularmente na Rambla.

A industrialização tem-se acentuado, bem como a invasão turística, que começou, em grande escala, transformando à força os costumes locais, pelo meio da década de cinquenta. A Varanda do Mediterrâneo, sobre a praia del Milagro é o elo entre a Catalunha catalã, que teimosamente subsiste, com os seus pruridos nacionalistas, a sua vocação da liberdade e do socialismo, e a grande montra cosmopolita, ao arremedo de Saint Tropez, que vai alastrando pela cidade declivosa, onde são incessantes os engarrafamentos.

O aumento do espírito de inovação, ainda tímido noutros domínios, é muito sensível aqui no do turismo, onde por certo se verifica maior largueza de informação, comunicação e crítica. Alguma coisa teríamos a aprender com a organização do turismo na Costa Brava.

Idade do bronze

Segundo algumas concepções da história, as «civilizações» nascem, evoluem e desaparecem, tal como qualquer ser vivo.

Para outras, a evolução das «civilizações» é ditada pela resposta que estas dão aos *desafios* que lhes são propostos (guerra, atitude a tomar perante o subdesenvolvimento, etc.) podendo retroceder no seu estádio de «civilização» (passar da idade do ferro à idade do bronze, mesmo que seja no aspecto monetário!), ou até desaparecerem.

Sem emitirmos qualquer juízo de valor destas concepções, alinhamos estes períodos para chamar a atenção de que uma «civilização» (ou um país) pode retroceder ou estagnar, e que uma guerra representa sempre um enorme sacrifício de vidas, riquezas, que melhor poderiam servir a humanidade no combate à miséria, à ignorância, ao subdesenvolvimento, constituindo o maior desafio que uma «civilização» (ou um país) podem afrontar.

O orçamento é hoje um instrumento da política económica sendo o seu desequilibrio defensável em muitos casos, e a moeda só é forte (só vale) por aquilo que com ela se consegue comprar dentro do país (valor interno), e fora deste (valor externo).

A unidade monetária que primeiro se considerou em Portugal (1) foi o marco, que era uma medida de peso a que se reportava a quantidade de metal precioso contido em todas as moedas cunhadas.

O marco de prata foi o verdadeiro padrão monetário. O marco de ouro, até D. Fernando, corria mais como mercadoria, do que como moeda.

E o hábito de «ratar moedas», ou de as cunhar com metais mais baratos, foi repetido na nossa história, sempre que houve necessidade de encontrar receitas. Assim vejamos um exemplo: «A primeira moeda que o Mestre de Aviz, ainda como Regedor e Defensor do Reino, cunhou, foi a de *reaes de prata* de nove dinheiros, taxada cada peça em dez soldos, havendo portanto uma libra em dous destes reaes. Appareceram depois os reaes com o mesmo valor de dez soldos, mas sòmente do toque de seis dinheiros. Não ficou por aqui a diminuição do valor effectivo da moeda, pois de seis dinheiros o toque dos reaes desceu a quatro, depois a três, a um e meio, a um, e finalmente a meio dinheiro» (1)

Por isso, no nosso caso, não nos parece desprestigiante que o escudo passe a ser de bronze, a não ser no seu aspecto mitológico!

E parece-nos que a explicação desta medida não se podia ir buscar sòmente à funcionalidade (moedas mais leves, que menos se confundem, etc.) Não. Há também outras razões, com certeza...

Há despesas e é preciso encontrar receitas

Ora moedas mais pequenas, feitas com moedas ou ligas mais baratas traduzir-se-ão, a médio prazo (depois de superarem o custo de cunhagem), em receitas.

E não é por acaso que os orçamentos detêm uma rubrica que se chama amoedação. Neste momento (de férias) não temos estatísticas à disposição para escrevermos na afirmativa quantificada. Aguardemos os próximos orçamentos. Para já, temos o escudo de bronze...

C. C.

(1) «A Troca e o seu Mecanismo», de Marnoco e Sousa (1904).

OS DIREITOS DO CIDADÃO PORTUGUES

Os direitos políticos

O ponto fundamental que, num país, distingue os cidadãos dos estrangeiros é o de que os primeiros possuem direitos políticos e os segundos não.

Os cidadãos, através do exercício dos seus direitos políticos, concorrem para a constituição dos órgãos superiores do Estado, designadamente, aqueles que têm por função fazer as leis e vigiar a sua aplicação.

O exercício dos direitos políticos é feito através do voto e daí que, nos regimes democráticos, sejam particularmente organizadas e controladas as operações de inscrição dos eleitores, o recenseamento eleitoral, e assegurado a todas as forças políticas a fiscalização deste e das operações de votação e apuramento dos resultados da mesma. Só assim é possível evitar que os que detêm o poder deturpem os resultados da votação, manipulando, em seu proveito, a contagem dos votos.

Neste sentido estrito, os direitos do cidadão português estão limitados a duas oportunidades:

— a eleição, de quatro em quatro anos, dos deputados á Assembleia Nacional;

— a eleição, de quatro em quatro anos, dos vogais das Juntas de Freguesia.

Embora o mais importante seja o que se refere á eleição dos deputados á Assembleia Nacional, nem por isso se deverão os cidadãos conscientes desinteressar das eleições para as Juntas de Freguesia, na medida em que, através destas, se influenciará a constituição das vereações das Camaras Municipais e, indirectamente também, a eleição do Presidente da Republica.

Na verdade, muitos dos males de que enferma a vida portuguesa, sobretudo nas regiões rurais, derivam do desinteresse dos cidadãos pelas Juntas de Freguesia, as quais podem ser, ao nível local, um instrumento de congregação dos cidadãos conscientes e interessados no melhoramento das condições de vida nos meios rurais. Parece-nos, pois, urgente mentalizar os cidadãos portugueses para uma actuação cívica consciente ao nível dos órgãos de administração local de base, que são as Juntas de Freguesia, pois, se é verdade que as funções que as mesmas são chamadas a desempenhar são, aparentemente, de pouca importancia, também é certo que, por desinteresse e falta de preparação dos que nelas ocupam cargos, não têm sido aproveitadas todas as suas potencialidades.

Fundamental é o direito que o cidadão português tem de eleger os deputados á Assembleia Nacional.

Estes serão, num certo sentido, os representantes dos seus eleitores e deverão fazer ouvir as queixas destes e defender os seus interesses seja contra quem for.

Há uma função da Assembleia Nacional que é de sobremaneira importante e que importa, por isso mesmo, realçar.

Compete á Assembleia vigiar pelo cumprimento da Constituição e das leis e apreciar os actos do Governo ou da Administração. Assim, os deputados podem ser, se o quiserem, os defensores dos cidadãos perante o Governo, quando tal se torne necessário. Salientemos que apreciar os actos do Governo significa louvá-los, quando o merecerem, e criticá-los, quando de crítica sejam passíveis.

Além disso, na medida em que compete á Assembleia Nacional vigiar pelo cumprimento da Constituição, é especial dever dos deputados propor as medidas necessárias para que alguns princípios programáticos contidos na Constituição tenham efectiva aplicação prática.

Do mesmo modo, as regras constitucionais (art.º 27 e art.º 40), que estabelecem, como princípio a não acumulação de lugares, quer em empregos publicos, quer privados, merecem que a Assembleia procure transformar em normas imperativas e de aplicação prática os comandos contidos na Constituição na forma de princípios.

É também da competência da Assembleia Nacional autorizar o Governo a cobrar as receitas do Estado. Quer dizer, a cobrança dos impostos pelo Governo depende da autorização da Assembleia Nacional. Parece-nos que, nenhum cidadão pode ficar indiferente a um problema como é este dos impostos, pois importa que, nas leis em que os mesmos sejam fixados, se respeitem princípios básicos de justiça social e de redistribuição da riqueza.

Pelo que acima ficou dito se verifica a necessidade do exercício consciente do direito de voto por parte dos cidadãos portugueses.

O cidadão eleitor deve votar conscientemente e com a certeza de que exerce um direito protegido por lei, cuja violação, seja ela cometida por quem for, é um crime punido severamente pelo Código Penal. Os artigos 199 e seguintes do capítulo intitulado «Dos crimes contra o exercício contra os direitos políticos» referem expressamente as penas aplicáveis nos diversos casos de violação dos direitos políticos, sejam eles por tumultos, violência, impedimento ou falsificação dos resultados do escrutínio. E a importancia do respeito pelos direitos políticos é tal, que a própria Constituição estabelece que são crimes de responsabilidade os actos dos ministros, secretários e subsecretários e agentes do Governo que atentarem contra o gozo e o exercício dos direitos políticos individuais. A condenação por este crime envolve, necessáriamente, a perda do cargo e a incapacidade para exercer funções publicas.

A referência acima feita foi tão só para mostrar a importancia que as leis vigentes atribuem ao exercício dos direitos políticos.

O exercício dos direitos políticos é um direito e um dever, dever esse a que nenhum cidadão, para que mereça plenamente essa qualidade, se deve eximir.

CIVICUS

MESA REDONDA